



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

FABIANA REGINA DA SILVA SOARES

**TRADUÇÃO COMENTADA DE CARTAS DE BYRON PARA E
SOBRE MADAME DE STAËL**

**Florianópolis
2010**

FABIANA REGINA DA SILVA SOARES

**TRADUÇÃO COMENTADA DE CARTAS DE BYRON PARA E
SOBRE MADAME DE STAËL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Profa. Marie-Hélène Catherine Torres, Dra.

**Florianópolis
2010**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina

S676t Soares, Fabiana Regina da Silva

Tradução comentada de cartas de Byron para e sobre
Madame de Stäel [dissertação] / Fabiana Regina da Silva
Soares ; orientadora, Marie-Hélène Catherine Torres. –
Florianópolis, SC, 2010.

151 p.:

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão.
Programa de Pós- Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

1. Byron, George Gordon Byron, 1788-1824. 2. Stael,
Madame de, 1766-1817. 3. Berman, Antoine. 4. Tradução
e interpretação. 5. Cartas. I. Torres, Marie-Helene Catherine. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa
de Pós- Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

CDU 801=03

FABIANA REGINA DA SILVA SOARES

**TRADUÇÃO COMENTADA DE CARTAS DE BYRON PARA E
SOBRE MADAME DE STAËL**

Esta dissertação foi julgada adequada e aprovada para obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Walter Carlos Costa
Coordenador - PGET

Apresentada à banca examinadora integrada pelos professores:

Prof. Dr. Walter Carlos Costa
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Profa. Dra. Marie-Hélène Catherine Torres
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Profa. Dra. Luana Ferreira de Freitas
Universidade Federal do Ceará - UFC

Florianópolis, 13 de setembro de 2010

Dedico este trabalho ao meu filho, Luís Fernando, e ao meu esposo, Fábio, que iluminam minha existência e me estimulam a procurar ser uma pessoa um pouco melhor a cada dia. A vocês, o meu amor e o meu reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que tem estado comigo durante toda a caminhada.

Agradeço também aos meus pais, Vanda e Edson, e especialmente à minha avó Adélia, por terem cuidado de meu filho com muito zelo e amor nos momentos em que o estudo e o trabalho exigiram que eu estivesse ausente.

Agradeço ao meu esposo, Fábio, pelo interesse demonstrado por minha pesquisa e por me ajudar a ver a tradução sob a ótica de um leitor crítico e atento.

Agradeço igualmente ao meu filho, Luís Fernando, por, desde os primeiros meses de vida, ter-me acompanhado nas andanças de uma mãe-mulher-esposa-trabalhadora-estudante e por aceitar, com admiração no olhar, a ausência que por muitas vezes se fez necessária para que este trabalho fosse concluído.

Um agradecimento especial à amiga Thays, pelos conselhos sempre sábios, pelo exemplo de mulher, pela amizade inabalável e por todo o tempo dedicado a ouvir minhas queixas, lamúrias e a famosa frase “estou trabalhando na minha dissertação”.

Quero agradecer, também, ao professor Jonathan “Jon” Holloway (aka Lord Blackadder), por ter se deixado contagiar por minha empolgação pelo tema “Byron” e pelas horas dedicadas à exaustiva revisão dos trechos mais intrincados das cartas traduzidas.

Ao professor Dr. Apóstolo Theodoro Nicolacópulos, pelas melhores aulas de inglês que alguém poderia ter e por sedimentar em mim o amor pela língua inglesa.

À professora Dra. Marie-Hélène Catherine Torres, pela oportunidade junto à PGET e por jamais ter deixado de acreditar em meu trabalho.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste projeto.

RESUMO

A presente pesquisa, vinculada à linha da “Teoria, crítica e história da tradução” apresenta a tradução comentada para o português de uma seleção de cartas em língua inglesa escritas por Byron para Madame de Staël ou endereçadas a terceiros, porém com referência a ela. O *corpus*, selecionado pela amostragem intencional, é composto de 26 cartas e constitui material ainda sem tradução em língua portuguesa, o que, somado à relevância dos dois autores para a história e para a literatura, justifica sua escolha para esta pesquisa. O processo tradutório foi norteado pelos conceitos de tradução da letra, projeto de tradução, horizonte tradutório e posição tradutória, conforme proposta de Berman (1995 e 2007). Com base nesses conceitos, objetivou-se (1) realizar uma tradução em que preponderasse o respeito à letra do texto original, com a manutenção das marcas estilísticas do autor e (2) verificar a aplicabilidade dos conceitos de projeto de tradução, posição tradutória e horizonte tradutório no processo de tradução. O *corpus* da pesquisa foi submetido a um trajeto da tradução semelhante ao aplicado por Berman (1995) para a análise de textos traduzidos. Estabeleceu-se, então, um projeto de tradução em que preponderasse o respeito à letra do texto original, identificou-se o horizonte tradutório atual como marcado por traduções em que se privilegia o sentido do texto e definiu-se a posição tradutória a ser adotada na presente pesquisa como contrária a essa tendência aclimatadora. Os resultados indicam que é possível produzir traduções que respeitem a letra do texto original, evidenciando sua estrangeiridade. Entretanto, algumas marcas estilísticas presentes no texto original não puderam ser mantidas na tradução, em função da diferença entre os dois sistemas linguísticos. Ainda, a aplicação do trinômio projeto, posição e horizonte tradutório possibilitou a explicitação dos critérios adotados no processo tradutório, fundamentando as escolhas feitas e servindo como base para a crítica da tradução e para a autocrítica do tradutor.

Palavras-chave: Byron. Madame de Staël. Cartas. Estudos da Tradução. História da Tradução. Antoine Berman. Tradução Comentada.

ABSTRACT

This research, related to the field of “Theory, criticism and history of translation”, presents a commented translation from English into Portuguese of a selection of letters from Byron addressed or referring to Madame de Staël. The corpus, selected through intentional sampling, is made of 26 letters still unpublished in Portuguese and together with the historical and literary relevance of these two authors, justify its choice for the present research. The translation process followed Antoine Berman’s concepts of *traduction-de-la-lettre*, translation project, translation position and translation horizon. Based on such concepts, we aimed (1) to do a translation focusing on the respect for the form of the original text, preserving the author’s style and (2) to verify the applicability of the concepts of translation project, translation position and translation horizon for the translation process. The research corpus underwent the same translation guidelines applied by Berman (1995) for the analysis of translated texts. We then established a translation project focused on the respect for the form of the original text, identified the current translation horizon as marked by linearised translations and defined the translation’s position of this research as contrary to this tendency. The results indicate that it is possible to do translations that respect the form of the original text, highlighting its foreign characteristics. However, some marks of the author’s style were not kept in translation, because of the difference between the two languages. Yet, the applicability of the triad translation project, position and horizon made explicit the criteria followed in the translation process, serving as basis for the translation criticism and for the translator’s self criticism.

Keywords: Byron. Madame de Staël. Letters. Translation Studies. Translation History. Antoine Berman. Commented Translation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 BYRON E MADAME DE STAËL	19
2 EPISTOLOGRAFIA	30
2.1 AS CARTAS AO LONGO DA HISTÓRIA OCIDENTAL.....	32
2.1.1 Epistolografia no Brasil	36
2.2 OS GÊNEROS LITERÁRIOS E A EPISTOLOGRAFIA	39
2.3 BYRON E SUA CORRESPONDÊNCIA.....	45
3 TRADUÇÃO COMENTADA	47
3.1 ASPECTOS TEÓRICOS DA TRADUÇÃO	47
3.1.1 A tradução do sentido e a infidelidade do tradutor	47
3.1.2 A reflexão de Antoine Berman sobre tradução	50
3.1.3 O trajeto da tradução	52
3.2 TRADUÇÃO DAS CARTAS.....	55
3.3 JUSTIFICANDO AS ESCOLHAS	133
REFERÊNCIAS	145

INTRODUÇÃO

*I am seeking, I am striving, I am in it
with all my heart.*

Vincent Van Gogh

Em 1821, Madame de Staël afirmou que traduzir as obras-primas do espírito humano era o mais eminente serviço que se podia prestar à literatura, desde que – ao contrário da prática empregada pelos franceses daquela época – não se desse a própria cor a tudo o que era traduzido¹. Para ela, a circulação das ideias era, dentre todos os tipos de comércio, aquele que apresentava as mais seguras vantagens. Mas essa circulação não poderia ser proveitosa se passasse pelo “toque de Midas”, porque embora transformasse em ouro tudo o que lhe chegasse às mãos, ainda assim o resultado seria um só e dele não se poderia tirar nenhum alimento novo para o pensamento.

Mais de um século e meio depois, o tradutor, teórico, crítico e historiador de tradução Antoine Berman, por meio de suas reflexões sobre o tema e mais especificamente de estudos sobre a cultura e a tradução na Alemanha romântica², aponta na mesma direção. Nesse estudo, Berman examina teorias de tradutores que vão de Novalis, Friedrich Schlegel e A. W. Schlegel a Hölderlin e Schleiermacher. Reunidos em torno da revista *Athenäum*, esses estudiosos produziram uma série de grandes traduções que se mostraram ser um bem durável do patrimônio alemão (BERMAN, 2002). A prática tradutória dos alemães românticos é um exemplo de como a tradução pode ser empregada para o crescimento da língua e da cultura de uma nação. Utilizando o conceito de *Bildung*, os alemães do século XVIII deram início a um processo de formação da língua e da cultura nacional que passava por um projeto de tradução estrangeirizante³ de obras literárias. Em artigo que trata sobre

¹ STAËL-HOLSTEIN, Germaine de. Do espírito das traduções. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, in: BORGES DE FAVERI, Cláudia; TORRES, Marie-Hélène Catherine (orgs.). *Clássicos da Teoria da Tradução – Antologia Bilingue (Francês-Português)*. Florianópolis: UFSC, NUT, 2004. Extraído de *Oeuvres complètes de Madame la Barone de Staël*. Tome dixseptième. Paris: Treuttel et Wurtz, 1821. A questão da tradução também foi abordada por Madame de Staël em *De la Littérature, De l'Allemagne e Biblioteca Italiana*.

² A pesquisa de Berman sobre o assunto examina as teorias de tradução propostas e aplicadas pelos românticos alemães e deu origem ao livro *A Prova do Estrangeiro*, publicado no Brasil, em 2002, pela EDUSC, com tradução de Maria Emília Pereira Chanut.

³ Os conceitos de tradução estrangeirizante e tradução etnocêntrica propostos por Berman serão apresentados e discutidos no capítulo 3 deste trabalho.

esse conceito, Suarez⁴ (2006, p. 192) afirma que “*Bildung* expressa, sobretudo, o **processo** da cultura, da formação”, razão pela qual ela refere-se à *Bildung* como “formação cultural” (grifo da autora). Dessa forma, o conceito de *Bildung* pode ser utilizado para falar do grau de formação de um indivíduo, de um povo, de uma língua.

A designação de *Bildung* como processo aparece, tanto em Hegel quanto em Goethe, ligada à prática, ao trabalho.

Elemento definidor e resultado do processo cultural, *Bildung* significa, no pensamento de Hegel, a partir de sua Propedêutica filosófica, ruptura com o imediato e passagem do particular ao universal, mais ainda, elevação ao universal, conotando aprimoramento, engrandecimento. Como trabalho, *Bildung* é formação prática, formação de si pela formação das coisas. No *Goethe* de Wilhelm Meister e nos românticos de Viena, *Bildung* se caracteriza como uma viagem, *Reise*, cuja essência é lançar o “mesmo” num movimento que o torna “outro”. A “grande viagem” de *Bildung* é a experiência da alteridade. Para tornar-se o que é o viajante experimenta aquilo que ele não é, pelo menos, aparentemente. Pois está subentendido que, no final desse processo, ele reencontra a si mesmo. (SUAREZ, 2006, p. 193, grifo da autora).

Tanto a reflexão de Madame de Staël quanto a de Antoine Ber- man, respaldadas pela prática dos românticos alemães, concedem à tradução um papel relevante na formação e no crescimento da língua e da cultura de um povo, desde que o tradutor prime pelo respeito à forma do texto original – ou texto primeiro – em detrimento de formas aclimatadoras em uso num determinado período no contexto da língua para a qual se está traduzindo. É o trilhar de “caminhos excêntricos” ao qual se referiu Friedrich Schlegel, fazendo com que o texto a ser traduzido saia de sua língua materna e mergulhe na língua de seu original, emergindo desta mais próximo de si exatamente por ter se banhado no outro.

Em seu ensaio sobre os métodos de tradução, Friedrich Schleiermacher (2001, p. 43), tradutor que participou ativamente do movimento

⁴ Professora no quadro complementar do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, Doutora em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

romântico alemão, também aborda a questão do respeito em tradução, ao afirmar que:

O verdadeiro tradutor, aquele que realmente pretende levar ao encontro essas duas pessoas tão separadas, seu autor e seu leitor, e conduzir o último a uma compreensão e uma apreciação tão correta e completa quanto possível e proporcionar-lhe a mesma apreciação que a do primeiro, sem tirá-lo de sua língua materna, que caminhos ele pode tomar? A meu ver, só existem dois. Ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele. Ambos são tão diferentes um do outro que um deles tem de ser seguido tão rigidamente quanto possível do início ao fim.

Esse respeito a que se referem os autores citados deixa claro que o ato de traduzir implica necessariamente em escolhas que serão feitas pelo tradutor do texto. Fidelidade ao texto original, aclimatação à língua e à cultura alvo, tradução livre, adaptação, enfim, todas as formas ligadas à tradução serão regidas pela relação do tradutor com o texto original, assim como pela relação do tradutor com o mundo. Essa afirmação é reforçada por Marcos Siscar e Cristina Carneiro Rodrigues (2000, p. 6), ao afirmarem que “tradução tem significado [...] muito mais do que um processo de transferência linguística; **tradução** tem também buscado dizer a nossa maneira de relação com o mundo, em seus diversos tipos de determinação” (grifo dos autores). Essa relação com o mundo reflete-se na leitura que o tradutor fará do texto primeiro e é ela que dará origem ao texto traduzido. Considerando que essa leitura será influenciada por todos os elementos que constituem o saber, o pensar e o agir do tradutor, ela será sempre uma interpretação do texto original.

É impossível resgatar integralmente as intenções e o universo de um autor, exatamente porque essas intenções e esse universo serão sempre, inevitavelmente, nossa visão daquilo que possam ter sido. [...] O autor passa a ser, portanto, mais um elemento que utilizamos para *construir* uma interpretação coerente do texto. [...] O foco interpretativo é transferido do texto, como receptáculo da intenção “original” do autor, para o intérprete, o leitor, ou o tradutor. [...] Significa que,

mesmo que tivermos como único objetivo o resgate das intenções originais de um determinado autor, o que somente podemos atingir em nossa leitura ou tradução é expressar *nossa visão* desse autor e suas intenções [...]. (ARROJO, 2000, p.40-44, grifo da autora)

Ainda, Davi Pessoa Carneiro (2007, p. 5), em artigo para a Revista *Scientia Traductionis*, cita o pressuposto de Walter Benjamin sobre a tarefa do tradutor, que seria a de “extrair da língua original a sua própria essência”, deixando fluir o que Benjamin chama de “língua pura”, que representaria o enriquecimento de uma língua através de uma vivência linguística e social calcada em outras línguas. Essa tarefa, acreditamos, só existe e é realizada devido ao que Berman denominou de “a pulsão do traduzir” que, segundo Wanessa Gonçalves Silva (2005, p. 3), se expressa como um “desejo latente de desvendar o texto e mostrá-lo nu a outra língua”.

Foi pensando na contribuição que o tradutor pode dar para o desenvolvimento da língua e da sociedade, bem como na responsabilidade de se realizar uma tarefa que, via de regra, é guiada por escolhas pessoais e avaliada por critérios subjetivos, e movidos por essa “pulsão”, que este trabalho passou a ser delineado.

Vinculada à linha da “Teoria, crítica e história da tradução”, a presente pesquisa tem por objetivo traduzir para o português uma seleção de cartas em língua inglesa de Byron destinadas a Madame de Staël e também aquelas escritas para outros destinatários, porém com menção a esta.

O fato de a correspondência em Língua Inglesa entre Madame de Staël e Byron configurar-se em material ainda sem tradução para o português, somado à importância dos escritos de Madame de Staël e da poesia de Byron para a história e a literatura mundial, justificam a escolha do tema para a presente dissertação. Ainda, embora outros destinatários tanto de Byron quanto de Madame de Staël apresentem maior volume de cartas, é exatamente a pouca atenção dispensada a um estudo comparativo desses dois autores igualmente famosos em sua época e influentes até hoje que nos estimula ao estudo do tema proposto.

A opção por traduzir cartas, e não obras literárias do autor, foi feita com base no crescente interesse acadêmico pelas pesquisas envolvendo os textos privados, tais como biografias, diários e correspondências. Além disso, conforme conceituação de Gérard Genette (1987), as cartas podem ser consideradas como paratextos das obras literárias,

paratextos esses que podem explicitar nuances e sutilezas sobre a obra de um escritor. Indo um pouco além, de acordo com a argumentação de Brigitte Diaz⁵ (2002), a correspondência pode caracterizar-se não apenas como paratexto das obras de um autor, mas como textos independentes, impregnados pelo estilo, pela personalidade e pela essência de quem os escreve. Com base na última afirmação, as cartas de Byron e de Madame de Staël, figurando como obras literárias, despertam igualmente o interesse de quem deseja estudar e aprofundar-se no legado literário dos dois autores.

O processo tradutório foi norteado pelas reflexões de Berman (1995 e 2007), com foco especial em seus conceitos de projeto de tradução, posição tradutória e horizonte tradutório, os quais serviram como pressupostos para o processo de tradução das cartas. Berman propõe o estabelecimento de um planejamento tradutório – ou projeto de tradução –, que deverá nortear o processo tradutório e servir como referência para as análises e críticas que possam ser feitas do texto traduzido. Indissociavelmente ligada ao projeto de tradução, está o que Berman classifica como a posição tradutória, ou seja, o compromisso entre a consciência do tradutor e o modo como ele internalizou as normas sobre o traduzir determinadas pelo meio. Posição tradutória e projeto de tradução, por sua vez, estão inseridos no que Berman (1995, p. 79) denomina de horizonte tradutório, que seria “o conjunto dos parâmetros da linguagem literários, culturais e históricos que ‘determinam’ o sentir, o agir e o pensar do tradutor (grifo do autor)”⁶. Com base nesses conceitos e no axioma bermaniano de tradução da letra, procuramos definir e seguir um projeto de tradução em que preponderasse o respeito à letra do texto original.

Com base nas reflexões de Berman, definimos o horizonte no qual esta tradução tomou corpo. O número de pesquisas focando a tradução comentada tem crescido consideravelmente nos últimos anos. Dentre esse número, encontram-se algumas cujo objeto de estudo é a correspondência. Teóricos da literatura também têm dirigido sua atenção ao gênero classificado como epistolar. Somamos a isso as teorias da tradução sobre essa atividade, especificamente as reflexões que questionam a tendência a se produzirem traduções fluentes na língua de chegada e temos o horizonte tradutivo preliminarmente delimitado.

⁵ Brigitte Diaz é professora de Literatura Francesa na Universidade de Caen e publicou em 2002 o livro *L'épistolaire ou la pensée nomade*, um estudo detalhado sobre a correspondência em nível histórico, cultural e literário, com aprofundamento nas cartas do século XIX.

⁶ Todas as traduções ao português, quando sem indicação do tradutor, são de nossa autoria.

Após tomar consciência do horizonte que nos cerca, buscamos identificar nossa posição tradutória. É inegável que a tendência a se produzirem traduções que privilegiem o sentido imprime marcas em nível consciente e também inconsciente – estas últimas bem mais difíceis de serem modificadas. Nossa orientação primeira no tocante à tradução, assim como nossa prática, foi calcada nessa tendência. O estudo e a reflexão acerca da tradução como tradução do sentido foi o que desencadeou os questionamentos que hoje transformamos em princípios. Contudo, é importante ter em mente que esses princípios estão sendo gradativamente assimilados, substituindo os anteriores. Essa substituição não impede que os impulsos já existentes – aqueles ligados à fluência do discurso – se manifestem em algum momento do processo. Ou seja, uma vez que nossa posição tradutória prima pelo respeito à letra do texto original, redobramos a atenção no processo de tradução do texto, para evitar que tendências privilegiadoras do sentido se cristalizem no texto final.

Em complemento à posição tradutória que assumimos neste trabalho, definimos nosso projeto de tradução: traduzir as cartas de Byron para o português de modo a privilegiar a letra do original, obtendo um texto na língua de chegada marcado pela estrangeirização e, em consequência, pela estranheza, de modo a propiciar ao leitor do texto traduzido o contato mais estreito possível com o Outro através do Próprio.

De acordo com Georges Solovieff (1970), Madame de Staël escreveu dez vezes a Byron no período de 1813 a 1817, na forma de cartas e bilhetes. Desse total, apenas dois bilhetes chegaram até nós, publicados numa seleção de cartas organizada por Solovieff⁷. Já a coletânea da correspondência de Byron, compilada por Leslie A. Marchand⁸ – a mais completa até hoje publicada, com um total de 3.000 cartas – nos apresenta três cartas escritas por Byron a Madame de Staël, todas selecionadas para o *corpus* da presente pesquisa. No tocante às cartas escritas por Byron a outros destinatários, o critério utilizado para a seleção delas foi a relevância do comentário do autor sobre Madame de Staël. Todas as cartas em que Byron faz comentários acerca das obras de Madame de Staël, ou de sua personalidade, constam do *corpus*, as quais, somadas às três cartas diretas, perfazem um total de 26.

⁷ Sobre o assunto, ver STAËL-HOLSTEIN, Germaine de. *Madame de Staël: ses amis, ses correspondants. Choix de Lettres (1778 - 1817)*. Présenté et commenté par Georges Solovieff. Paris: Éditions Klincksieck, 1970.

⁸ BYRON, George Gordon. *Byron's letters and journals*. Edited by Leslie A. Marchand. Cambridge: Harvard University Press, 12 vols. 1973-1982.

Iniciamos o trabalho com a leitura de todas as cartas contidas nos três volumes selecionados para a pesquisa, sem levar em consideração, num primeiro momento, se o seu conteúdo seria utilizado no *corpus*. Isso nos deu uma boa noção sobre as relações de amizade de Byron e sobre seu estilo na escrita epistolográfica. O tom de suas cartas variava de acordo com a intimidade com o destinatário. Após a leitura destas, passamos a selecionar aquelas cujo conteúdo seria de nosso interesse. A cronologia adotada para a busca e seleção das cartas abrangeu o período de 1813 – ano em que Byron e Madame de Staël foram oficialmente apresentados em Londres –, a 1817, ano do falecimento de Madame de Staël. A exceção foi um bilhete escrito por Byron, em 25 de agosto de 1819, na contracapa do exemplar em italiano do romance *Corinne*, de Madame de Staël, bilhete este cujo destinatário era sua amante, a Condessa Teresa de Guiccioli, dona do exemplar em questão. Selecionadas as cartas, optamos por apresentá-las cronologicamente, por acreditarmos ser esta a melhor forma para a compreensão dos assuntos abordados devido ao encadeamento sequencial dos acontecimentos.

Passamos em seguida à leitura das biografias de Byron e de Madame de Staël, o que reforçou ainda mais traços contidos na correspondência entre e sobre ambos. Após, iniciamos o trabalho de levantamento biográfico a respeito dos principais destinatários das cartas selecionadas no *corpus*. Essa pesquisa possibilitou um cruzamento entre as relações de parentesco ou amizade entre os indivíduos com o tom empregado nas cartas. Juntamente com o levantamento biográfico dos correspondentes, desenhamos a linha do tempo na esfera privada e social da vida de Byron, o que nos levou à seguinte divisão, relevante para a análise psicossocial do momento em que cada carta foi escrita:

- a) Cartas escritas em 1813 e 1814, período em que, acredita-se pelas biografias lidas, Byron, então solteiro, mantinha uma ligação amorosa clandestina com sua meia-irmã, Augusta Leigh e em que ele desponta para o sucesso como poeta na Inglaterra, ganhando posição de destaque na sociedade londrina.
- b) Cartas escritas em 1816, período em que Byron encontrava-se em exílio voluntário, na Suíça, após o término de seu turbado casamento com Lady Anabella Milbanke e do escândalo que adveio.
- c) Cartas escritas em 1817 e 1819, quando Byron já estava vivendo na Itália.

Findo o levantamento biográfico do remetente e dos destinatários, refizemos a leitura das cartas do *corpus*, dessa vez identificando as pas-

sagens que julgamos problemáticas e procurando destacar as “marcas” do autor, sejam palavras, expressões, ou o próprio tom empregado no texto. Por meio dessa delimitação, distinguimos os pontos em que teríamos alguma liberdade de tradução daqueles em que deveríamos empregar maiores esforços para a preservação das marcas textuais do autor. Somente após o escoramento em leituras colaterais e após a análise do *corpus* foi que iniciamos o processo de tradução das cartas selecionadas.

Em sequência a esta introdução, que apresentou os aspectos metodológicos e as bases teóricas que nortearam nossa pesquisa, apresentamos, no Capítulo 1, informações biográficas de Byron e de Madame de Staël, com comentários acerca da relevância das obras desses autores para sua época. Pela narrativa biográfica, esperamos evidenciar a projeção que ambos fizeram de suas experiências pessoais na composição de suas obras, bem como a influência exercida pela composição de Madame de Staël na produção literária de Byron e vice-versa.

No Capítulo 2, abordamos o crescente interesse por pesquisas nesse ramo da literatura e apresentamos uma revisão histórica sobre a prática da correspondência escrita, além de citar alguns dos principais epistológrafos de nosso tempo. Ainda, apresentamos um apanhado sobre a teoria de gênero literário e procuramos situar a correspondência em literatura como um gênero próprio, nem maior nem menor, surgido da inevitável adequação do cânone dos gêneros às mudanças socioculturais. Além disso, apontamos aspectos da correspondência de Byron.

No Capítulo 3, dedicado ao estudo da teoria da tradução, discorremos sobre a história da tradução e a origem dessa prática como tradução do sentido. Para ilustrar tal prática, fazemos uso das reflexões de Antoine Berman (1995 e 2007) e de Lawrence Venuti (1995) relativas ao cânone vigente de tradução como tradução-do-sentido, bem como da análise de Berman sobre esse assunto, abordando tal prática em termos culturais e literários. Apresentamos no capítulo, ainda, as reflexões sobre teoria da tradução propostas por Berman (1995) que norteiam esta pesquisa. Além do pressuposto de que a tradução é a tradução da letra de um texto, percorremos o mesmo trajeto proposto por Berman para a análise de traduções, porém adaptada à prática da tradução, trajeto esse fundamentado nos conceitos de projeto de tradução, posição tradutória e horizonte do tradutor. Nesse capítulo também apresentamos o texto das cartas traduzidas na íntegra, figurando a tradução junto ao seu original, seguido da confrontação da tradução com seu projeto, feita pela exemplificação no texto traduzido das escolhas feitas.

Na Conclusão, apresentamos os resultados finais da pesquisa, com algumas reflexões acerca do processo de tradução.

1 BYRON E MADAME DE STAËL

Il y a, dans le sentiment même des regrets, quelque chose de doux et d'harmonieux qu'il faut tâcher de faire connaître à ceux qui n'ont encore éprouvé que les amertumes.
(Madame de Staël, *Corinne*)

*Nothing so difficult as a beginning
In poesy, unless perhaps the end;
For oftentimes when Pegasus seems winning
The race, he sprains a wing, and down we tend,
Like Lucifer when hurl'd from heaven for sinning;
Our sin the same, and hard as his to mend,
Being pride, which leads the mind to soar too far,
Till our own weakness shows us what we are.*
(Byron, *Don Juan*, Canto IV)

Quando Madame de Staël morreu, no dia 17 de julho de 1817, aos 51 anos, Byron homenageou-a com dois textos distintos. O primeiro aparece nas notas do Canto IV de *Childe Harold's Pilgrimage*, publicado em 1818; o segundo é parte de um poema que Byron incluiu numa carta para seu editor, John Murray, em agosto de 1817. Nas notas que esclarecem as estrofes 54 e 55 do Canto IV, onde celebra os ilustres escritores sepultados em Florença, o poeta antevê o tempo em que o talento singular de Madame de Staël será valorizado, livre das distorções do julgamento da época, influenciando a posteridade (WILKES, 1999). Boa parte da nota, no entanto, enfoca Madame de Staël como pessoa e não apenas como escritora, mostrando não se tratar, nesse caso, de um escritor elogiando outro, mas do depoimento de um ser humano a respeito de alguém com quem teve a oportunidade de conviver.

Essa convivência aconteceu no verão de 1816, durante o exílio ao qual Byron se entregou após o término de seu conturbado casamento com Lady Anabella Milbank, oportunidade em que ele visitou Madame de Staël regularmente na propriedade desta última no Chateau de Coppet, às margens do Lago Lemán, na Suíça (WILKES, 1999). Coppet, na época, era um conhecido ponto de encontro para escritores e intelectuais. O círculo que Madame de Staël construiu à sua volta incluía A. W. Schlegel, Benjamin Constant, Simonde de Sismondi e Chateaubriand. Desse período, Byron declarou que a despeito das imagens sublimes do Lago Lemán, sua satisfação maior veio da contemplação das admiráveis qualidades da incomparável anfitriã de Coppet (WILKES, 1999).

Esses depoimentos, no entanto, divergem da opinião inicial de Byron sobre Madame de Staël, formada logo após a apresentação formal de ambos, ocorrida no dia 20 de junho de 1813, durante um jantar na residência de Lady Jersey, em Londres⁹. Na época, Madame de Staël já era famosa na Inglaterra graças a seus trabalhos literários e também por sua oposição à política de Napoleão Bonaparte. Byron, por sua vez, ganhava notoriedade com seu *Childe Harold's Pilgrimage*, chocava a sociedade com seu comportamento pouco convencional e era admirador de Napoleão Bonaparte. Após a apresentação oficial, ambos encontraram-se várias vezes em sociedade nos anos de 1813 e 1814, até o retorno de Madame de Staël a Paris (WILKES, 1999).

A primeira impressão de Madame de Staël sobre Byron foi a de que ele era “o homem mais sedutor da Inglaterra (SOLOVIEFF, 1970, p. 464). Byron, por sua vez, incomodava-se com o hábito de Madame de Staël de “afogar” os demais em conversas sem fim, conforme uma das anotações feitas no diário que manteve durante os anos de 1813 e 1814. Para sua confidente, Lady Melbourne, ele declara que tenta evitar a presença de Staël, já que “em sociedade não vejo nada além de uma mulher muito simples forçando os outros a ouvi-la e a olhá-la com sua caneta atrás da orelha e com a boca cheia de tinta” (WILKES, 1999, p. 4; grifo do autor). Anos mais tarde, Byron ainda lembraria o quanto ela perdia-se em longos discursos. Embora o falar sem fim fosse o tópico central da aversão de Byron, ele também se sentia repellido pela ausência de beleza da mulher de meia-idade: em junho de 1814, ele escreveu a uma correspondente na Suíça dizendo esperar que ela não fosse parecida com Madame de Staël, já que esta era “assustadora como um precipício” (*Ibid.*, p. 5)

Entretanto, os motivos explicitados por Byron para sua aversão a Madame de Staël não eram tão fortes quanto o “ciúme profissional”, já que, conforme Wilkes (1999, p. 5):

[...] Madame de Staël chegou à Inglaterra em junho de 1813, famosa como a autora de diversos trabalhos, notadamente o romance best-seller de 1807, *Corinne ou a Itália* (*Corinne, ou l'Italie*). Ela também era celebrada como o centro da resistência intelectual ao arqui-inimigo da Bretanha, Napoleão Bonaparte: em 1813, seu estudo da política e literatura alemã, *Germany* (De

⁹ Conforme cronologia apresentada por Leslie A. Marchand em seu livro *Byron's letters and journals*, vol. 3 (1813 – 1814). Cambridge: Oxford University Press, 1974.

l'Allemagne), cuja primeira impressão em 1810 foi destruída sob ordens de Napoleão, havia finalmente sido publicado – por Murray – na Inglaterra. A tradução para o inglês desse imensamente longo e acadêmico trabalho vendeu 2.250 cópias em 1813, enquanto a primeira edição do original em francês, 1500 cópias, esgotou-se em três dias. A resposta de Byron a Staël em 1813-14 foi, portanto, presumivelmente afetada pelo seu despertar para a realidade de encontrar alguém tão famoso quanto ele próprio.

Outro motivo, também consistente, para a resistência de Byron à influência de Madame de Staël dizia respeito à sua crença de que ela havia se tornado uma apoiadora acrítica da Ala *Tory* do Governo Inglês e das forças religiosas conservadoras da Inglaterra. Em carta endereçada a Thomas Moore logo após ter sido apresentado à escritora, Byron escreve que as convicções políticas de Madame de Staël estão “tristemente modificadas”, uma vez que ela é “favorável ao Lorde de Israel e ao Lorde de Liverpool – uma vil antítese de um Metodista e de um Tory – não fala de outra coisa a não ser de devoção e do ministério e, presumo, espera que Deus e o governo ajudem-na com uma pensão”.

Alguns meses depois dessa afirmação, seu poema satírico *The Devil's Drive* foi publicado, contendo entre as visões do demônio que evidenciavam o calamitoso estado político da Inglaterra, um baile oferecido pelo Regente e prestigiado por Madame de Staël, “transformada em Metodista e Tori”. Byron exagerava em relação ao alcance das convicções políticas e religiosas de Madame de Staël: ela via o sistema político britânico de forma geral, ao invés do Governo Tory propriamente dito, como um modelo para outras nações seguirem; sua atração era pelo idealismo religioso e não por manifestações particulares de qualquer corrente religiosa (WILKES, 1999). Mesmo assim, sua tendência de elogiar a vida política, social e religiosa da Inglaterra permaneceu como ponto de disputa para Byron e a exposição poética do que ele via como a corrupção e a hipocrisia de seus compatriotas teve como um de seus alvos a imagem elogiosa dos ingleses apresentada por Madame de Staël em suas obras.

Nesse período inicial, Byron declarou a respeito da obra literária de Madame de Staël que “suas obras são meu encanto, assim como ela própria por—meia hora. Eu não gosto de sua política—pelo menos não do fato dela tê-la modificado [...]. Mas ela é uma mulher por si só e tem

feito muito mais do que todas elas juntas, intelectualmente—ela devia ter sido homem”. (MARCHAND, 1974, p. 227).

Constantemente provocada pelos comentários de Byron – acrescidos de um prazer sádico em atormentá-la –, Madame de Staël chegou a dizer dele: “é um demônio!” (*Ibid.*, p. 263). Entretanto, apesar das frequentes alfinetadas, ele já fornecia indícios de que conseguia perceber algo mais atrativo e interessante na personalidade de Madame de Staël. Quando ela lhe agradeceu efusivamente por conferir mérito literário às suas obras numa nota do poema *The Bride of Abydos*, Byron mostra-se compelido a tentar formular uma resposta ao agradecimento em seu diário, quando escreve,

[...] primeiro, todas as mulheres apreciam todos, ou qualquer elogio; segundo, isso foi inesperado, porque eu nunca a cortejei, e terceiro, como Scrub diz, aqueles que têm sido durante toda a vida cortejados regularmente, por críticos regulares, apreciam uma pequena variação, e alegram-se quando alguém sai de seu caminho para fazer um comentário cortês; e quarto, ela é uma criatura de boa índole, que é a melhor razão, afinal, e, talvez, a única.¹⁰

Apesar de seu aparente desprezo pela condição feminina de Madame de Staël, assim interpretada em função da dificuldade em aceitar que obras tão bem escritas possam ter sido compostas por uma mulher, no comentário acima Byron parece reprovar-se pelo cinismo no trato para com ela, já que reconhece tratar-se de uma pessoa de bom caráter.

Esse reconhecimento consolida-se em 1816, em meio ao estado emocionalmente abalado que teve origem após o escândalo ocorrido em seu matrimônio com Lady Annabella Milbanke e por sua conseqüente saída de Londres. Diante do pedido de divórcio feito por Lady Byron, provocado, entre outros motivos, pela suspeita de que Byron mantinha uma relação incestuosa com sua meia-irmã, Augusta Leigh, desde antes do casamento, ele parte de Londres numa espécie de exílio autoimposto, deixando para trás a esposa e a filha recém-nascida, Augusta Ada (MACCARTHY, 2002, p. 5).

Em um de seus destinos – Suíça –, Byron hospedou-se na Vila Diodati, às margens do Lago Lemano, em cuja margem oposta localiza-

¹⁰ Entrada do diário de Byron datada de 7 de dezembro de 1813, presente no volume 3 de *Byron's Letters and Journals*.

va-se o Château de Coppet, casa de campo de Madame de Staël. Nesse ponto de seu degedo, Byron viu em Madame de Staël uma anfitriã compreensiva e hospitaleira. Ela, de espírito engajado por natureza, abraçou a causa da separação de Byron, buscando uma reconciliação entre ele e Lady Byron, mas não obteve êxito na empreitada (*Ibid.*, p. 6).

A confirmação de que Byron havia sido tocado pelas qualidades da *salonière* de Coppet está expressa numa das cartas desse período enviadas por Byron a Augusta Leigh, na qual ele afirma que “Mme. de Staël tem sido particularmente gentil e amigável para comigo – e (ouço dizer) travou inúmeras batalhas em minha muito indiferente causa.” Comentários similares também podem ser lidos em cartas subsequentes para Augusta Leigh, Thomas Moore, John Murray e Samuel Rogers. Para John Murray, por exemplo, Byron escreveu que Madame de Staël havia feito de Coppet um lugar tão aprazível quanto a sociedade e o talento poderiam fazê-lo por qualquer lugar no planeta (*Ibid.*, p. 7).

Apesar desses comentários e dos registros em cartas expressarem a relevância do verão de 1816 em Geneva para consolidar a opinião de Byron sobre Madame de Staël, tanto as abordagens literárias quanto as biográficas desse período enfocam muito mais a amizade de Byron com Percy Bysshe Shelley e seu círculo íntimo do que com Madame de Staël. As razões para isso vão desde o fato de ambos – Byron e Shelley – serem poetas conterrâneos, passando pela presença de Byron na ocasião em que Frankenstein foi delineado por Mary Shelley e culminando com o relacionamento de Byron com Claire Clermont – meia-irmã de Mary –, do qual nasceu sua segunda filha, Allegra.

Sobre o talento literário de Madame de Staël, as opiniões nas cartas e registros em diário desse período são entusiasmadas. Em um desses registros, Byron faz um elogio a *De l'Allemagne*: “Li seus livros – e gosto da maioria deles – e me encanto com o último” (MACCARTHY, 2002, p. 8). Seu reconhecimento do talento literário de Madame de Staël é reforçado em 1817, período em que ela buscava um editor para sua história sobre a Revolução Francesa. Byron apressou-se em escrever para seu próprio editor, John Murray, incentivando-o a aceitar a publicação do livro, sob o argumento de que *Considérations sur La Révolution française* seria “seu melhor trabalho – e permanentemente histórico.” (*Ibid.*, p. 8)¹¹. Embora os registros disponíveis sobre respostas diretas de Madame de Staël a Byron sejam escassos, é possível afirmar que ela admirava o trabalho do poeta, mas era de opinião que, pelo menos entre

¹¹ Madame de Staël faleceu antes dos acertos finais, fato que fez com que o livro acabasse sendo publicado na Inglaterra pela editora Baldwin and Cradock.

os anos de 1813 e 1814, ele era uma pessoa difícil de lidar (MACCARTHY, 2002).

Tal opinião era corroborada por aqueles que compunham o círculo de amigos de Byron. Uma hipótese para essa personalidade difícil pode residir na ambivalência física e psicológica do poeta: seu poder de atração em relação às mulheres era muito mais pela aparência delicada, quase diáfana, do que por uma compleição física máscula; seu espírito delicado, seus caprichos, sua vaidade, contrapunham-se à mente racional e analítica (*Ibid.*, p. 8). Uma das melhores descrições sobre a personalidade de Byron foi apresentada pelo historiador George Finlay (1861, p. 22-23):

Era como se duas almas distintas ocupassem seu corpo alternadamente. Uma era feminina e cheia de simpatia; a outra masculina, e caracterizada por julgamento claro e por um raro poder de apresentar para consideração apenas os fatos que eram exigidos para se formar uma decisão. Quando uma chegava, a outra partia. Em sociedade, sua alma compreensiva era seu tirano. Sozinho, ou com apenas uma pessoa, sua prudência masculina mostrava-se como sua amiga. Nenhum homem poderia então arranjar fatos, investigar suas causas, ou examinar suas conseqüências, com maior precisão lógica, ou com espírito mais prático. Porém, em seu momento mais sagaz, o surgimento de uma terceira pessoa desarranjaria a ordem de suas ideias – o julgamento sumia e a simpatia, geralmente sorrindo, tomava seu lugar. Onde ele parecia extremamente caprichoso em sua conduta, enquanto em suas opiniões ele possuía realmente enorme firmeza. Frequentemente, entretanto, ele demonstrava uma tendência feminina de desapontar-se com coisas mínimas, enquanto ao mesmo tempo possuía uma candura feminina de alma, um amor natural pela verdade, que o fazia muitas vezes desprezar a si próprio quase tanto quanto ele desprezava a elegante sociedade inglesa pelo que ele denominava de sua descarada hipocrisia.

Assim como Byron, Madame de Staël também era afeta a referências elogiosas em seus escritos. Em um bilhete de agradecimento a Byron pela referência feita a ela numa nota do poema *The Bride of Abydos*, ela afirma que a menção fê-la sentir-se, pela primeira vez, certa de sua fama. Apesar dessa amabilidade, em 1814, ao parabenizá-lo pelo “estilo encantador” de *O Corsário*, Madame de Staël o critica por suas reservas em relação a ela, e dá a entender que ele tem algum tipo de mania de perseguição, quando diz

Se estás cometendo o erro de não te importar com a raça humana, parece-me que ela está fazendo tudo o que lhe está ao alcance para reconciliar-se contigo, e o destino não destratou o homem que ele próprio fez o maior poeta de seu século. Traiteis aqueles que te admiram com um pouco mais de gentileza. (WILKES, 1999, p. 9).

Sobre o trabalho de Byron, o comentário de Madame de Staël em sua cobertura sobre a cultura britânica na obra *Considérations sur La Révolution française* é igualmente laudatório. Assim como ele a colocou entre as mentes brilhantes do Lago Lemán, ela o elogia como parte de uma nova escola de poesia britânica que inclui Samuel Rogers, Thomas Moore, Campbell e Scott e que se caracteriza pela imaginação, sensibilidade e por uma espécie de fervor idealista, que ela denominou de “entusiasmo”.¹²

Para Wilkes (1999), existem evidências consideráveis na poesia de Byron da influência que os trabalhos de Madame de Staël exerceram sobre ele, assim como esta última foi movida pelo *corpus* do trabalho de Byron publicado enquanto ela ainda vivia. Segundo a autora, o tributo que Byron ofereceu a Madame de Staël no Canto IV de *Childe Harold* está inserido naquela exata passagem não apenas para ligá-la aos grandes escritores enterrados em Santa Croce, em Florença, mas para recordá-la de sua própria evocação dos mesmos escritores no mesmo local, em sua mais famosa obra, *Corinne*¹³, que foi o primeiro romance de Madame de Staël a expressar uma atitude melancólica em relação às viagens e a assinalar a aura de paixão da Itália, duas características – melancolia e paixão – associadas diretamente ao Romantismo e, mais

¹² *Considérations sur la Révolution Française* (1818), présenté et annoté par Jacques Godechot (Paris: Tallandier, 1983), pt 5, ch. 5, p. 551.

¹³ *Corina ou a Itália*, 1945, Edições Cultura.

especificamente, com o *Childe Harold* de Byron alguns anos depois. Wilkes (1999) sugere que uma forma interessante de interpretação de *Childe Harold IV* seria entendê-lo como uma resposta a *Corinne*.

Embora existam poucas discussões sobre o impacto das obras de Byron nas de Madame de Staël, sobretudo por conta do período de possível influência ter sido reduzido com a morte dela¹⁴, sua primeira biógrafa, Mme. Necker de Saussure, afirmou que os poemas de Byron provocaram fortes emoções na autora, agindo como um tônico para suas ideias e para sua criatividade. Ainda, uma faceta da mudança de orientação na poesia de Byron, identificada a partir de 1816 – e comentada por diversos críticos –, pode ser atribuída a uma tentativa de reparação de sua imagem pessoal, esforço que a própria Madame de Staël procurou fazer diante do escândalo do divórcio de Lord e Lady Byron (WILKES, 1999).

No tocante às suas obras, tanto Byron quanto Madame de Staël beneficiaram-se de uma perspectiva continental que fez deles verdadeiros cosmopolitas. Os títulos de seus trabalhos – *Corinne, ou l'Italie, De L'Allemagne, Childe Harold's Pilgrimage, Don Juan, Beppo*, e os dramas venezianos *Marino Faliero* e *The Two Foscari* – fornecem evidências de que ambos podem ser considerados cidadãos do mundo. Essa característica em comum demonstrava que ambos exploravam a capacidade de adaptação aos mais variados ambientes, inerente ao ser humano; a *mobilité* atribuída por Madame de Staël a sua heroína Corinne tem seu paralelo na *mobility* empregada por Byron na personagem Lady Adeline Amundeville, em *Don Juan*, assim como nos heróis protagonistas desta última obra e também de *Beppo* (WILKES, 1999). Essa perspectiva cosmopolita pode tê-los levado a criar heróis e heroínas similares, porém com um quê de superioridade, culminando assim com o surgimento de “protagonistas cujos temperamentos, talentos e experiências permitem elevá-los acima da esfera dos pobres mortais – figuras como Delphine e Corine de Staël e os famosos heróis byronianos (de Byron) Childe Harold, Giaour, Selim, Conrad/Lara e Manfred(o)”. (*Ibid.*, p.17).

Para alguns críticos e estudiosos do assunto (MOERS, 1985; GUTWIRTH, 1978), *Corinne* pode ser vista como a versão feminina de *Childe Harold* ou, ainda, como o herói byroniano para as mulheres. Wilkes (1999) afirma que tanto Corinne quanto Delphine intrigaram os leitores europeus e que Corinne exerceu grande influência nas mulheres leitoras da época, devido, especialmente, aos seus brilhantes feitos como artista, somados à aclamação pública que lhe renderam, o que desafiava

¹⁴ Madame de Staël faleceu em 1817, não tendo acesso a grande parte da obra de Byron.

a ideia de que a natureza feminina destinava-se, apenas, à vida doméstica como esposas e mães. Ambas Corinne e Delphine são retratadas pela autora como mulheres possuidoras de qualidades incomuns. Corinne é uma mulher de origem desconhecida, possuidora de grande beleza física, que encanta a todos com seus dons artísticos – mostrando-se excelente dançarina, atriz, música, pintora e escritora – e, principalmente, com suas qualidades de improvisadora; Delphine, apesar de não possuir os talentos artísticos da primeira, é igualmente bela fisicamente, de espírito idealista e coerente com seus princípios, agindo de acordo com sua consciência e com generosidade, mesmo que isso signifique ir contra a opinião pública e pôr em risco sua reputação. Por sua vez, o herói byroniano é um ser errante temperamental e sem descanso, um exilado da sociedade, que possui um leve desdém pelos valores convencionais e pelo destino da humanidade. Considerando os traços pessoais mais admirados pelo Romantismo – convicção passional, independência e individualismo absolutos, desrespeito pela autoridade restritiva e pelas leis injustas que essa mesma autoridade representa –, a noção de herói romântico encaixa-se perfeitamente na personalidade dos protagonistas de Byron. Seus mais famosos personagens, *Manfred*, *Childe Harold* e *Don Juan*, tipificam esse perfil de herói, assim como o próprio Byron. Eis onde o herói romântico mistura-se com o herói byroniano e compõe, também, a heroína staeliana (WILKES, 1999).

Outro ponto em comum nos personagens é que tanto a heroína staeliana quanto o herói byroniano compartilham o destino de não alcançarem o pleno desenvolvimento de seu brilhante potencial, com a diferença de que, enquanto as heroínas criadas por Madame de Staël são vítimas de terceiros, o herói byroniano é autodestrutivo. A passividade das heroínas de Madame de Staël reflete a submissão dela própria à moral e às convenções da sociedade, apesar de sua postura influenciadora e de suas manobras de bastidores sugerirem o contrário. Já Byron criou protagonistas bastante ativos. Para Wilkes (1999), as atitudes pró-ativas dos heróis byronianos são uma demonstração da busca de Byron pela realização pela fama e pelo poder. No periódico *The Edinburgh Review*, John Croker Wilson acusou Byron de ser um "indubitável adorador do poder", cujo herói supremo era Napoleão. Evidências para tal afirmativa devem-se à celebração que Byron fez do poder do homem e da masculinidade em *Manfred* e em *Childe Harold III*. Diferentemente de Byron, porém em consonância com suas heroínas, Madame de Staël não se identificava com o desprezo que Napoleão demonstrava por terceiros. Sobre essa característica de Napoleão, Madame de Staël escreveu que "ele considera uma criatura humana como um fato, ou como uma

cousa, mas não como um ser humano. Ele não odeia mais do que ama: para ele, existe apenas ele próprio, e todas as outras criaturas são nada.” (*Ibid.*, p. 79).

Uma das diferenças entre os heróis diz respeito à personalidade lacônica do herói byroniano em oposição às habilidades comunicativas da heroína staeliana. Essa diferença, entretanto, apenas evidencia traços de uma composição autobiográfica desses dois heróis, na medida em que Childe Harold reflete o espírito taciturno de Byron, e Corinne, por sua vez, a eloquência de Madame de Staël (WILKES, 1999).

Ao seu modo, cada um dos autores envolveu-se com a vida política do período, procurando exercer algum impacto como escritores, esforço este que sofreu influência de gênero. Segundo Wilkes (1999), existe uma forte demarcação do papel social dos sexos em obras como *Delphine*, *Corinne*, *Childe Harold*, e nos Cantos de *Don Juan*. Para a autora, as questões de gênero envolvendo as obras desses autores devem-se, em grande parte, à influência que o pensamento de Jean-Jacques Rousseau exerceu sobre ambos. O primeiro trabalho publicado de Madame de Staël intitulava-se *Lettres sur les ouvrages et le caractère de J. J. Rousseau*. Por sua vez, Byron expressou seu interesse pelo filósofo genovês em *Childe Harold III*, talvez em função de ser constantemente comparado a ele. A comparação foi comentada – e negada – por Byron em seu *Detached Thoughts* (WILKES, 1999). Já para Madame de Staël, o relacionamento com Rousseau mostrava-se bem mais importante, em grande parte pela delimitação que este fez dos papéis políticos e literários que caberiam às mulheres. As considerações de Rousseau, relegando as mulheres à esfera privada da vida em sociedade, exerceram influência na sociedade e na política francesa durante a vida de Madame de Staël, fazendo-a aceitar a marginalidade feminina em relação à vida pública. (*Ibid.*, p. 26). Para ela, a vida doméstica e a dependência em relação aos homens eram atribuições da vida feminina. Além disso, ela elogiava a rígida demarcação dos papéis sexuais na Inglaterra. Contudo, o esforço de Madame de Staël para ver o papel político da mulher como exclusivamente moral era embaraçado por suas próprias tentativas de exercer influência política indireta ao buscar posicionar estrategicamente na vida pública os homens que participavam de seus salões literários. Uma possível justificativa para a não realização do potencial de suas heroínas pode residir exatamente em seu conflito interno diante da moral da sociedade e dos desejos do espírito: enquanto aspirava e trabalhava para a plena realização de suas potencialidades por meio de uma influência indireta na vida social e política, deparava-se com a necessidade de submissão ao sexo oposto, imposta pela moral da

época, que não admitia uma presença ativa ou a influência feminina em sociedade.

Além das similaridades apontadas pelo estudo comparativo das obras dos dois autores, Wilkes (1999) evoca o conceito mais recente de intertextualidade como relevante para a análise das influências presentes na composição das obras tanto de Madame de Staël quanto de Byron. A autora cita o conceito de Roland Barthes (1992), para intertextualidade, onde textos anteriores de uma cultura própria ou de culturas próximas influenciam textos posteriores, fazendo com que cada texto seja o resultado consciente ou inconsciente de citações já feitas. No caso de Madame de Staël e de Byron, especificamente, temos dois autores com amplo conhecimento literário e de mundo embasado em frequentes e sucessivas leituras – inclusive das obras um do outro –, memória privilegiada e grande erudição. Portanto, onde as afinidades literárias entre ambos não são explicadas pela influência direta, Joanne Wilkes, pelo seu estudo comparativo e pelo conceito de intertextualidade, evidencia uma dimensão mais ampla, onde as experiências vividas por ambos levaram a criar personagens afins – preservadas as diferenças de gênero – e a abordar questões similares em suas obras.

2 EPISTOLOGRAFIA

Why are you capable of imagining a world without letters? Without good souls who write letters, without other souls who read and enjoy them, without those third-party souls who take them from this person to that person – that is, a world without senders, addressees, and letters carriers? A universe in which all is said dryly, in abbreviated fashion, hurriedly and on the run, without art and without grace?

Pedro Salinas, *Defense of the Missive Letter and of the Epistolary Correspondence* (1948)

John L. Brown (1990), em artigo publicado no periódico *World Literature Today*¹⁵, afirma que a carta pessoal, como nós costumávamos conhecê-la, está desaparecendo. Seja pelas exigências da vida contemporânea, que fazem com que os indivíduos assumam mais e mais responsabilidades e tarefas que precisam ser executadas cada vez em menos tempo, seja pela relação proporcionalmente inversa das interações humanas modernas – conhecemos um número enorme de pessoas, porém nos relacionamos mais superficialmente com elas –, o fato é que a comunicação atual parece estar abolindo a correspondência escrita trocada via correio convencional.

A carta tradicional, com o advento da internet – que popularizou o correio eletrônico¹⁶ e contribuiu para a propagação do uso do computador pessoal –, passou a ser substituída pela mensagem eletrônica (*e-mail*), em um processo natural de modernização dos meios de comunicação. No que diz respeito ao *e-mail*, a velocidade com que uma mensagem eletrônica chega a seu destino, aproximando virtualmente pessoas e acontecimentos por vezes geograficamente muito distantes, é o grande

¹⁵ BROWN, John L. *What ever happened to Madame de Sévigné? Reflections on the fate of the epistolary art in a media age*. *World Literature Today*, vol. 64, 1990, p. 219 a 220. Com formação acadêmica em Literatura Comparada, John L. Brown foi colaborador e membro da comissão editorial do *World Literature Today* por várias décadas.

¹⁶ Embora a utilização em massa do correio eletrônico só tenha acontecido após a popularização da internet na década de 1990, sua criação data de 1965, 4 anos antes do surgimento da ARPANET – considerada como a precursora da rede mundial de computadores a que hoje temos acesso.

diferencial em relação à secular forma de correspondência com papel e tinta.

Paradoxalmente, enquanto o século XX – a partir da segunda metade – viu diminuir o número de adeptos da epistolografia, “[...] nunca houve tantas cartas, tantas correspondências completas editadas e publicadas, tantos artigos acadêmicos, colóquios e conferências devotados a cada aspecto – literário, sociológico e psicológico – da arte epistolar.” (BROWN, 1990, p. 216).

Apesar do interesse crescente pelo tema, Barton e Hall (2000) afirmam que a epistolografia ainda é um campo pouco explorado em comparação a gêneros como o romance e a poesia, num contraponto ao aspecto cronológico e histórico da prática epistolográfica. Oliveira

(1997, p. 14) oferece argumentos que reforçam essa afirmação – sob a

ótica dos estudos linguísticos – , quando diz que “o gênero epistolográfico

co não é um dos mais entusiasticamente preferidos pelos que se detêm na análise das produções textuais”. Ainda segundo a autora, “a palavra, circunscrita a um contexto situacional particular e, por isso mesmo, individualizado, não parece exercer o mesmo fascínio ao estudioso, o leitor-crítico, que, em maioria, recorre a outros tipos de composição como fontes de perquirição linguística” (*Ibid.*, p. 14).

Para Diaz (2002), o caráter “nômade” das cartas, que as faz circular entre diversos gêneros literários – exatamente por apresentarem ca-

racterísticas tão abrangentes que dificultam sua categorização – , pode

ser apontado como um dos responsáveis pelo desinteresse em se tomar as cartas como objeto de estudo. Talvez a ameaça de extinção dessa

prática tenha contribuído para sua presente valorização acadêmica e literária.

2.1 AS CARTAS AO LONGO DA HISTÓRIA OCIDENTAL

Os registros mais consistentes sobre a origem da carta remontam à Grécia Antiga, nas chamadas epístolas escritas pelos retóricos e na correspondência de um pequeno grupo de filósofos, composto especialmente por Epicuro, Isócrates e Platão (MIRANDA, 2000). Essas cartas, embora algumas vezes endereçadas a apenas um destinatário e bem próximas da fala, representavam o discurso específico dos oradores, ou seja, do falante sofisticado para o público, além de serem escritas com consciência de leitura por e para mais de uma pessoa e de não necessariamente reproduzirem a forma e o tom de uma genuína conversa. Se tomarmos como base a definição de carta como sendo “o meio de comunicação que sucede imediatamente o oral, suprimindo a ausência de um interlocutor direto” (SAINTSBURY, 1922, p. 1), as epístolas de Sinésio de Cirene são as que melhor exemplificariam tais escritos na referida época. Além de importantes como documento literário, suas cartas dão mostras claras de sua personalidade e, de modo geral, da cultura grega no período de queda do Helenismo (CAMILOTTO, 2001).

Em sequência, buscando inspiração no modelo grego, despontam as cartas do período romano, cuja produção e qualidade superam a dos primeiros. Um dos motivos para a superioridade das cartas romanas diante das gregas pode ser atribuído à estrutura da sociedade grega ter sido formada por cidades pequenas e quase que independentes, onde todos se avistavam diariamente e os assuntos das outras cidades não lhes ocupavam tanto o interesse. Assim, desaparece para os gregos o objetivo essencial da carta, que é o de encurtar distâncias, aproximando os ausentes e compartilhando informações. São exemplos da epistolografia romana as cartas de Cícero, Plínio, Sidônio Apolinário e de Sêneca. Dentre esses autores, as coleções de epístolas redigidas por Cícero são as que mais alcançaram notoriedade. Suas cartas, num *corpus* de mais de oitocentas, são dirigidas a um número pequeno de destinatários e retratam a vida do orador e político no seu dia a dia, suas angústias e esperanças, suas emoções e opções, o fluir dos acontecimentos (PEREIRA, 2006). Ainda sobre as cartas desse período, sendo alguns de seus autores cristãos, Saintsbury (1922) aponta para uma conexão entre a dissemina-

ção do cristianismo e a prática epistolográfica, apesar da deficiência de registros literários formais para comprovar tal pensamento.

Do período da Idade Média Clássica (séculos XI a XIII), cuja escassez de registros não permite quantificar nem qualificar a produção literária, as cartas mais famosas são as de Abelardo e Heloísa, datadas do século XII, cujo conteúdo retrata a história de amor e a tragédia que envolveu o casal. Ao citá-las, Sainstbury (1922) aborda a polêmica questão referente à autenticidade delas, levantada no século XIX por críticos como Barbey D' Aurevilly, Johan Gaspar Orelli, L. Lalanne e S. M. Deutsch. Para os dois últimos, a correspondência não devia ser vista como uma obra histórica ou biográfica, mas como um trabalho de “ficção literária”, imaginado e escrito pelo próprio Abelardo (ROCHA, 1997, p. 26, grifo do autor). Esses estudos fundamentaram outros, surgidos no século XX, em especial os de B. Schmeidler e de Ch. Carrier. A contestação desses estudos veio com maior força nos anos 1950 e 1970, com as pesquisas de J. T. Muckle e em especial os de J. F. Benton e J. Monfrin, cujos trabalhos foram apresentados e debatidos no Colóquio Internacional do Centro Nacional de Pesquisa Científica de Paris, ocorrido em 1972 (ROCHA, 1997). Em que pesem todas as discussões – passadas e presentes – sobre o tema, um maior peso recai, por enquanto, para o lado dos que defendem a autenticidade da correspondência de Abelardo e Heloísa.

No século XV, despontam como exemplos da produção epistolográfica inglesa as *Paston Letters*. Esses escritos refletem a condição da Inglaterra durante o período de 1422 a 1509, mostrando um momento conturbado pela fraqueza da coroa britânica e por um estado de guerra civil entre os nobres do país. No plano íntimo, revelam as relações dos Pastons com seus vizinhos – algumas delas hostis; outras, amigáveis. Também são inúmeras as ilustrações do curso de eventos de interesse público, bem como dos costumes e da moral da época (DAVIS, 1999).

Em seguida às *Paston Letters*, já no século XVI, despontam as cartas de Roger Ascham (1515-1568), um dos principais representantes da transição da Idade Média para a Renascença. Formado pela *St. John's College*, onde obteve seu título de Bacharel em Grego, Ascham ocupou, entre outros postos, o de tutor da Princesa Elizabeth, que, anos depois, se tornaria a Rainha Elizabeth I. Escreveu diversos tratados, dentre os quais se destacam *The Scholemaster* e *Toxophilus*. Estudioso, diplomata e cosmopolita, Ascham iniciou a escritura de sua correspondência em latim, optando, mais tarde, por escrever em inglês. Ainda no período da Renascença, quando as coleções de correspondências de Cícero, Sêneca e Plínio começaram a ser publicadas, assim como as cartas do poeta

italiano Annibale Caro (1507-1566) e do escritor e compositor Girolamo Parabosco (1524-1577), a correspondência francesa passa a destacar-se com autores como Etienne du Tronchet e Etienne Pasquier (SAINTSBURY, 1922).

O volume da produção de cartas não para de crescer nos séculos XVII e XVIII. Especificamente neste, tanto a França quanto a Inglaterra experimentaram o desabrochar de sua produção epistolográfica. E não apenas o volume aumentou consideravelmente, mas a qualidade das cartas escritas nesse século era, também, admirável. Como afirma Brown (1997, p. 2), “cultivated people, undistracted by television, had time, lots of time, to write letters”. Além da correspondência pessoal, esse período viu surgir o romance epistolar onde cartas parcialmente ou inteiramente fictícias, eram utilizadas como veículo de narração. Brown (1990) cita como exemplos de romances epistolares as *Lettres d'une péruvienne* (1847), de Mme. de Graffigny, as Cartas Portuguesas (1669), escritas pela freira Mariana Alcoforado, a *Nouvelle Héloïse* (1761), de Jean-Jacques Rousseau e as *Ligações Perigosas* (1782), de Chordelos de Laclos. No tocante à correspondência pessoal, apenas para ilustrar a produção desses dois séculos, no contexto inglês citamos a correspondência de Samuel Pepys (1633-1703), James Howell (1594-1666), John Donne (1572-1631), John Evelyn (1620-1706), Dorothy Osbourne (1627-1695), Jonathan Swift (1667-1745), Alexander Pope (1688-1744), Horace Walpole (1717-1797), Thomas Gray (1716-1771) e William Cowper (1731-1800). Já na França, temos as cartas do médico Guy Patin (1601-1672), a volumosa correspondência de Voltaire (1694-1778) e de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), as cartas de prisão do Marquês de Sade (1740-1814), assim como as cartas de diversas autoras femininas, tais como Madame de Sévigné (1626-1696), Mlle de Launay (1684-1750), Mlle Aissé (1694-1733), Madame Du Deffand (1697-1780) e Mlle de Lespinasse (1732-1776)¹⁷.

A produção epistolográfica se manteve constante no século XIX. Embalada pelo Romantismo e por seus representantes, a correspondência nesse período era utilizada pelos escritores para comentar suas obras com amigos e editores, servindo como uma espécie de laboratório para suas produções artísticas. Ao mesmo tempo, as obras de outros autores eram comentadas pelas cartas trocadas entre seus leitores, em um tipo de crítica literária postal. Sobre a importância da correspondência nesse período, Raleigh (1923, p. 85) afirma que

¹⁷ Cf. SAINTSBURY, 1922.

[...] dos dois poetas do Movimento Romântico – Byron e Keats –, pode-se dizer que não os conheceríamos como conhecemos se não fossem por suas cartas. Byron era algo como um “poseur”, mas em suas cartas, porque estas eram escritas para seus amigos, isso é posto de lado, elas são simples, sinceras, diretas, cândidas e masculinas, cheias de sábias críticas sobre literatura e de inteligentes reflexões sobre a vida, sem a menor simulação de elevação ou de bravatas.

Com base na afirmativa de Raleigh (1923), é possível sugerir que a noção de cartas como paratextos das obras literárias tenha surgido exatamente dessa visão de que os autores tanto expunham sua personalidade quanto discutiam o processo de criação e de análise de suas obras por meio de suas correspondências. Como exemplo de epistológrafos do século XIX, citamos, na França, Madame de Staël (1766-1817), François-Réné de Chateaubriand (1768-1848), Félicité Robert de Lamennais (1782-1854), Stendhal (1783-1842), Honoré de Balzac (1799-1850), Victor Hugo (1802-1885), George Sand (1804-1876), Charles Augustin Sainte-Beuve (1804-1869), Gustave Flaubert (1821-1880) e Émile Zola (1840-1902). Na Inglaterra, são exemplos de epistológrafos de destaque Robert Soutney (1774-1843), Charles Lamb (1775-1834), Byron (1788-1824), Percy Bysshe Shelley (1792-1822), John Keats (1795-1821), Thomas Carlyle (1795-1888), Jane Welsh Carlyle (1801-1866), Elizabeth Barrett Browning (1806-1861), Edward Fitzgerald (1809-1883), William Makepeace Thackeray (1811-1863), Charles Dickens (1812-1870), John Ruskin (1819-1900), e Robert Stevenson (1850-1894)¹⁸.

Já no século XX, apesar da competição instaurada pelo telefone, pelo telégrafo e pela mídia escrita e falada, as cartas resistiram até meados da década de 60, quando a correspondência com papel e caneta começou a ceder lugar, gradativamente, para o correio eletrônico. Já as pesquisas sobre o gênero epistolar e a publicação de coletâneas de cartas dos epistológrafos do século XX aumentaram e crescem exponencialmente, num movimento compensatório à escassez da correspondência tradicional.

¹⁸ Cf. SAINTSBURY, 1922.

2.1.1 Epistolografia no Brasil

A história do Brasil começou a ser contada por meio de uma carta. Pero Vaz de Caminha, ao escrever para o Rei de Portugal, Dom Manuel, dando notícia sobre a chegada em solo novo, não economizou em detalhes e observações sobre a terra recém-descoberta. Ao ler uma versão contemporânea daquele documento, temos a sensação de presenciar o descobrimento, com toda a carga de surpresa e fascínio diante do encontrado (MOARES, 2005, p. 25-26). Graças ao zelo do autor, hoje se sabe com riqueza de detalhes o que aconteceu há mais de 500 anos, tudo devidamente registrado nas folhas daquela que é conhecida como a certidão de nascimento de nosso País.

Ainda no século XVI, começa a tomar corpo a correspondência do Padre José de Anchieta, religioso da Companhia de Jesus que aportou em terras brasileiras em 13 de julho de 1553, onde permaneceu em missão apostólica durante 44 anos, até sua morte em 1597. Devotado a seus objetivos missionários, José de Anchieta aprendeu rapidamente a língua dos índios para levar a eles o ensinamento cristão. Em carta endereçada a Ignácio de Loyola, é possível perceber tanto a firme consciência cristã do jesuíta que pensava em salvar muitas almas quanto os sinais de que a cultura indígena estava prestes a perder, irremediavelmente, suas raízes. (*Ibid.*, p. 36)

Do século XVII, podemos citar as cartas do Padre Antônio Vieira (1608-1697). Nascido em Portugal e educado em colégio de jesuítas na Bahia, Antônio Vieira sempre demonstrou desejo de intervir nos mais importantes acontecimentos políticos e sociais no Brasil daquele período. Em suas cartas e sermões, ficaram registradas as marcas do homem participativo e documentados os desmandos do poder em terras brasileiras, o sofrimento dos escravos, as mentiras, as intrigas e os interesses da corte e dos colonizadores (*Ibid.*, p. 42).

Como exemplo da correspondência brasileira do século XVIII, temos as cartas do magistrado Diogo de Toledo Lara de Ordonhes, paulista educado em Coimbra e designado como provedor pela coroa portuguesa na cidade de Cuiabá durante o período das monções para descoberta de ouro na região. Em uma de suas cartas, Diogo de Toledo relata a um amigo essa viagem de São Paulo a Cuiabá, revelando as dificuldades e os sustos da empreitada. Além dos relatos da viagem, é possível identificar nos escritos do magistrado uma visão de mundo com resquícios da ideologia da época do descobrimento, com o colonizador con-

vertendo os gentios e destruindo, pouco a pouco, sua cultura bárbara (*Ibid.*, p. 50).

Já no século XIX, são vários os expoentes brasileiros no campo da epistolografia. Temos as cartas do poeta Álvares de Azevedo (1831-1852), que transcreve nas linhas que traça a sua mãe, o quão intolerável lhe parecia a província de São Paulo, onde fora cursar Direito. Nas queixas à mãe, o jovem Álvares, então com 17 anos, parece imaturo e frívolo, em nada condizente com o outro, que escreve em tom intelectualizado ao amigo Luís Antônio Silva Nunes, expondo projetos literários e leituras formadoras do espírito ultrarromântico (*Ibid.*, p. 58).

Além de Álvares de Azevedo, o século XIX traz as cartas do poeta maranhense Gonçalves Dias (1823-1864), genuíno representante da primeira fase do romantismo literário brasileiro, marcada pela busca de uma literatura original, valorizando a natureza do país e o índio (*Ibid.*, p. 62). É também desse período a extensa correspondência do poeta Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871), assim como a do poeta simbolista João da Cruz e Sousa (1861-1898), que deixa fluir o romantismo nas cartas à sua noiva e, posteriormente, externa ao amigo Nestor Vitor toda a angústia e sofrimento pela doença nervosa da já esposa. Temos ainda a correspondência de D. Pedro I (1798-1834) à Marquesa de Santos (1797-1867), trocada durante o período em que foram amantes, que foi de 1822 a 1829. A temática é variada, mas repete-se ao longo dos anos. Nas cartas, os períodos do romance apresentam-se bem demarcados pelas formas de tratamento empregadas pelo Imperador. Quando a paixão está ardente, D. Pedro chama a marquesa de “Titflia” e assina como “O Demonão”, “Demo” ou “Fogo Foguinho”; no momento mediano da relação, ele a trata por “Querida marquesa”; e quando o relacionamento esfria e está a ponto de ter fim, o tratamento é o de “Marquesa de Santos”. Curiosidade sobre a correspondência é que as cartas costumavam ser cruzadas, com D. Pedro respondendo no mesmo papel em que a marquesa lhe havia escrito (AGUIAR, 2000, p. 103, grifos do autor).

O século XIX tem ainda a correspondência entre os escritores José de Alencar (1829-1877) e Machado de Assis (1839-1908), que mostra um verdadeiro jogo verbal dos dois intelectuais brasileiros, diferentes em estilo, mas conscientes do seu fazer linguístico, no emprego sólido da palavra escrita (AGUIAR, 2000).

Adentrando o século XX, temos as inúmeras cartas de Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884-1914) endereçadas à mãe, D. Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos, nas quais podemos acompanhar cronologicamente a vida do poeta na sua passagem pela Paraíba,

por Pernambuco e pelo Rio de Janeiro. Também do século XX são as cartas apaixonadas que o poeta Olavo Bilac (1865-1918) escreveu à noiva Amélia de Oliveira, dando vazão a todo o sentimento que o futuro poeta sentia pela jovem donzela. O noivado foi interrompido por desejo de um dos irmãos de Amélia, que considerava demeritório o casamento da jovem com um jornalista e quem saiu lucrando foi a poesia, uma vez que em muitos dos versos de Olavo e de Amélia (também poeta), percebe-se a sombra desse amor sem solução (OLIVEIRA, 1997, p. 78).

Em seguida, temos a extensa correspondência de Monteiro Lobato (1882-1948). Lúcido em relação às causas de seu tempo, Lobato deu à sua pena de escritor uma atribuição militante, criticando o atraso econômico e a precariedade intelectual do Brasil (OLIVEIRA, 1997, p. 82). Epistológrafo admirável, parte de sua produção foi endereçada a Godofredo Rangel e posteriormente compilada e publicada sob o título de *A Barca de Gleyre*. Considerado por muitos como um escritor acadêmico, as cartas de Lobato mostram grande espontaneidade e agudeza na análise de obras, autores e pessoas (OLIVEIRA, 1997, p. 26).

Merecem destaque também as cartas de Oswald de Andrade (1890-1954), considerado um dos mais importantes introdutores do Modernismo no Brasil, bem como a correspondência de José Lins do Rego Cavalcanti (1901-1957), cujos destinatários iam de José Américo de Almeida e Antônio Houaiss a Érico Veríssimo e Graciliano Ramos (LIMA; FIGUEIREDO Jr., 2000).

Um dos grandes expoentes brasileiro na epistolografia foi, sem dúvida, Mário de Andrade (1893-1945). Correspondente contumaz, como ele próprio se classificou, produziu ao longo de sua vida um acervo de cartas que conta com 7688 documentos (LOPEZ, 2000, p. 276). Sua correspondência é comparada à dos grandes nomes da epistolografia universal e apresenta-se como solo fecundo para as mais variadas linhas de pesquisa.

As cartas trocadas entre ele e Manuel Bandeira (1886-1968), num ir e vir que durou 20 anos, ensinam muito sobre o movimento modernista brasileiro, pois historiam debates sobre os valores artísticos da vanguarda e revelam as estratégias de um grupo para consolidar uma arte que pudesse melhor traduzir o caráter nacional do País. Situados no mesmo plano intelectual e possuindo interesses comuns no campo da arte, Mário e Bandeira puderam, principalmente, estabelecer o “diálogo franco da crítica” (MORAES, 2005, p. 91). Trocaram produções literárias, aguardando apreciações para que pudessem melhorar o escrito. Nesse ir e vir de missivas, ambos crescem, aceitando ou recusando sugestões e, assim, “a criação literária se faz a quatro mãos” (*Ibid.*, p. 92).

O mesmo aconteceu com Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) que, por ter sobrevivido vários anos ao amigo¹⁹ e parceiro na epistolografia, debruçou-se sobre o material oriundo da prosa epistolar e, em conjunto com Alexandre Graça Faria, transcreveu os manuscritos e datiloscritos, que culminaram com a publicação do livro “Carlos & Mário”, contendo a correspondência completa desses dois expoentes da literatura e da cultura brasileira (MORAES, 2005).

2.2 OS GÊNEROS LITERÁRIOS E A EPISTOLOGRAFIA

Os primeiros a aventurarem-se como teóricos da epistolografia foram o orador ateniense Demétrio de Falero, em seu tratado *Do estilo*, o sofista Filostrato, que compôs *Typi epistolares*, e o neoplatônico Proclo, com o seu *De forma epistolari*. Em suas obras, os três reproduziam modelos que ensinavam a desenvolver os temas mais variados com a clareza e a qualidade necessárias (MIRANDA, 2000, p. 43). Embora esses autores apresentassem uma classificação das cartas, tendo Demétrio, inclusive, discorrido sobre uma teoria do gênero epistolar, suas obras assemelhavam-se mais a manuais de como bem escrever, semelhantes ao *Ars dictaminis* e aos vários publicados a partir do século XVI, nascidos da necessidade de afirmação da sociedade de corte por meio do controle sobre gestos e atitudes.

A ideia era assegurar o convívio social através de comportamentos que todos pudessem aceitar e decodificar. Rapidamente, esse princípio espalhou-se às mais diversas atividades do cotidiano. A escrita foi uma das práticas que o sofreu com maior intensidade. Em vários países, a própria maneira de segurar a pluma, de forma a, com determinados gestos, obter os efeitos mais interessantes, era ensinada nas escolas através de tratados, e cultivada com absoluta propriedade pelos chamados “mestres escrivães”. (REVEL, 1990, p. 169).

¹⁹ A correspondência entre Carlos e Mário teve início em 1924, ano em que se conheceram, e durou até fevereiro de 1945, quando Mário faleceu prematuramente em São Paulo.

Apesar do grande número de manuais versando sobre a arte de bem escrever cartas, foi a partir do século XVIII que a epistolografia, até então difundida e praticada apenas entre membros de camadas privilegiadas da sociedade, recebeu impulso notável e passou a ser incluída entre os gêneros textuais, impulso este devido, em grande parte, à alfabetização das massas, em decorrência da Revolução Industrial (*Ibid.*, p. 42). Foi também nesse período que o romance epistolar galgou os degraus da crítica literária por tratar-se de texto imaginativo, surgido do talento e da criatividade de quem o escreve, encaixando-se, assim, nas classificações de gênero propostas pelas teorias vigentes. Quanto à epistolografia, ou seja, a escrita íntima sobre fatos cotidianos e reais, esta permaneceu em segundo plano, especialmente por carecer, às vistas de críticos e estudiosos da literatura, de talento e ficcionalidade.

Foi no século XIX, com o rompimento dos autores românticos com a teoria neoclássica dos gêneros, negando assim as qualidades essenciais para a classificação de uma obra como literária – pureza, fixidez

e hierarquia – , que a epistolografia começou a ocupar espaço nas teorias

de gênero, embora ainda como texto de classificação diversa, devido ao caráter difuso de seu conteúdo.

Segundo Maria de Fátima Valverde,

O termo carta refere-se a determinadas prescrições formais (indicação do emissor, do receptor, local, data, saudações iniciais e finais, conteúdo distribuído no corpo do texto onde se manifestam os objectivos e as motivações do emissor), a algumas propriedades enunciativas e a traços temáticos específicos determinados pelo tipo de carta (2001, p. 12).

Enquanto texto, a carta tem a possibilidade de provocar modificações no destinatário, assim como o poder de influenciar ideias, atitudes, de enriquecer e permitir a reflexão, atuando como “mediadora de ficcionalidades e de funcionalidades” (VALVERDE, 2001, p. 13). Devido à autoridade textual de seu emissor, “a carta pode transformar-se também, pelo seu carácter reflexivo, em guia para explorar as profundi-

dades da alma e do ser, um meio de aferir e de apreender concepções estéticas” (*Ibid.*, p. 11). A carta, nesse sentido, é o receptáculo da *escrita de si* (*écriture de soi*), conceito formulado por Foucault (1984) para definir uma forma de expressão pessoal que permite uma análise biográfica do autor através do que ele pensa de si e do que ele constrói para o leitor, independente de essa construção ocorrer de forma consciente ou inconsciente. Conceição (2006, p. 23) argumenta que:

[...] a *escrita de si*, presente nas correspondências, está intrinsecamente relacionada com o *outro*, envolvendo uma prática social que os pesquisadores devem levar em consideração ao analisar as misivas. A escrita de uma carta marca um constante intercâmbio entre remetente e destinatário, em que o *outro*, mesmo ausente, se faz presente [...] (grifo da autora).

Valverde (2001, p. 11-12) defende ainda a carta como gênero epistolar trans-histórico, “recorrente ao longo de vários séculos de literatura”, com vários aspectos a se considerar, tais como:

[...] a modalidade de enunciação: emissor/receptor que poderíamos inserir no âmbito de uma comunicação indireta objetivada; classe com um estatuto próprio que não se integra a priori e diretamente, na narrativa, drama ou lírica; subclasses dentro do gênero epistolar que permitem um estudo das suas variantes múltiplas que o alargam a uma dimensão a um tempo ficcional e funcional: gênero co-extensivo a dois domínios: ficcional e funcional (*Ibid.*, p. 13).

Genette (1987), por sua vez, subdivide o gênero epistolar em dois grupos: o das cartas confidenciais, onde o remetente tem em geral um destinatário e o dos diários, onde o autor escreve para si mesmo. Em relação às cartas confidenciais, o autor se dirige em primeiro lugar a um confidente real, cuja personalidade importa na comunicação, até o ponto de fazer variar sua forma e seu conteúdo. E se, eventualmente, o público, finalmente admitido nessa confiança ou nessa intimidade, tomar conhecimento – de uma maneira sempre diferenciada – de uma mensa-

gem que, a priori, não lhe é dirigida, o leitor dessa correspondência deve sempre levar em consideração seu destinatário.

Ainda segundo Genette (1987), as cartas de um escritor exercem uma função paratextual em relação às suas obras, na medida em que, pela correspondência, o autor pode dar um testemunho sobre os vários momentos de sua autoria: sua composição, sua publicação, a recepção do público e da crítica especializada, enfim, sobre todas as nuances que circundam sua obra. Das reflexões de Genette, utilizamos neste trabalho as características relativas a emissor, receptor e objetivo por ele propostas, mas optamos por complementar sua pesquisa com a de Brigitte Diaz (2002) no que se refere à classificação e à função das cartas em literatura.

Na obra *L'épistolaire ou la pensée nomade*, Diaz (2002) questiona a classificação da correspondência como mero paratexto das obras de um escritor e defende que não ocupa um gênero definido em literatura exatamente por navegar entre vários gêneros. Segundo a autora, é difícil considerar a correspondência como um anexo biográfico do autor e de sua obra ou ainda como um conjunto autônomo de escritos secundários e subalternos, já que a correspondência vem, ao longo do tempo, lubrificando e dinamizando toda a engrenagem da escrita em si.

Ao analisar o posicionamento da correspondência nas classes de gêneros literários, Diaz (2002) afirma que, por serem consideradas como textos híbridos, as cartas têm sido sujeitas a toda forma de identificação genérica, oscilando imprecisamente entre as classificações propostas dentro da teoria literária: em alguns casos, aparecem na categoria de arquivos; em outros, na de documentos históricos; há ainda autores que as classificam como relatos. A crítica do século XIX situou-as nas fronteiras da literatura, aceitando-as, contanto que não ultrapassassem esse limite. Uma característica paradoxal em relação à correspondência como gênero literário: embora sejam guardadas com fervor, publicadas, difundidas e comentadas exatamente como obras independentes, as cartas são igualmente reduzidas ao *status* subalterno de dados biográficos ou psicológicos para servir como exemplificação da história de um indivíduo e, eventualmente, da de sua obra. Eis onde Diaz (2002) questiona o reducionismo de Genette (1987), quando este considera a correspondência como uma ferramenta paratextual.

Considerar as cartas como textos que ultrapassam a classificação formal dos gêneros, tal como defende Diaz (2002), não significa que as cartas não possam formar um gênero novo, autônomo em relação aos já existentes. A teoria moderna admite que os gêneros não são limitados em número e que sofrem mudanças e transformações, o que faz com que

alguns desapareçam e novos surjam, podendo, ainda, se misturar numa mesma obra. Alguns podem corresponder mais que outros às exigências ou necessidades de determinadas épocas estilísticas ou mesmo de autores, ao passo que outros podem apresentar dificuldade de classificação (COUTINHO, 1987, p. 740). Considerando que há escritores que se subordinam apenas parcialmente aos arquétipos do gênero, modificando-os ou, por sua vez, renovando-os, é certo afirmar que muitos gêneros se renovam ou renascem através desse processo, denominado por Bakhtin (1997) como “transmutação dos gêneros” (grifo nosso).

Ainda sobre a classificação da epistolografia dentro da teoria dos gêneros, Tin (2005, p. 8) defende a autonomia do gênero epistolar. Segundo o autor,

[...] essa autonomia pode ser mais facilmente reconhecida em confronto com os gêneros que mais se aproximam do epistolar. A carta se diferencia do diário na medida em que, embora ambos sejam textos escritos ao longo do tempo, no passar dos dias, a carta pressupõe um destinatário imediato, que é efetivamente o destinatário da carta, enquanto que o diário é supostamente secreto, mesmo que seja escrito tendo em vista um destinatário imediato.

A carta difere da autobiografia também nesse aspecto do destinatário, pois a autobiografia se destina explicitamente ao público, enquanto a carta, em princípio, é dirigida apenas ao destinatário nela estampado. O mesmo se pode dizer das memórias que, além da intenção de publicação, carregam ainda o aspecto de serem escritas em momento muito posterior à ocorrência dos fatos narrados, enquanto a carta é redigida no calor dos acontecimentos, ou em momento imediatamente posterior. A carta mantém certa semelhança com o diálogo, ao pressupor um interlocutor presente em ausência, que é o destinatário, além de guardar, por vezes, traços do diálogo, como a coloquialidade e a informalidade. Essa proximidade com o diálogo parece estar na raiz do gênero epistolar, e desde os mais remotos tempos corrobora para que a carta seja definida como uma conversa escrita (TIN, 2005, p. 9).

Para aqueles que argumentam que as cartas são um texto de qualidade inferior em virtude de apenas comunicarem algo a alguém que não está presente, Amaral (2000), em artigo publicado sobre a correspondência de Madame de Sévigné, afirma que a ausência de um projeto literário não significa despreocupação com o texto. Angelides (2001, p.

15) propõe o mesmo questionamento acerca das cartas como obras literárias: “Pode ser a carta lida e usufruída como obra de literatura, ou constitui apenas um material auxiliar para o conhecimento de seu autor, de problemas relacionados com a sua obra, de suas concepções e de seu ambiente social?”. A própria autora fornece a resposta (*Ibid.*, p. 23), quando argumenta que:

[...] embora numa carta a descrição de uma paisagem, o relato de um acontecimento, de uma vivência, a expressão de um sentimento tenham o cunho da veracidade, da não-ficção, porque seu sujeito-de-enunciação é histórico, o material linguístico é submetido ao crivo altamente seletivo do escritor, que recria a sua experiência pessoal.

E prossegue:

Sendo as cartas, em geral, dirigidas a uma determinada pessoa, esta orienta muitas vezes o grau de literariedade, de fragmentação, de espontaneidade, bem como o teor e o tom do discurso. [...] Entretanto, é preciso também considerar outros fatores decisivos no discurso epistolar, tais como o assunto, a situação em que o autor se encontra etc. Tudo isso conduz a forma do discurso e contribui para compor as suas múltiplas facetas, algumas de valor meramente documental, outras de valor estético ou estético-documental (*Ibid.*, p.25).

Moraes (2007) afirma que é possível, inicialmente, recuperar na carta a expressão testemunhal que define um perfil biográfico. “Confidências e impressões espalhadas pela correspondência de um artista, contam a trajetória de uma vida, delineando uma psicologia singular que ajuda a compreender os meandros da criação da obra” (MORAES, 2007, p. 30).

Uma segunda possibilidade de abordagem do gênero epistolar

Procura apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período. Nesse sentido, as estratégias de divulgação de um projeto estético, as dissensões nos grupos e os comentários acerca da produção contemporânea

aos diálogos contribuem para que se possa compreender que a cena artística (livros e periódicos, exposições, audições, altercações públicas) tem raízes profundas nos bastidores. (*Ibid.*, p. 30)

Há ainda uma terceira via interpretativa, que vê o gênero epistolar como “arquivo da criação, espaço onde se encontram fixadas a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística, desde o embrião do projeto até o debate sobre a recepção crítica favorecendo a sua eventual reelaboração” (*Ibid.*, p. 30). Nessa última linha, a carta ocupa o estatuto de “crônica da obra de arte” (*Ibid.*, p. 30).

No caso específico da carta como arquivo da criação, um texto que soe encenado, exibicionista, propositadamente construído, deve ser tratado com excesso de zelo. A narrativa testemunhal por meio da correspondência deve ser posta em permanente suspeição, com a crítica genética caminhando a passos cautelosos no universo da epistolografia, pois o sujeito molda-se como personagem em face do interlocutor. Assim, a *escrita-de-si* poderia transmutar-se numa *invenção-de-si*, da qual o remetente pode ter maior ou menor grau de consciência. Não sendo possível definir quando e se essa transmutação ocorre, a natureza do gênero epistolar torna-se ainda mais complexa, levando-nos a considerar, em qualquer análise, que a carta encontra-se ancorada em um ponto da trajetória de vida do sujeito. E é nesse ambiente movediço que a verdade que a carta eventualmente contém – a do sujeito em determinada instância, premido por intenções e desejos, deve ser entendido e analisado, dentro de sua condição pontual, cambiante e fértil de idiossincrasias (MORAES, 2007, p. 31-32).

2.3 BYRON E SUA CORRESPONDÊNCIA

Durante sua vida, Byron escreveu cartas numa frequência bastante regular para a época, o que acabou produzindo um numeroso material epistolográfico. A coletânea mais relevante de sua correspondência ativa, organizada por Leslie A. Marchand²⁰, possui 3.000 cartas compila-

²⁰ BYRON, George Gordon. *Byron's letters and journals*. Edited by Leslie A. Marchand. Cambridge: Harvard University Press, 1973-1982, 12 vols.

das em doze volumes, apresentados em ordem cronológica, iniciando em 1798 e terminando em 1824.

Segundo Marchand (1974), as cartas de Byron, seja qual fossem o conteúdo ou o destinatário, eram sempre recheadas com a inteligência, a ironia e o sarcasmo característicos do autor, além de trazerem observações agudas a respeito das pessoas e da sociedade londrina. Por meio de seus comentários, Byron forneceu não apenas uma visão particular dos assuntos que abordava, mas mostrou aspectos da personalidade do homem que influenciou a literatura e o comportamento de seu tempo.

Os inúmeros correspondentes de Byron iam desde jovens moças apaixonadas pelo poeta, com as quais a troca de cartas era tão efêmera quanto o interesse dele por elas, até confidentes de toda uma vida. Dentre essa gama, citamos aqueles que mais relevância tiveram para nossa pesquisa, por serem os destinatários das cartas selecionadas para nosso trabalho de tradução. São eles Lady Melbourne – amiga e confidente de Byron –, Thomas Moore – amigo íntimo e poeta admirado por Byron desde a adolescência –, John Murray – editor de suas obras –, Lady Caroline Lamb – sua amante mais obstinada –, Samuel Rogers – amigo quase tão estimado quanto Thomas Moore –, Augusta Leigh – sua meia-irmã – e Lady Annabella Milbanke – esposa pelo período de um ano e mãe de sua filha legítima, Augusta Ada. Embora Madame de Staël tenha sido uma correspondente de menor proporção pelo volume de cartas, sua relevância histórica e literária justifica a seleção para nossa pesquisa.

As primeiras cartas de Byron a que tivemos acesso foram as que continham comentários acerca de Madame de Staël, remetidas a destinatários diversos. Nessas cartas, seu tom é mais informal e oscila entre o jocoso e o depreciador. Embora a opinião de Byron sobre ela não fosse das mais positivas, ele ainda assim conseguia distinguir a pessoa da autora, elogiando em determinados momentos as obras da escritora.

Já as três únicas cartas a que tivemos acesso escritas por Byron para Madame de Staël apresentam um tom mais formal ou de respeito, talvez devido à etiqueta e aos assuntos abordados – na primeira carta, Byron comenta sobre a referência que fez à obra *De l'Allemagne* em seu poema *The Bride of Abydos*; e nas seguintes, comenta e agradece os esforços de Madame de Staël na tentativa de reconciliá-lo com a ex-esposa.

Uma vez apresentadas as características textuais do *corpus* de nossa pesquisa, passaremos às reflexões teóricas que a fundamentam e à tradução comentada.

3 TRADUÇÃO COMENTADA

O tradutor tem todos os direitos, desde que
jogue honestamente.
Antoine Berman

Este capítulo traz um apanhado sobre a história da tradução e a origem dessa prática como tradução do sentido, além das reflexões sobre tradução de Antoine Berman (1995 e 2007), escolhidas para nortear nossa pesquisa, apresentando, também, a tradução comentada do *corpus* selecionado para nosso trabalho.

3.1 ASPECTOS TEÓRICOS DA TRADUÇÃO

3.1.1 A tradução do sentido e a infidelidade do tradutor

Em *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, Antoine Berman (2007) relata que durante um seminário ocorrido no *Collège International de Philosophie*, em Paris, no ano de 1984, sua menção à expressão “tradução literal” provocou mal-entendidos na plateia, especialmente entre os tradutores tidos como profissionais, mal-entendidos esses que o autor não conseguiu resolver por completo. Para sua audiência, a expressão utilizada significava tradução “palavra por palavra”, prática considerada como quase que inaceitável por um tradutor experiente. O problema criou-se pela confusão que existe entre a palavra e a letra de um texto. Enquanto defendia a tradução literal como sendo a tradução da letra de um texto, sua plateia a entendia como defesa da tradução palavra por palavra. Para esses profissionais, traduzir é buscar equivalentes, é buscar a transmissão do sentido, transmissão essa que deve tornar o texto traduzido mais claro, limpá-lo das obscuridades, da estranheza inerente à língua estrangeira. É rejeitar o Outro em favor do Próprio²¹. É submeter à cultura própria tudo o que se encontra fora dela,

²¹ As expressões Outro e Próprio foram utilizadas por Berman em *A prova do estrangeiro* (2002) e podem, por analogia, ser ligadas aos binômios estrangeirização/domesticação, tradução da letra/tradução do sentido.

numa prática classificada pelo autor como tradução etnocêntrica. Cabe-nos agora o seguinte questionamento: de onde vem a prática da tradução como tradução do sentido, como ela se opera e quais bases a sustentam?

Segundo Berman (2007), a tradução do sentido nasceu em Roma e é visível nas traduções anexionistas, com os textos, as formas e os termos gregos sendo latinizados. Porém, apesar de terem sido os romanos os primeiros a evidenciar essa prática, sua essência está calcada no pensamento grego, mais precisamente em Platão. Berman (2007) denomina de corte platônico a separação feita por Platão entre o sensível e o inteligível, entre o corpo e a alma e, por extensão – no que diz respeito à tradução –, entre o sentido e a letra de um texto. O corte platônico tem suas bases na ideia da existência de um *logos*, ou sentido universal, do qual todas as línguas estariam impregnadas. Com esse pensamento, todas as línguas seriam dotadas de um sentido invariante e, em existindo esse sentido, a forma pela qual ele é transmitido não teria relevância. Eis onde sentido e letra são dissociados.

O autor aponta três características da tradução do sentido: em termos culturais, ela é etnocêntrica, ou seja, reduz tudo à cultura para a qual se traduz; em termos literários, ela é hipertextual, na medida em que as mudanças implementadas por essa redução ao que é doméstico implicam alterações que ultrapassam o limite imposto pelo texto original; e em termos filosóficos, a tradução é platônica, pois dissocia em um texto o sentido de sua letra. Para ele, essas três características encobrem outras três, porém ligadas ao respeito à letra: a ética, a poética e a tradução filosófica, dos quais ele analisa apenas os dois primeiros, já que o terceiro demandaria um estudo bastante particular e extenso (BERMAN, 2007).

Sobre o etnocentrismo, Berman (2007, p. 29) nos apresenta a visão de tradução de Colardeau, poeta francês do século XVIII, segundo o qual “Se há algum mérito em traduzir, só pode ser de aperfeiçoar, se possível, seu original, de embelezá-lo, de apropriar-se dele, de lhe dar um ar nacional e de naturalizar, de certa forma, esta planta estrangeira”. Essa concepção de tradução gerou na França dos séculos XVII e XVIII as famosas “belas infiéis” – obras em que o tradutor realizava alterações no texto traduzido de acordo com seu gosto e vontade, independente do texto original da obra estrangeira.

Ainda sobre a tradução etnocêntrica, Berman aponta os dois princípios nos quais ela se baseia: “[...] deve-se traduzir a obra estrangeira de maneira que não se ‘sinta’ a tradução, deve-se traduzi-la de maneira a dar a impressão de que é isso que o autor teria escrito na língua para a qual se traduz” (BERMAN, 2007, p. 33).

Com base nesses dois princípios, podemos deduzir que, numa tradução, as marcas da língua de origem acabarão sendo apagadas; que a tradução buscará respeitar os padrões normativos da língua para a qual se traduz; que ela tentará não chocar com “estranhamentos”, sejam eles lexicais ou sintáticos. Para tanto, o tradutor fará uso de processos literários. Eis o ponto onde, segundo o autor, a tradução etnocêntrica torna-se hipertextual.

Para Berman (2007, p. 29), hipertextual remete a “qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação formal, a partir de um outro texto já existente” (grifo do autor). Todas essas relações de hipertextualidade agem de forma livre e mesmo lúdica sobre um texto original. O resultado disso são adaptações, pastiches, textos novos que têm sua origem em um texto anterior, mas não são necessariamente sua tradução. É provável que dessa prática em que se adapta, se imita, ou se pasticha um texto sob a alegação de que se está traduzindo-o, tenha advindo o conhecido adágio italiano *traduttore traditore*²².

Nos séculos XIX e XX, a prática da tradução como tradução do sentido, em uso na França e nos Estados Unidos, começou a ser questionada, mas esse questionamento não necessariamente alterou o cânone vigente. A confirmação disso quem nos dá é Lawrence Venuti (1995). Em sua obra *A invisibilidade do tradutor*, Venuti (1995, p. 1) afirma que um texto traduzido, seja ele poesia ou prosa, ficção ou não ficção,

[...] é julgado aceitável pela maioria das editoras, revisores e leitores quando apresenta leitura fluente, quando a ausência de qualquer peculiaridade linguística ou estilística o faz parecer transparente, dando a impressão de que reflete a intenção ou personalidade do autor, ou o significado essencial do texto estrangeiro – a impressão, em outras palavras, de que a tradução não é de fato uma tradução, mas o “original”.

Como se observa pela argumentação de Venuti (1995), o etnocentrismo continua presente na cultura contemporânea da tradução. A exigência dos editores por traduções fluentes, claras, por traduções escritas dentro dos limites da língua-padrão na cultura para a qual se traduz,

²² Tradutor traidor.

somada à mínima relevância dada ao tradutor nesse processo, fortalece o cânone da tradução do sentido.

Outro fator, segundo Venuti (1995), responsável pela manutenção do cânone da fluência em tradução, advém da crítica especializada. Críticos apontam como as melhores traduções aquelas que são claras, escritas de acordo com a língua padrão, livres de jargões e expressões idiomáticas estrangeiras. “Uma tradução fluente é imediatamente reconhecível e inteligível, ‘familiarizada’, domesticada, não desconcertante[mente] estrangeira, capaz de dar ao leitor livre ‘acesso a grandes pensamentos’, ao que está ‘presente no original’.” (VENUTI, 1995, p. 5; grifos do autor).

Apesar da dimensão e do *status* canônico alcançado pela prática da tradução como tradução do sentido – em grande parte avalizada por teorias que a justificam²³ –, outras reflexões buscam resgatar a essência perdida e articular de forma consciente essa prática, como abordaremos a seguir.

3.1.2 A reflexão de Antoine Berman sobre tradução

No primeiro capítulo de *La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain*, Antoine Berman (2007) parte do seguinte axioma para nortear suas reflexões sobre tradução: “[...]a tradução e tradução-da-letra, do texto enquanto *letra*. Que isto é a essência última e definitiva da tradução ficará claro pouco a pouco” (BERMAN, 2007, p. 25; grifo do autor).

Embora Berman não apresente de forma explícita o conceito de letra, podemos defini-la – tomando de empréstimo algumas expressões da Linguística – como “a combinação, feita pelo autor, dos vários signos em estruturas dentro da língua”, ou ainda como “as estruturas e maneiras como os significantes de uma língua são agenciados de modo a dar uma ‘dimensão artística’ ao texto”.²⁴ Sendo o autor um artista, ele trabalha as palavras – moldando-as tanto quanto um escultor molda a argila para

²³ Berman afirma que certas áreas da escrita – como no caso das traduções técnicas – exigem apenas uma transferência do sentido, caso em que essa prática de tradução é plenamente aceita e justificável. Mas tal prática não se refere às obras literárias, nas quais está centrada toda a reflexão bermaniana.

²⁴ Adotamos aqui a definição bastante simples e ao mesmo tempo completa dada pela Profa. Dra. Cláudia Borges de Faveri, em suas aulas de Teoria da Tradução, semestre 2005/2, PGET, quando da discussão do tema.

dali fazer surgir sua obra –, para desse trabalho fazer surgir *seu* texto. O grifo é nosso e sugere que, embora não haja discurso original, a arquitetura que um autor emprega na construção de seu texto torna-o bastante individual. Quando falamos sobre o estilo deste ou daquele autor, nada mais fazemos do que identificar em seu texto um arranjo específico das palavras, ou seja, a letra de sua obra.

Podemos questionar qual seria a importância dessa letra em um texto. Seria ela apenas uma questão de identidade de quem escreve? A resposta buscamos também em Berman (2007), contida na expressão *ser-em-língua*, que pode ser entendida como a relação do ser com a língua, do homem como crítico e atualizador do seu sistema de língua. Assim, a letra de um texto não é relevante apenas como elemento de caracterização do indivíduo como autor, mas também porque atua como instrumento de revitalização de uma língua e, por conseguinte, de uma cultura.

Outra pergunta que pode ser feita advém do corte platônico presente na tradução do sentido. Se sensível e inteligível, se corpo e espírito, se letra e sentido estão dissociados, o respeito à letra não implicaria a perda do sentido da obra? Em primeiro lugar, essa dissociação – de caráter mais filosófico e religioso – não deveria exercer sua força na tradução. Como Berman (2007) aponta, sentido e letra estão obstinadamente unidos. Separar o sentido de sua letra estrangeira é necessariamente submetê-lo à letra própria. A diferença aqui é que ao privilegiar o sentido numa tradução, estaremos abandonando a letra do Outro em favor da letra Própria, ao passo que, ao traduzirmos a letra, o sentido – seu companheiro inseparável – virá ter com ela.

Retomando as características da tradução citadas anteriormente, lembramos que em oposição à tradução etnocêntrica, hipertextual e platônica – ligadas à tradução do sentido –, Berman (2007) coloca a tradução ética, poética e filosófica – invariavelmente ligadas à tradução da letra. Enquanto ética, a tradução se propõe a não ir além dos limites do texto que lhe é anterior, fazendo com que o tradutor sintam-se compelido a ser fiel ao texto que traduz, a fazer uma tradução exata. Fidelidade e exatidão, aqui, dizem respeito à letra do texto. Essa meta ética consiste em reconhecer o Outro e em recebê-lo como tal, na cultura Própria. Esse acolhimento do Outro, esse albergar o Estrangeiro – que o tradutor pode optar ou não por fazer – é o que permite a uma língua e a uma cultura crescerem²⁵.

²⁵ Berman realizou um estudo detalhado sobre a manifestação do Próprio quando confrontado com o Outro tomando por base o movimento Romântico Alemão do século XIX. Sobre o

Sobre a meta ética, Berman afirma que “fidelidade e exatidão se reportam à literalidade carnal do texto. O fim da tradução, enquanto objetivo ético, é acolher na língua materna esta literalidade. Pois é nela que a língua desenvolve sua falância, sua *Sprachlichkeit* e realiza sua manifestação do mundo” (*Ibid.*, p. 71).

À meta ética une-se a meta poética da tradução. Fidelidade e exatidão à letra da obra original não devem impedir que o tradutor deseje fazer uma obra. A tradução, para Berman (2007), não deve ser um pálido reflexo do original. Se a meta ética compele o tradutor a não ultrapassar os limites do original, a meta poética o faz desejar que o texto que ele traduz seja reconhecido como tal: como texto.

Estabelecidos os pressupostos que guiam nossa reflexão sobre tradução, passaremos ao estudo do trajeto proposto por Berman (1995 e 2007) para a análise e crítica de traduções, trajeto esse que consideraremos para o processo de tradução propriamente dito.

3.1.3 O trajeto da tradução

Em seu livro *Pour une critique des traductions: John Donne*, Berman (1995) sugere um trajeto analítico para a crítica de traduções que pode ser igualmente aplicado no processo tradutório. Esse trajeto analítico – adaptado ao processo tradutório – é dividido em etapas sucessivas, sendo as primeiras relacionadas com a leitura concreta do original e as seguintes aos momentos fundamentais do ato tradutório em si.

O trajeto inicia-se com a leitura e releitura do original, leitura esta que todo tradutor supostamente faz antes de começar a traduzir o texto. Berman aponta como necessárias o que ele chama de leituras colaterais, tais como outras obras do autor, trabalhos diversos sobre esse autor, estudos sobre sua época, etc. Traduzir, assim, exige leituras vastas e diversificadas. Esse apoio em leituras colaterais, que Berman denomina de *escoramento da tradução*, em nada retira sua autonomia básica, na medida em que são, para o tradutor, leituras livres e não dizem necessariamente o que o tradutor deve fazer.

Uma vez feita a pré-análise da obra, passa-se ao recorte das passagens pertinentes e significativas no original. Tal recorte é de caráter interpretativo e permitirá identificar ou confirmar onde a obra se con-

densa, se representa, se significa ou se simboliza. Essa interpretação identificará o que é necessário e o que é aleatório na obra, ou ainda, os elementos tangíveis e intangíveis desta. Tais elementos, além daqueles classificados como marcados e não marcados, são de extrema importância para o tradutor, pois convertem-se no espaço de suas possíveis liberdades (BERMAN, 1995).

Segundo Berman (1995), para que se compreenda a lógica do texto traduzido, é preciso que se vá à procura do tradutor, momento por ele considerado como ainda mais essencial. Assim como diante de um texto original coloca-se a pergunta: “Quem é o autor?”, diante de uma tradução também se deve perguntar quem é o tradutor. Porém, esta última pergunta possui uma finalidade diversa da primeira. O objetivo não é saber sobre aspectos psicológicos e existenciais do tradutor, mas, sim, sobre sua prática tradutória, sobre os princípios que o guiam. É relevante saber, por exemplo, se ele traduz de uma ou de várias línguas, a forma como aprendeu o idioma – se é falante nativo ou não –, se vive da tradução ou tem outra fonte de sustento, se é também autor, se escreve sobre sua prática de tradutor, etc. Uma vez que se saiba quem é o tradutor, pode-se determinar sua posição tradutória, seu projeto de tradução e seu horizonte tradutório. Berman (1995) afirma que qualquer tradutor mantém uma relação específica com sua própria atividade, relação essa que se evidencia através de certa concepção do que é, para ele, o ato de traduzir. Apesar de individualizada, essa concepção é marcada por todo um discurso histórico, social, literário e ideológico sobre a tradução. Resumida na forma de um conceito, a posição tradutória pode ser entendida como o compromisso entre a consciência do tradutor e o modo como ele internalizou as normas sobre o traduzir ditadas pelo meio. Segundo o autor, “não há tradutor sem posição tradutória. Mas há tantas posições tradutórias quanto há tradutores” (BERMAN, 1995, p. 75).

Quanto ao projeto de tradução, Berman (1995, p. 76) afirma que:

A união, numa tradução bem-sucedida, da autonomia e da heteronomia, não pode resultar além do que se poderia chamar um projeto de tradução, o qual não se tem necessidade de ser teórico. [...] O tradutor pode determinar *a priori* qual será o grau de autonomia ou heteronomia que atribuirá à sua tradução e isso sobre a base de uma pré-análise – digo pré-análise porque nunca tem-se

um texto realmente analisado antes de traduzi-lo—

de uma análise preliminar do texto a traduzir.

Toda tradução é regida por um projeto, seja ele explicitado pelo tradutor ou não. O projeto é articulado com base na posição tradutória e nas exigências específicas, impostas pela obra que se irá traduzir. O projeto de tradução é, dessa forma, a maneira como o tradutor, após confrontar-se com a obra, escolhe traduzir o texto. A importância do projeto de tradução fica mais clara quando se adentra o terreno da crítica de tradução. Geralmente feitas com base em critérios subjetivos, as críticas de traduções feitas pela confrontação da tradução com seu projeto seriam capazes de revelar traduções bem-sucedidas, mostrando as razões desse sucesso, e também de pontuar onde, na tradução, não se alcançou a meta estabelecida pelo projeto.

Posição tradutória e projeto de tradução, por sua vez, são tomados num certo horizonte — que Berman denominou de horizonte do tradutor. Tomando emprestada a conceituação da hermenêutica moderna, o autor define o horizonte tradutório como “o conjunto de parâmetros linguísticos, literários, culturais e históricos que determinam o sentir, o agir e o pensar do tradutor.” (*Ibid.*, p. 79, grifo do autor).

A noção de horizonte possui natureza dupla, de um lado designando aquilo a partir do que o agir do tradutor tem sentido e pode estender-se — apontando o espaço aberto desse agir —, mas de outro determinando aquilo que fecha o mesmo tradutor em um círculo de possibilidades limitadas.

Projeto de tradução, posição tradutória e horizonte tradutório definidos, é hora de passar à sua aplicação no processo tradutório.

3.2 TRADUÇÃO DAS CARTAS

Carta 1 – Para Thomas Moore

June 22d, 1813

Yesterday I dined in company with “* * [Mme. de Staël], the Epicene” whose politics are sadly changed. She is for the Lord of Israel and the Lord of Liverpool—a vile antithesis of a Methodist and a Tory—talks of nothing but devotion and the ministry, and, I presume, expects that God and the government will help her to a pension.

Murray, the $\alpha\alpha\xi$ of publishers, the Anac of stationers, has a design upon you in the paper line. He wants you to become the staple and stipendiary Editor of a periodical work. What say you? Will you be bound, like "Kit Smart, to write for ninety-nine years in the Universal Visitor?" Seriously, he talks of hundreds a year, and—though I hate prating of the beggarly elements—his proposal may be to your honour and profit, and, I am very sure, will be to our pleasure.

I don't know what to say about "friendship". I never was in friendship but once, in my nineteenth year, and then it gave me as much trouble as love. I am afraid, as Whitbread's sire said to the king, when he wanted to knight him, that I am "too old:" but, nevertheless, no one wishes you more friends, fame, and felicity, than
yours, &c

22 de junho, 1813

Ontem eu jantei em companhia de “* * [Mme. de Staël], o Epiceno¹” cuja política está tristemente mudada. Ela é a favor do Lord de Israel e do Lord de Liverpool—uma vil antítese de um Metodista e um Tóri—não fala de nada a não ser de devoção e do ministério, e, presumo, supõe que Deus e o governo a ajudarão com uma pensão.

¹ N. do E. O adjetivo originalmente apareceu no periódico *Anti-Jacobin*, em um poema denominado *Canning's New Morality*. A linha “Neckar's fair daughter, Staël the Epicene”, baseou-se na acusação feita por Quatremère de Quincy, questionando a sexualidade de Madame de Staël junto ao Conselho dos Quinhentos, o que provocou sua deportação para a Guiana.

Murray, o βασις dos editores, o Rei dos livreiros, te quer no ramo jornalístico. Ele quer que te tornes o renomado e remunerado Editor de um trabalho periódico. Que dizes tu? Te comprometerás, como “Kitty Smart, a escrever por noventa e nove anos no *Universal Visitor*?”² De fato, ele fala de centenas por ano, e—embora eu deteste entrar em detalhes —a proposta dele pode ser para tua honra e lucro, e, tenho plena certeza, será para nosso prazer.

Eu não sei o que dizer sobre “amizade”. Eu nunca estive em amizade a não ser uma vez, no meu décimo nono ano, e então tal fato me deu tanto trabalho quanto o amor. Eu temo, como o genitor de Whitbread disse ao rei, quando este quis fazê-lo cavaleiro, que eu esteja “muito velho”, mas, todavia, ninguém te deseja mais amigos, admiração e alegrias, do que teu, &c.

² N. do E. Christopher Smart foi contratado pelo editor Gardner para escrever uma miscelânea mensal intitulada o *Universal Visitor*. O contrato por escrito era para um período de 99 anos (Boswell, 6 de abril, 1775).

Carta 2 – Para Augusta Leigh

June 27th. 1813

My dearest Augusta—If you like to go with me to ye. Lady Davy's tonight, I *have* an invitation for you.—There you will see the *Stael*—some people whom you know—& *me* whom you do *not* know—& you can talk to which you please—& I will watch over you as if you were unmarried & in danger of always being so—Now do as you like —but if you chuse to array yourself before or after half past ten—I will call for you. I think our being together before 3d. people will be a *new sensation* to *both*.—

ever yrs.

B

27 de junho. 1813

Minha querida Augusta—Se quiseres ir comigo à casa de Lady Davy esta noite, *tenho* um convite para ti.—Lá verás a *Stael*—algumas pessoas que conheces—& *a mim* que tu *não* conheces—& poderás conversar com quem quiseres—& eu velarei por ti como se fosses solteira e em perigo de sempre o ser—Agora faz como quiseres—mas se iscolheres arrumar-te antes ou após as dez e meia—eu chamarei por ti. Acho que estarmos juntos diante de 3^{os} será uma nova *sensação* para *ambos*.—

teu sempre

B

Carta 3 - Para Thomas Moore

4, *Benedictine-street, St. James's, July 8th, 1813*

I presume by your silence that I have blundered into something noxious in my reply to your letter, for the which I beg leave to send, beforehand, a sweeping apology, which you may apply to any, or all, parts of that unfortunate epistle. If I err in my conjecture, I expect the like from you, in putting our correspondence so long in quarantine. God he knows what I have said; but he also knows (if he is not as indifferent to mortals as the *nonchalant* deities of Lucretius), that you are the last person I want to offend. So, if I have, —why the devil don't you say it at once, and expectorate your spleen?

Rogers is out of town with Madame de Staël, who hath published an Essay against Suicide, which, I presume, will make somebody shoot himself;—as a sermon by Blenkinsop, in *proof* of Christianity, sent a hitherto most orthodox acquaintance of mine out of a chapel of ease a perfect atheist. Have you found or founded a residence yet? and have you begun or finished a Poem? If you won't tell me what *I* have done, pray say what you have done, or left undone, yourself. I am still in equipment for voyaging, and anxious to hear from, or of, you *before* I go, which anxiety you should remove more readily, as you think I sha'n't cogitate about you afterwards. I shall give the lie to that calumny by fifty foreign letters, particularly from any place where the plague is rife,—without a drop of vinegar or a whiff of sulphur to save you from infection. Pray write: I am sorry to say that * * * *.

The Oxfords have sailed almost a fortnight, and my sister is in town, which is a great comfort,—for, never having been much together, we are naturally more attached to each other. I presume the illuminations have conflagrated to Derby (or wherever you are) by this time. We are just recovering from tumult and train oil, and transparent fripperies, and all the noise and nonsense of victory. Drury-lane had a large *M.W.*, which some thought was Marshal Wellington; others, that it might be translated into Manager Whitbread; while the ladies of the vicinity of the saloon conceived the last letter to be complimentary to themselves. I leave this to the commentators to illuminate. If you don't answer this, I sha'n't say what *you* deserve, but I think *I* deserve a reply. Do you conceive there is no Post-Bag but the Twopenny? Sunburn me, if you are not too bad.

4, *Benedictine Street*¹, *St. James's*, 8 de julho, 1813

Presumo por teu silêncio que topei com algo nocivo em minha resposta à tua carta, pelo que peço licença para enviar, antecipadamente, uma extensa desculpa, que podes aplicar a qualquer, ou a todas, as partes daquela lamentável epístola. Se me engano em minha conjectura, espero o mesmo de ti em colocar nossa correspondência por hora em quarentena. Deus sabe o que eu disse; mas ele também sabe (se não é tão indiferente aos mortais como as deidades *impassíveis* de Lucretius), que és a última pessoa que quero ofender. Portanto, se o fiz,—porque diabos não dizes de uma vez, e expectoras tua irritação?

Rogers está fora da cidade com Madame de Staël, a qual publicou um Ensaio contra o Suicídio, que, presumo, fará alguém estourar os miolos;—como um sermão de Blenkinsop², *a favor* do Cristianismo, mandou um conhecido meu, até então o mais ortodoxo, para fora de uma capela como um perfeito ateuista. Já fixaste ou fundaste uma residência? e começaste ou terminaste um Poema? Se não me dirás o que *eu* fiz, diz o que tens feito, ou deixado por fazer. Estou ainda me aparelhando para viajar, e ansioso por ouvir de ti, ou sobre ti, *antes* que eu vá, ansiedade esta que poderias remover mais de pronto, já que pensas que não devo cogitar a teu respeito depois. Devo desmentir tal calúnia por cinquenta cartas estrangeiras, particularmente de qualquer lugar onde a praga seja abundante,—sem uma gota de vinagre ou um sopro de enxofre para salvar-te da infecção. Por obséquio, escreva: eu sinto muito dizer que * * *.

Os Oxfords zarparam há quase uma quinzena, e minha irmã está na cidade, o que é um grande consolo,—pois, nunca tendo estado muito juntos, somos naturalmente mais ligados um ao outro. Presumo que as iluminações³ tenham conflagrado até Derby (ou onde quer que estejas) a essa hora. Nós estamos recém nos recuperando do tumulto e óleo de baleia⁴, e europeus transparentes, e de todo o barulho e tolice da vitória. Drury-lane tem um grande *M. W.*, que alguns pensaram ser de Marshal Wellington; outros, que poderia ser traduzido por Manager Whitbread; enquanto as damas das redondezas do salão imaginaram a última letra

¹ N. do E. Bennet Street.

² N. do E. Não identificado.

³ N. do E. As iluminações em honra à vitória dos exércitos de Wellington em Vittoria (21 de junho de 1813), realizadas em 7 de julho, causaram um grande incêndio em Woolwich e, de acordo com o comentário de Byron, podem ter se espalhado até Mayfield, perto de Ashbourne, em Derbyshire, onde Moore estava residindo na época.

⁴ N do T. Utilizado como combustível para a iluminação em casas e ruas. Fonte: Wikipédia. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%93leo_de_baleia. Acesso em: 01 fev. 10.

como sendo lisonjeira a elas. Deixo isso para os comentaristas iluminarem. Se não responderes esta, não direi o que *tu* mereces, mas acho que *eu* mereço uma resposta. Acreditas que não há Postagem a não ser a de Dois Pence?⁵ Enchas-me de sol, se não és mau demais.

⁵ N. do E. Em 1813, Moore publicou, anonimamente, seu “Intercepted Letters, or the Two-penny Post-bag”, um pasquim/sátira divertido com um toque de crítica política e social.

Carta 4 - Para Thomas Moore

July 13th, 1813

Your letter set me at ease; for I really thought (as I hear of your susceptibility) that I had said—I know not what—but something I should have been very sorry for, had it, or I, offended you;—though I don't see how a man with a beautiful wife—*his own* children—quiet—fame—competency and friends, (I will vouch for a thousand, which is more than I will for a unit in my own behalf,) can be offended with any thing.

Do you know, Moore, I am amazingly inclined—remember I say but *inclined*—to be seriously enamoured with Lady A. F. [Adelaide Forbes]—but this * * has ruined all my prospects. However, you know her; —is she *clever*, or sensible, or good-tempered? either *would* do—I scratch out the *will*. I don't ask as to her beauty—that I see; but my circumstances are mending, and were not my other prospects blackening, I would take a wife, and that should be the woman, had I a chance. I do not yet know her much, but better than I did. * * * * *

I want to get away, but find difficulty in compassing a passage in a ship of war. They had better let me go; if I cannot, patriotism is the word—"nay, an they'll mouth, I'll rant as well as they." Now, what are you doing?—writing, we all hope, for our own sakes. Remember you must edite my posthumous works, with a Life of the Author, for which I will send you Confessions, dated "Lazaretto," Smyrna, Malta, or Palermo—one can die any where.

There is to be a thing on Tuesday ycleped a national fete. The Regent and * * * are to be there, and every body else, who has shillings enough for what was once a guinea. Vauxhall is the scene—there are six tickets issued for the modest women, and it is supposed that there will be three to spare. The passports for the lax are beyond my arithmetic.

P. S. The Stael last night attacked me most furiously—said that I had "no right to make love—that I had used * * [Caroline] barbarously—that I had no feeling, and was totally insensible to *la belle passion*, and *had* been all my life." I am very glad to hear it, but did not know it before. Let me hear from you anon.

13 de julho, 1813

* * * * *

Tua carta tranquilizou-me; porque eu realmente pensei (já que ouço falar de tua suscetibilidade) que havia dito—não sei o quê—mas algo pelo que deveria estar muito arrependido, tivesse isso, ou eu, te ofendido; — embora não veja como um homem com uma bela esposa,—*seus próprios* filhos,—tranquilidade—fama—competência e amigos, (darei testemunho de uma centena, que é mais do que darei por uma unidade de minha própria parte) pode ofender-se com o que quer que seja.

Sabe Moore, estou espantosamente inclinado—lembra que eu disse apenas *inclinado*—a me enamorar por Lady A. F. [Adelaide Forbes]—mas esta * * arruinou todas as minhas expectativas. Contudo, tu a conheces;—ela é inteligente, ou sensível, ou bem-humorada? qualquer dessas *daria*—eu risco o *dará*. Não pergunto em relação à beleza—isso eu vejo; minhas condições¹ estão melhorando, e se meus outros aspectos não estivessem piorando, eu tomaria uma esposa, e aquela seria a mulher, tivesse eu a chance. Ainda não a conheço muito, mas melhor do que conheci. * * * * *

Quero escapar, mas encontro dificuldade para conseguir passagem em uma nau. É melhor que eles me deixem ir; se eu não puder, patriotismo é a palavra —“não, e eles dirão, eu protestarei assim como eles².” Agora, o que estás fazendo?—escrevendo, todos nós esperamos, para nosso próprio bem. Lembra que deves herdar meus trabalhos póstumos, com uma Vida do Autor, para o qual mandarei para ti Confissões, datadas “Lazaretto,” Smyrna, Malta, ou Palermo—pode-se morrer em qualquer lugar.

Está para acontecer uma cousa na terça-feira denominada de festa³ nacional. O Regente e * * * estarão lá, e todo o mundo mais, que dispõe de xelins suficientes para o que antes custava um guinéu. Vauxhall é o cenário—há seis ingressos destinados às mulheres modestas, e supõe-se que três sobrarão. Os passaportes para os luxuriosos estão além da minha aritmética.

¹ N. do T. Condições financeiras.

² N. do E. Ver Hamlet, Ato V, cena i. Em seu *The Twopenny Post-bag*, ao atacar o Príncipe Regente, Moore escreveu: “Nay, na thou’lt mouth. I’ll rant as well as thou.”

³ N. do E. A Grande Festa Nacional, celebrando a Vittoria, teve lugar nos Jardins Vauxhall no dia 20 de julho de 1813, iniciando com um banquete no qual brindaram a Wellington. A festa foi patrocinada pelo Regente.

P.S. A Stael ontem me atacou furiosamente—disse que eu “não tinha direito algum de fazer amor—que usei * * [Caroline] barbaramente—que não tinha sentimento e era totalmente insensível à *la belle passion*, e o tinha sido minha vida inteira.” Me alegro em ouvir isso, mas não tinha conhecimento dantes. Mande notícias tuas dentro em breve.

Carta 5 – Para Lady Melbourne

August 5th. 1813

My dear Ly. M[elbourne]—My sister who is going abroad with me is now in town where she returned with me from New[mar]ket—under the existing circumstances of her lord’s embarrassments—she could not well do otherwise—& she appears to have still less reluctance at leaving this country that even myself.—Ly. C[aroline] may do as she pleases—if Augusta likes to take her she may— but in that case she will travel by *herself*.—Nugent does not know I am in town—& if he did—I could not at present accept his invitation—though your presence is a strong temptation—indeed much stronger for not being a new one. —So Me. de Stael says my visit was “*justificatory*”—this is not very justifiable in her—if she asserts that I said what I really did not—I shall revenge myself by repeating what she really did say—this she would not like—although our conversation was neither *amatory* nor *political*.—I called because she said by not visiting her “I treated her with contempt”—an *impression* of which Common Politeness required the removal—I am always delighted to visit you at your own hour—but I am never myself in a morning—or rather I am myself or Lord Stair (I doubt which very often) my dullness is so very ineffable.—We have an event in our family—a female cousin going to *Mouros* for religion—could not you send *one* of your family to join her—she is to have a *spare* waist-coat—that will fit the *other* I dare say.—If not I believe I must try myself.—ever yrs. Dr. Ly. M.

5 de agosto. 1813

Minha cara Lady M[elbourne]—Minha irmã, que viajará para o exterior comigo está agora na cidade por termos retornado juntos de New[mar]ket—sob as presentes circunstâncias embaraçosas de seu senhor—ela não poderia ter feito de outra forma—& parece ter menos relutância em deixar este país do que eu mesmo. —Ly. C[aroline] pode fazer o que achar melhor—se agrada a Augusta levá-la consigo, que ela assim o faça—mas nesse caso ela viajará sozinha.—Nugent não sabe que estou na cidade—& se soubesse—eu não poderia no momento aceitar seu convite—embora sua presença seja uma forte tentação—em verdade muito maior por não ser uma presença nova.—Então Me. de Stael diz que minha visita foi “*justificatória*” —isso não é muito justificável nela—se ela afirma que eu disse o que na verdade não disse—devo vingar-me repetindo o que ela de fato disse—disso ela não iria gostar—embora nossa conversa não tenha sido nem *amadora* nem *polí-*

tica. —Fui porque ela disse que por não visitá-la “a tratei com desprezo”—uma *impressão* que a Etiqueta exigia a remoção—É sempre um prazer visitar-te em tua hora habitual—mas eu nunca sou eu mesmo nas manhãs—ou mais exatamente sou eu mesmo ou Lord Stair¹ (hesito sobre qual com muita frequência) minha lentidão é tão inexprimível. — Temos um acontecimento em nossa família—uma prima indo para *Mouros* para a religião—não poderias enviar *uma* de tua família para juntar-se a ela—ela deve ter um colete *sobressalente*—que servirá na *outra*, me atrevo a dizer. Caso não sirva, devo provar eu mesmo.—teu sempre, Cara Ly. M.

¹ N. do E. John William Henry (Dalrymple), 7º Earl of Stair (1784-1840), de visão política liberal, casou em 1804 com Johanna, primeira filha de Charles Gordon de Cluny. Não considerando tal casamento como válido (por haver sido realizado com base em promessas), ele casou em 1808, por licença especial, com Laura, a filha caçula de John Manners com Louisa, posteriormente Condessa de Dysart. O último casamento foi, entretanto, anulado pela Corte Consistorial de Londres em 16 de julho de 1811. O casamento de 1804 terminou em divórcio em 1820.

Carta 6 – Para Lady Melbourne

August 8th. 1813

My dear Ly. M[elbourn]e—I wrote ye. annexed note 3 days ago—& as it contains a “direct” answer to some of your queries—I shall even let it go as it is—I put it in my drawer & forgot it—for I have been occupied to weariness with various somethings & nothings ever since—amongst others in preventing two men (one an old friend) from cutting one another’s throats after a quarrel in which I was called in to mediate & succeeded in reserving them for a different fate—& I humbly hope a better.— —I rather plume myself upon this—being the first decent deed I have done since my acquaintance with the most celebrated personage of your illustrious house—whose fault it is not—that I have not had the obligation returned.—I have not broken in upon your grief for the departure of your diplomatic progeny to cope with Buonaparte—I think Ly. Ay. might be an useful appendage to his suite—as by all late accounts the Emperor is rather more frail than becomes a hero.— —Me. de Stael’s favourite son has had his head cleft by a vile Adjutant who knew the broadsword exercise better than piquet—for *that* was ye. cause of carnage. I thought *that* game had only been dangerous to your sex.—Corinne is doubtless very much affected—yet methinks—I should conjecture—she will want some spectators to testify how graceful he grief will be—& to relate what fine things she can say on a subject where commonplace mourners would be silent.— —Do I err in my judgment of the woman think you? —She is in many things—a sort of C[arolin]e in her senses—for *she is sane*.—

ever yrs truly
B

8 de agosto, 1813

Minha cara Ly. M[elbourne]—escrevi a anexa há três dias—& como ela contém uma resposta “direta” a alguns de teus questionamentos—devo encaminhá-la como está—eu a coloquei em minha gaveta & esqueci dela—pois tenho estado ocupado à exaustão com várias cousas & cousas algumas desde então—entre outras em impedir dois homens (um dos quais um velho amigo¹) de cortarem um a garganta do outro após uma contenda à qual fui chamado para mediar & obtive sucesso em

¹ N. do E. O amigo em questão era Scrope Davies, que teve uma disputa por jogo de apostas com Lord Foley.

reservá-los para destino diferente.—& humildemente espero, para um melhor.— —Certamente me orgulho disso—tendo sido o primeiro feito feliz que fiz desde meu conhecimento com a personagem mais celebrada de tua ilustre casa—de quem não é a culpa—por eu não ter a gentileza retribuída. —Não comentei sobre teu pesar pela partida do teu filho² diplomata para lidar com Buonaparte—acho que Ly. Ay. seria um útil complemento à comitiva dele—pois conforme todos os relatos recentes o Imperador está mais frágil ao invés de tornar-se um herói. — — O filho predileto³ de Me. de Stael teve a cabeça decepada por um terrível Ajudante-de-Ordens que conhecia o exercício do montante⁴ melhor do que o do piquet⁵—porque essa foi a causa da carnagem. Pensei que *tal* jogo fosse perigoso apenas para teu sexo.—Corine está indubitavelmente muito afetada—mesmo assim me parece—ousou conjeturar—que ela desejará alguns espectadores para testemunhar quão gracioso seu sofrimento será—& para relatar que cousas primorosas ela pode dizer sobre um assunto onde os enlutados comuns permaneceriam silenciosos.— — Erro em meu julgamento sobre a mulher, crês tu? — Ela é em muitas cousas—uma espécie de C[arolin]e equilibrada— porque *ela é sã*. —
sempre teu verdadeiramente

B

² N. do E. Frederick Lamb, o terceiro filho de Lady Melbourne, havia entrado no serviço diplomático e era Secretário para Missões Diplomáticas sob a supervisão de Lord William Bentinck na Sicília, tornando-se, posteriormente, Ministro Plenipotenciário para a Corte das Duas Sicílias.

³ N. do E. O filho favorito de Madame de Staël, Albert de Staël, foi morto em um duelo por jogo de apostas em Doberan, uma pequena cidade no então ducado de Mecklenburg-Schwerin, situado no nordeste da Alemanha, na costa do Mar Báltico.

⁴ N. do T. Espada grande que se manjava com ambas as mãos para golpear o adversário pelo alto. Fonte: Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, versão 3.0.

⁵ N. do T. Jogo de cartas em que dois jogadores utilizam um baralho reduzido, com apenas 32 cartas. Todas as cartas abaixo de sete são omitidas. A origem do jogo é francesa. Fonte: The Free Dictionary. Disponível em <<http://www.thefreedictionary.com/piquet>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

Carta 7 – Para Thomas Moore

Bennet-street, August 22d, 1813

As our late—I might say, deceased—correspondence had too much of the town-life leaven in it, we will now, “paulo majora” prattle a little of literature in all of its branches; and first of the first—criticism. The Prince is at Brighton, and Jackson, the boxer, gone to Margate, having, I believe, decoyed Yarmouth to see a milling in that polite neighbourhood. Made. de Stael Holstein has lost one of her young barons, who has been carbonadoed by a vile Teutonic adjutant, —kilt & killed in a coffee-house at Scrawsenhawsen. Corinne is, of course, what all mothers must be,—but will, I venture to prophesy, do what few mothers could—and write an Essay upon it. She cannot exist without a grievance—and somebody to see, or read, how much grief becomes her. I have not seen her since the event; but merely judge (not very charitably) from prior observation.

In a “mail-coach copy” of the Edinburgh, I perceive the Giaour is 2d article. The numbers are still in the Leith smack—*pray, which way is the wind?* The said article is so very mild and sentimental, that it must be written by Jeffrey *in love*;—you know he is gone to America to marry some fair one, of whom he has been, for several *quarters, éperdument amoureux*. Seriously—as Winifred Jenkins says of Lismahago—Mr. Jeffrey (or his deputy) “has done the handsome thing by me”, and I say *nothing*. But this I will say,—If you and I had knocked one another on the head in his quarrel, how he would have laughed, and what a mighty bad figure we should have cut in our posthumous works. By the by, I was called *in* the other day to mediate between two gentlemen bent upon carnage, and,—after a long struggle between the natural desire of destroying one’s fellow-creatures, and the dislike of seeing men play the fool for nothing,—I got one to make an apology, and the other to take it, and left them to live happy ever after. One was a peer, the other a friend untitled, and both fond of high play;—and one, I can swear for, though very mild, “not fearful”, and so dead a shot, that, though the other is the thinnest of men, he would have split him like a cane. They both conducted themselves very well, and I put them out of *pain* as soon as I could.

There is an American Life of G. F. Cooke, *Scurra* deceased, lately published. Such a book!—I believe, since Drunken Barnaby’s Journal, nothing like it has drenched the press. All green-room and tap-

room—drums and the drama—brandy, whisky-punch, and, *latterly*, toddy, overflow every page. Two things are rather marvelous—first, that a man should live so long drunk, and, next, that he should have found a sober biographer. There are some very laughable things in it. nevertheless;—but the pints he swallowed and the parts he performed are too regularly registered.

All this time you wonder I am not gone: so do I; but the accounts of the plague are very perplexing—not so much for the thing itself as the quarantine established in all ports, and from all places, even from England. It is true the forty and sixty days would, in all probability, be as foolishly spent on shore as in the ship; but one likes to have one's choice, nevertheless. Town is awfully empty; but not the worse for that. I am really puzzled with my perfect ignorance of what I mean to do;—not stay, if I can help it, but where to go? Sligo is for the North,—a pleasant place, Petersburg, in September, with one's ears and nose in a muff, or else tumbling into one's neckcloth or pocket-handkerchief! If the winter treated Buonaparte with so little ceremony, what would it inflict upon your solitary traveler?—Give me a *sun*, I care not how hot, and sherbet, I care not how cool, and *my* Heaven is as easily made as your Persian's. The Giaour is now 1000 and odd lines. "Lord Fanny spins thousand a such day¹," eh, Moore?

yours ever,
BN.

P.S. I perceive I have written a flippant and rather cold-hearted letter; let it go, however. I have said nothing, either, of the brilliant sex; but the fact is, I am, at this moment, in a far more serious, and entirely new, scrape than any of the last twelvemonths,—and that is saying a good deal. * * * It is unlucky we can neither live with nor without these women.

I am now thinking and regretting that, just as I have left Newstead, you reside near it. Did you ever see it? *do*—but don't tell me that you like it. If I had known of such intellectual neighbourhood, I don't think I should have quitted it. You could have come over so often, as a bachelor.—for it was a thorough bachelor's mansion—plenty of wine and such sordid sensualities—with books enough, room enough, and an air of antiquity about all (except the lasses) that would have suited you, when pensive, and served you to laugh at when in glee. I had built myself a bath and a *vault*—and now I sha'n't even be buried in it. It is odd

¹ N. do E. Imitations of Horace, de Alexander Pope, Sátira I, linha 6.

that we can't even be certain of a *grave*, at least a particular one. I remember, when about fifteen, reading your poems there,—which I can repeat almost now,—and asking all kinds of questions about the author, when I heard that he was not dead according to the preface; wondering if I should ever see him—and though, at that time, without the smallest poetical propensity myself, very much taken, as you may imagine, with that volume. Adieu—I commit you to the care of the gods—Hindoo, Scandinavian, and Hellenic!

P.S.2d. There is an excellent review of Grimm's Correspondence and Made. de Stael in this No. of the E[dinburgh] R[evue] * * * * * Jeffrey, himself, was my critic last year; but this is, I believe, by another hand. I hope you are going on with your *grand coup*—pray do—or that damned Lucien Buonaparte will beat us all. I have seen much of his poem in MS., and he really surpasses every thing beneath Tasso. Hodgson is translating him *against* another bard. You and (I believe, Rogers) Scott, Gifford and myself, are to be referred to as judges between the twain,—this is, if you accept the office. Conceive our different opinions! I think we, most of us (I am talking very imprudently, you will think—*us*, indeed!) have a way of our own,—at least, you and Scott certainly have.

Bennet-street, 22 de agosto, 1813

* * * * *

Como nossa última—eu poderia dizer, finada—correspondência tinha muito da agitação da vida da cidade em seu conteúdo, nós agora iremos, “paulo majora²”, papear um pouco sobre literatura em todas as suas áreas; e a primeira de todas—crítica. O Príncipe está em Brighton, e Jackson, o boxeador, foi para Margate, tendo, creio, instigado Yarmouth a assistir uma luta de boxe³ naquela educada vizinhança. Made. de Staël Holstein perdeu um de seus jovens barões, o qual foi fatiado por um desprezível Ajudante-de-Ordens teutônico, moído & morto em um café em Scrawsenhawsen. Corinne está, é claro, como todas as mães devem estar,—mas fará, arrisco profetizar, o que poucas mães fariam—e escreverá um Ensaio sobre o assunto. Ela não concebe existir sem um sofrimento—e sem alguém para ver, ou ler, o quanto o sofrimento se

² N. do T. *Paulo Majora – lat* - Cousas um pouco mais elevadas. Verso de Virgílio, empregado quando se quer passar de um assunto para outro mais importante. Fonte: <<http://www.sedep.com.br/index.php?idcanal=8400>>. Acesso em: 03 set. 2009.

³ N do T. Luta de boxe sem uso de luvas, apenas com ataduras amarradas nas mãos.

torna ela própria. Não a vejo desde o evento; mas julgo meramente (não muito caridosamente) por observações anteriores.

Numa “cópia carruagem-correio” do Edinburg⁴, noto que o Giaour está no 2º artigo. As cópias ainda estão na barca de Leith⁵—*por gentileza, para que lado sopra o vento?* O tal artigo é tão ameno e sentimental, que deve ter sido escrito por um Jeffrey *apaixonado*;—sabes que ele rumou à América para casar-se com uma beldade, pela qual ele tem estado, há vários *quartos de lua*⁶, *éperdument amoureux*. De fato—como Winifred Jenkins diz de Lismahago—Mr. Jeffrey (ou seu substituto) “fez a cousa bela por mim”⁷, e eu digo *nada*. Mas isto direi,—se tu e eu tivéssemos golpeado um ao outro na cabeça na contenda dele, como ele teria rido, e que poderosas figuras más nós teríamos sido em nossas obras póstumas. A propósito, fui *requisitado* outro dia para mediar entre dois cavalheiros inclinados à carnagem, e,—após uma longa luta entre o desejo natural de destruir o semelhante, e o desagrado de ver homens bancarem os tolos por nada,—consegui que um fizesse um pedido de desculpas, e que o outro o aceitasse—, e deixei-os para viverem felizes para sempre. Um era um par, o outro um amigo sem título, e ambos dados a apostas altas; —e um, eu posso jurar, embora muito brando, “não pavoroso”, e com um pontaria tão mortal, que, fosse o outro o mais magro dos homens, ele o teria partido como a uma cana. Ambos conduziram-se muito bem, e eu os coloquei a *salvo* tão logo pude.

* * * * *

Há uma Biografia Americana de G. F. Cooke, *Scurra*⁸ falecido, publicada recentemente. Que livro!—Acho que, desde o *Jornal de Drunken Barnaby*⁹, nada como isso encharcou o prelo. Tudo bastidores e bar—dose e o drama—conhaque, ponche de uísque, e, *por último*, araca, inundam cada página. Duas cousas são particularmente assombrosas—primeiro, que um homem tenha vivido por tanto tempo bêbado, e, depois, que ele tenha encontrado um biógrafo sóbrio. Há umas partes

⁴ N. do E. A Revista trimestral *Edinburgh Review*, em seu número de julho de 1813, fez a crítica literária do *Giaour* de Byron, enaltecendo seu poder poético, mas reprovando a “inutilidade e culpa” dos personagens principais e lamentando a devoção de Byron a temas revoltantes e melancólicos.

⁵ N. do T. Leith: distrito portuário de Edinburgo, na Escócia. Fonte: *The Free Dictionary*. Disponível em <<http://www.thefreedictionary.com/Leith>>. Acesso em: 31 jul. 2009.

⁶ N. do T. Com designação de contagem de tempo.

⁷ N. do T. Fez-me um favor.

⁸ N. do T. Byron utiliza a palavra “*scurra*” que geralmente significa “parasita”, em sua outra acepção - “bufão”. BYRON, George Gordon. *The Works of Lord Byron: Letters and Journals*. London, Elibron Classics, 2005. p. 249.

⁹ N. do E. Publicado anonimamente por volta de 1650, supostamente como sendo de autoria de *Barnaby Harrington* da *Queen’s College, Oxford*; também atribuído a *Richard Braithwait*.

muito engraçadas no livro. aliás;—mas os litros de cerveja que ele entornou e os papéis que ele interpretou estão registrados por demais regularmente.

Todo esse tempo tu conjecturas que ainda não parti: também o faço; mas os registros da praga são muito desconcertantes—não tanto pela cousa propriamente dita como pela quarentena estabelecida em todos os portos, e de todos os lugares, mesmo da Inglaterra. É verdade que o quadragésimo e o sexagésimo dias seriam, com toda probabilidade, passados tão tolamente na margem quanto no navio; mas gostamos de ter nossa própria escolha, contudo. A cidade está estranhamente vazia; mas isso não incomoda. Estou realmente intrigado com minha perfeita ignorância quanto ao que pretendo fazer;—não ficar; se puder evitar, mas para onde ir? Sligo fica ao Norte,—um lugar apazível, Petersburgo, em setembro, com as orelhas e o nariz numa peluda¹⁰ ou então metendo-se¹¹ na gravata ou no lenço de bolso de alguém! Se o inverno tratou Buonaparte com tão pouca cerimônia, o que ele infligiria a teu solitário viajante?—Dê-me um *sol*, não me importo quão quente, e *sherbet*, não me importo quão frio, e *meu Céu* é tão facilmente feito quanto o teu Persa¹². O Giaour está agora com 1000 e tantas linhas. “Lord Fanny produz mil por dia,” hã, Moore?.

teu sempre,
BN.

P.S. Percebo que escrevi uma carta frívola e certamente insensível; deixe-a ir, contudo. Eu não disse nada, também, sobre o brilhante sexo; mas o fato é que, estou, neste momento, em uma bem mais séria, e inteiramente nova, enrascada, do que qualquer uma dos últimos doze meses¹³,—e isso já diz muito. * * * É uma pena que nós não possamos viver com nem sem essas mulheres.

Estou agora pensando e lamentando que, tão logo deixei Newstead, tu vives perto dela. Tu a viste alguma vez? *Veja-a*—mas não me digas que a aprecias. Se eu tivesse sabido de tão intelectual vizinhança, não creio que a teria abandonado. Tu poderias ter vindo com tanta frequência, como solteiro.— pois ela era uma mansão de solteiro por completo—repleta de vinho e de tão sórdidas sensualidades—com livros o bastante, espaço o bastante, e um ar de antiguidade em relação a tudo

¹⁰ N. do T. Referência ao órgão sexual feminino.

¹¹ N. do T. Referência sexual implícita.

¹² N. do E. A *Persian's Heav'n is easily made – 'Tis but black eyes and lemonade* – Thomas Moore, *Intercepted Letters, letter IV*.

¹³ N. do E. Byron deu dica a Moore sobre sua ligação com Augusta Leigh. Os asteriscos sugerem que Byron lhe contou mais sobre a relação.

(com exceção das criadas) que teria combinado contigo, quando melancólico, e te servido para rir-se de quando alegre. Construí para mim um quarto de banho e um *cofre*—e agora não deverei sequer ser enterrado nela. É estranho que não possamos nem ter a certeza de um *túmulos*, pelo menos de um particular. Eu recorro, quando com cerca de quinze anos, lendo teus poemas lá,—os quais posso repetir quase agora¹⁴—e fazendo toda sorte de questionamentos sobre o autor, quando soube que ele não estava morto de acordo com o prefácio; conjecturando se alguma vez o veria—e embora, naquele tempo, sem a menor propensão poética em mim mesmo, deveras tocado, como podes imaginar, com aquele volume. Adieu—confio-te aos cuidados dos deuses—Hindus, Escandinavos e Helênicos!

P.S.2. Há uma excelente crítica da Correspondência de Grimm e Made. de Stael neste No. do E[dinburgh] R[eview]¹⁵ * * * * * Jeffrey, ele mesmo, foi meu crítico ano passado; mas esta é, creio, por outra mão. Espero que estejas prosseguindo com a tua *grand coup*¹⁶—por gentileza, prossiga—ou aquele maldito Lucien Buonaparte vencerá todos nós. Vi muito do poema dele no MS., e ele realmente supera tudo abaixo de Tasso. Hodgson o está traduzindo *contra* outro bardo¹⁷. Tu e (eu creio, Rogers) Scott, Gifford e eu mesmo, devemos ser escolhidos como juizes entre os dois,—isto é, se aceitares o ofício. Imagina nossas diferentes opiniões! Creio que nós, a maioria de nós (estou falando de maneira muito imprudente, pensarás—nós, não me diga!) temos nosso próprio estilo—ao menos, tu e Scott certamente o têm.

¹⁴ N. do E. Em 1803, Byron tinha 11 anos de idade, provável época em que ele teve contato com os versos eróticos de *The Poems of The Late Thomas Little*, um dos primeiros poemas de Thomas Moore, publicado pela primeira vez em 1801.

¹⁵ N. do E. A obra *Germany* de Madame de Staël foi revisada por Sir James Mackintosh no *Edinburgh Review* de julho de 1813. No mesmo número do periódico, há uma longa revisão do *Correspondance Littéraire et Philosophique de Grimm*.

¹⁶ N. do T.: obra-prima.

¹⁷ N. do E. Hodgson e o Dr. Samuel Butler traduziram o poema *Charlemagne*, de Lucien Buonaparte, que foi publicado em 1815.

Carta 8 – Para Thomas Moore

October [1]-2, 1813

You have not answered some six letters of mine. This, therefore, is my penultimate. I will write to you once more, but, after that—I swear by all the saints—I am silent and supercilious. I have met Curran at Holland-house—he beats every body;—his imagination is beyond human, and his humour (it is difficult to define what is wit) perfect. Then he has fifty faces, and twice as many voices, when he mimics;—I never met his equal. Now, were I a woman, and eke a virgin, that is the man I should make my Scamander. He is quite fascinating. Remember, I have met him but once; and you, who have known him long, may probably deduct from my panegyric. I almost fear to meet him again, lest the impression should be lowered. He talked a great deal about you—a theme never tiresome to me, nor to any body else that I know. What a variety of expression he conjures into that naturally not very fine countenance of his! He absolutely changes it entirely! I have done—for I can’t describe him, and you know him. On Sunday I return to * * [Aston], where I shall not be far from you. Perhaps I shall hear from you in the mean time. Good night.

Saturday Morn.—Your letter has cancelled all my anxieties. I did *not suspect* you in *earnest*. Modest again! Because I don’t do a very shabby thing, it seems, I “don’t fear your competition.” If it were reduced to an alternative of preference, I *should* dread you, as much as Satan does Michael. But is there not room enough in our respective regions? Go on—it will soon be my turn to forgive. To-day I dine with Mackintosh and Mrs. *Stale*[de Stael]—as John Bull may be pleased to denominate Corinne—whom I saw last night, at Covent-garden, yawning over the humour of Falstaff.

The reputation of “gloom”, if one’s friends are not included in the *reputants*, is of great service; as it saves one from a legion of impertinents, in the shape of common-place acquaintance. But thou know’st I can be a right merry and conceited fellow, and rarely “larmoyant”. Murray shall reinstate your line forthwith. I believe the blunder in the motto¹ was mine;—and yet I have, in general, a memory for *you*, and am sure it was rightly printed at first.

I do “blush” very often, if I may believe Ladies H[olland?] and M[elbourne?]¹—but luckily, at present, no one sees me. Adieu.

¹ N. do E. Byron havia citado incorretamente uma passagem do poema *Irish Melodie*, “*As a beam o’er the face*”, nas primeiras edições do *Giaour*, mas corrigiu o engano nas edições posteriores.

[1] - 2 de outubro, 1813

Não respondeste umas seis cartas minhas. Esta, portanto, é minha penúltima. Escreverei para ti uma vez mais, mas, depois disso—juro por todos os santos—estarei silencioso e arrogante. Encontrei Curan em Holand-house—ele supera qualquer um;—sua imaginação é sobre-humana, e seu humor (é difícil definir perspicácia) perfeito. Então ele tem cinquenta expressões, e duas vezes mais vozes, quando faz mímica;—jamais conheci alguém assim. Agora, fosse eu uma mulher, e ademais virgem, eis o homem que eu faria meu Scamander. Ele é deveras fascinante. Recorda, eu o vi apenas uma vez; e tu, que o conheces há mais tempo, podes provavelmente deduzir do meu panegírico. Quase temo encontrá-lo novamente, por medo que a impressão seja diminuída. Ele falou muito a teu respeito—um tema jamais cansativo para mim, ou para qualquer outro que eu conheça. Que variedade de expressão ele conjura naquela naturalmente não muito agradável feição! Ele absolutamente a modifica por completo! Termino por aqui—porque não posso descrevê-lo, e tu o conheces. No domingo retorno a * * * [Aston], onde não devo estar longe de ti. Talvez eu saiba de ti nesse meio tempo. Boa noite.

Manhã de sábado—Tua carta cancelou todas as minhas ansiedades. *Não suspeitei que falavas sério.* Modesto outra vez! Porque não faço uma cousa deveras boa, ao que parece, “não temo tua competição.” Se isso fosse reduzido a uma alternativa de preferência, eu deveria *temer-te*, tanto quanto Satan teme Michael. Mas não há espaço suficiente em nossas respectivas regiões? Vá em frente—em breve será minha vez de perdoar. Hoje janto com Mackintosh e com Mrs. Stale [de Stael]—a quem John Bull pode deleitar-se em chamar Corine—a quem vi ontem à noite, em Covent-garden, bocejando sobre o humor de Falstaff.

A reputação de “melancólico”, se os amigos não estão incluídos entre os *juízes*, é de grande valia; pois que o salva de uma legião de impertinentes, na forma de conhecidos comuns. Mas vocês sabem que eu posso ser um deveras alegre e convencido sujeito, e raramente lamurioso. Murray deverá restaurar tua linha sem demora. Creio que a mancada no moto foi minha?—e ainda tenho, em geral, uma lembrança para ti, e tenho certeza de que ela foi impressa de forma correta de início. Eu sim “coro” com muita frequência, se posso acreditar nas Ladies H[olland?] e M[elbourne?]-mas afortunadamente, no momento, ninguém me vê. Adieu.

Carta 9 – Para Annabella Milbanke

Novr. 10th. 1813

A variety of circumstances & movements from place to place—none of which would be very amusing in detail—nor indeed pleasing to any one who (I may flatter myself) is my friend have hitherto prevented me from answering your two last letters—but if my daily self-reproach from the omission can be any atonement—I hope it may prove as satisfactory an apology to you—as it has been a “compunctious visiting” to myself.— — — Your opinion of my “reasoning powers” is so exactly my on—that you will not wonder if I avoid a controversy with so skilful a casuist—particularly on a subject where I am certain to get the worst of it in this world—and perhaps incur a warmer confutation in the next.—But I shall be most happy to hear your observations on the subject—or on any subject—if anybody could do me much *good*—probably you might—as by all accounts you are mistress of the practice as well as theory of that benevolent science (which I take to be better than even your *Mathematics*) at all events it is *my* fault if I derive no benefit from your remarks.—I agree with you quite upon Mathematics too—and must be content to admire them at an incomprehensible distance—always adding them to the catalog of my regrets—I know that two and two make four—& should be glad to prove it too if I could—though I must say that if by any sort of process I could convert 2 & 2 into *five* it would give me much greater pleasure.—The only part I remember which gave me much delight were those theorems (is that the word?) in which after ringing the changes upon—A—B&C—D. &c. I at last came to “which is absurd—which is impossible” and at this point I have always arrived & I fear always shall through life—very fortunate if I can continue to stop there. — — —I perceive by part of your last letter—that you are still a little inclined to believe me a very gloomy personage—those who pass so much of their time entirely alone cannot be always in very high spirits—yet I don’t know—though I certainly do enjoy society to a certain extent I never passed two hours in mixed company in my life—without wishing myself out of it again—still I look upon myself as a facetious companion—well respected by all the Wits—at whose jests I readily laugh—& whose repartees I take care never to incur by any kind of contest—for which I feel as little qualified as I do for the more solid pursuit of demonstration.—I am happy so far in the *intimate* acquaintance of two or three men with whom for ten years of my life I have never had one word of difference—and what is rather strange—their opinions religious moral & political are diametri-

cally opposite to mine—so that when I say “difference” I mean of course *serious* dispute—coolness—quarrel—or whatever people call it—now for a person who began life with that endless source of squabble—satire—I may in this respect think myself fortunate.—My reflections upon this subject qualify me to sympathize with you very sincerely in the departure of your friend Miss Montgomery—the more so—as notwithstanding many instances of the contrary I believe the friendship of *good* women—more sincere than that of men—& certainly more tender—at least I never heard of a male intimacy that spoilt a man’s dinner—after the age of fifteen—which was that when I began to think myself a mighty fine gentleman & to feel ashamed of liking anybody better than one’s-self. I have been scribbling another poem—as it is called—Turkish as before—for I can’t empty my head of the East—and horrible enough—though not so sombre quite as ye. Giaour (that unpronounceable name) and for the sake of intelligibility it is *not* a fragment.—The scene is on the Hellespont—a favourite sejour of mine—and if you will accept it—I will send you a copy—there are some Musulman words in it which I inflict upon you in revenge for your “Mathematical[?]” & other superiority.— — — — When shall you be in town?—by the bye—you won’t take *fright* when we meet, will you? & imagine that I am about to add to your thousand and one pretendants?—I have taken exquisite care to prevent the possibility of that—though less likely than ever to become a Benedick—indeed I have not seen (with one exception) for many years a Beatrice— —and she will not be troubled to assume the part.—I think we understand each other perfectly—& may talk to each other occasionally without exciting speculation—and the worst that can be said—is—that I *would*—& you *wont*—and in this respect *you* can hardly be the sufferer—and I am very sure I *shant*.—If I find my heart less philosophic on the subject than I at present believe it—I shall keep out of the way—but I *now* think it is well shielded—at least it has got a new suit of armour—and certainly it stood in need of it.—I have heard a rumour of another added to your list of unacceptables—and I am sorry for him—As I know that he has talent—& his pedigree ensures him wit & good humour.—You make sad havoc among “us youth” it is lucky that Me. de Stael has published her *Anti-suicide* at so killing a time—*November* too!—I have not read it—for fear that the love of contradiction might lead me to a practical confutation.—Do you know her? I don’t ask if you have *heard* her? her tongue is “the perpetual motion.”—

ever yrs.
Byron

P.S. Nov. 17th.—The enclosed was written a week ago & has lain in my desk ever since—I have had forty thousand plagues to make forget not you but *it*—and now I might as well burn it—but let it go & pray forgive ye. scrawl & the Scribe

If you favour me with an answer—any letter addressed here will reach me wherever I may be—I have a little cousin Eliza Byron coming—no—going to some school at Stockton—will you notice her? It is the prettiest little blackeyed girl of Paradise—& but 7 years old.—

10 de nov. 1813

Uma variedade de circunstâncias & movimentos de lugar a lugar—nenhum dos quais seria deveras divertido em detalhe—nem de fato agradável a qualquer um que (posso gabar-me) seja meu amigo me impediram até agora de responder tuas duas últimas cartas—mas se minha auto-reprovação diária pela omissão pode ser de alguma reparação—espero que isso possa servir-te como uma desculpa satisfatória—como ela tem sido uma “visita compungida” a mim mesmo.— — — — Tua opinião sobre meus “poderes de argumentação” é tão exatamente a minha—que não te admirarás se eu evitar uma controvérsia com tão habilidosa casuísta—particularmente em um assunto onde estou certo de ser derrotado neste mundo—e talvez expor-me a uma refutação mais calorosa no próximo.—Mas ficarei muito feliz em ouvir tuas observações sobre o assunto—ou sobre qualquer assunto—se alguém pudesse me fazer algum *bem*—provavelmente serias tu—pois segundo dizem todos és mestra na prática assim como na teoria dessa benevolente ciência (que considero como sendo melhor até do que a tua *Matemática*) de qualquer modo é *minha* culpa se eu não colher nenhum proveito das tuas observações.—Concordo contigo sobre Matemática também—e devo me contentar em admirá-las a uma distância incompreensível—sempre adicionando-as ao catálogo de meus arrependimentos— Sei que dois e dois são quatro—& ficaria feliz em provar isso também se pudesse—embora deva dizer que se por algum processo eu pudesse converter 2 & 2 em *cinco* isso me daria um prazer muito maior.—a única parte de que recordo que me deu grande prazer foram aqueles teoremas (é essa a palavra?) nos quais após utilizá-los continuamente, mas de maneira diferente—A—B& C—D. &c. finalmente cheguei a “é um absurdo—é impossível” e a esse ponto tenho sempre chegado & temo sempre chegarei por toda a vida—muita sorte se puder continuar e chegar lá.—

— — Percebo por parte de tua última carta—que ainda estás um pouco inclinada a ter-me como uma pessoa muito melancólica—aqueles que passam tanto de seu tempo completamente sozinhos não podem estar sempre animados—e no entanto não sei—embora certamente aprecie a sociedade até certo ponto nunca passei duas horas em companhia variada em minha vida—sem desejar estar fora dela outra vez—ainda assim me vejo como um companheiro brincalhão—bem respeitado por todos os Perspicazes—de cujas piadas eu protamente prontamente rio—& a cujas respostas prontas tomo cuidado para nunca me sujeitar por qualquer sorte de competição—para a qual sinto-me tão pouco qualificado quanto me sinto para a mais real busca de demonstração.—Estou feliz por hora no conhecimento *íntimo* de dois ou três homens com os quais por dez anos de minha vida jamais tive uma palavra de diferença—e o que é deveras estranho—suas opiniões religiosas morais & políticas são diametralmente opostas às minhas—então quando digo “diferença” quero dizer é claro disputa *séria*—indiferença—briga—ou seja como for que as pessoas o chamem—agora para uma pessoa que começou a vida com aquela fonte inesgotável de altercação—sátira—posso a esse respeito considerar-me um afortunado.—Minhas reflexões sobre este assunto me qualificam a compartilhar de teus sentimentos de forma muito sincera sobre a partida de tua amiga Miss Montgomery—tanto mais que—a despeito de muitos casos ilustrativos do contrário acredito que a amizade de *boas* mulheres—mais sincera do que a de homens—& certamente mais frágil—pelo menos nunca ouvi falar de uma intimidade masculina que tenha estragado o jantar de um homem—após a idade de quinze anos—que foi quando comecei a me considerar um fino cavalheiro & a ter vergonha de gostar de alguém mais do que de mim mesmo. Rascunhei um novo poema—como é chamado—Turco como antes—pois não consigo esvaziar minha cabeça do Oriente—e horrível o suficiente—embora não tão sóbrio como o Giaour (esse nome impronunciável) e pelo bem da inteligibilidade *não* é um fragmento.—A cena é no Helesponto—um sejour² favorito meu—e se o aceitares—enviarei uma cópia para ti—há algumas palavras em muçulmano nele as quais eu infligo a ti em vingança pela tua superioridade “Matemática [”] & por outra.— — — — Quando estarás na cidade?—a propósito—não *te assustarás* quando nos conhecermos, ou assustarás? & imaginarás que estou para somar aos teus mil e um pretendentes?—Tomei imenso cui-

² N. do T.: local/estadia.

dado para evitar tal possibilidade³—embora menos inclinado do que antes a me tornar um Benedick—de fato não tenho visto (com uma exceção) por muitos anos uma Beatrice—e ela não assumirá o papel.—Acho que nos entendemos perfeitamente—& podemos conversar um com o outro ocasionalmente sem provocarmos especulação—e o pior que pode ser dito—é—que eu *iria*—& tu *não*—e a esse respeito tu dificilmente podes ser a *sufredora*—e estou muito certo de que *não deveria*.—Se eu descobrir meu coração menos filosófico sobre o assunto do que o acredito no momento—me mantereí fora do caminho—mas *agora* o considero bem protegido—pelo menos ele conseguiu uma nova armadura—e certamente necessitava dela.—Ouvi rumores de outro adicionado à tua lista de inaceitáveis—e sinto muito por ele—pois sei que tem talento—& sua linhagem lhe assegura perspicácia & bom humor⁴.—Tu causas triste devastação entre “nós jovens” é uma sorte que Me. de Stael tenha publicado seu Anti-suicídio em hora tão fatal—*Novembro* também!—Não o li—por temer que o amor pela contradição me levasse a uma refutação prática.— Tu a conheces? Não pergunto se tu a *tens ouvido*? A língua dela é “o movimento perpétuo.”—

sempre teu
 Byron

P.S. 17 Nov.—A anexa foi escrita há uma semana & tem estado em minha escrivania desde então—Tive quarenta mil pragas para me fazer esquecer não de ti mas *dela*—e agora eu poderia igualmente quemá-la—mas deixe-a ir & peço desculpe o garrancho & o Escriba

Se me obsequiares com uma resposta—qualquer carta aqui endereçada me alcançará onde quer que eu possa estar—tenho uma pequena prima Eliza Byron vindo—não—indo para alguma escola em Stockton—tu a verás? É a garotinha de olhos negros mais linda do Paraíso—& tem apenas 7 anos de idade.

³ N. do E. Annabella, é provável, não estaria muito satisfeita com a dica de Byron de que ele havia formado outra ligação amorosa.

⁴ N. do E. Alguns registros dão conta de que um dos pretendentes de Annabella era Stratford Canning (depois Lorde Stratford de Redcliffe). Seu biógrafo afirma que: “an additional cause of [his] depression [in 1814] was his failure to ein the hand of Annabella Milbanke...” (The Life of Stratford Canning, E. F. Malcom-Smith, Londres, 1933, p. 49).

Carta 10 – Para Madame de Staël

Novr. 30th. 1813

Dear Madam—I shall not apologize for answering your very kind letter in my own language with which you are so well acquainted. I should be fearful of replying to you in yours—even had I been born and educated a native of France.—My knowledge of French is superficial yet sufficient to comprehend the beauty & originality of thoughts which belong to no particular country or quarter of the globe—but must strike to the hearts of all who inhabit it.—In referring to your recent work in the note with which you are obliging enough to be pleased—I was but too happy to avail myself of your authority for a real or fancied confirmation of my opinion on a particular subject.—My praise was only the feeble echo of more powerful voices—to yourself any attempt at eulogy must be merely repetition. Of the work itself I can only say—that few days have passed since its publication without my perusal of many of its pages—and that I should be sorry for my own sake to fix the period when I should not recur to it with pleasure.—The tale—which you have honoured by your notice—was written hastily—and published I fear injudiciously—and has moreover the disadvantage on being composed in some of those moments when we are forced by reality to take refuge in Imagination—I am much more obliged to it than I ever can be to the most partial reader—as it wrung my thoughts from selfish & sorrowful contemplation—and recalled them to a part of the world to which I am indebted for some of the brightest and darkest but always the *most living* recollections of my existence.—My time is passed so irregularly that you will not mistake my omissions in the etiquette of visiting—for want of respect for your talents—nor neglect of your society: with all the world at your feet; you can neither miss nor regret the absence of a solitary and sometimes a sullen individual.—My friends—at least my acquaintances—who are most of them your friends—and all your admirers—could or might tell you that this carelessness is habitual—I do not say it is excusable—and certainly it is not so in the present instance. But your Goodnature will forgive my negligence & perhaps some of my faults—amongst which however cannot be numbered any deficiency in *real* respect & sincere admiration on the part of

your obliged & very faithful humble servt
Byron

30 de nov. 1813

Cara Madame—Não devo me desculpar por responder vossa amável carta em minha própria língua com a qual estais tão bem familia-

rizada. Temeraria responder na vossa—mesmo tivesse nascido e sido educado um nativo da França.—Meu conhecimento de francês é superficial porém suficiente para compreender a beleza & a originalidade de pensamentos que pertencem a nenhum país ou quarto do globo em particular—mas devem tocar os corações de todos que o habitam.—Em referindo-me a vosso recente trabalho na nota sobre a qual expressais vossa gratidão¹—fiquei não menos que muito feliz por valer-me de vossa autoridade para uma confirmação real ou imaginária de minha opinião sobre um assunto em particular.—Meu elogio foi apenas o débil eco de vozes mais poderosas—para vós qualquer tentativa de louvor será meramente repetição.—Da obra mesma posso apenas dizer—que poucos dias transcorreram desde sua publicação sem minha leitura atenciosa de muitas de suas páginas—& que eu deveria lamentar para o meu próprio bem colocar-lhe o ponto final quando não retornasse a ela com prazer.—A história—por vós honrada com vossa observação—foi escrita apressadamente—& publicada temo que injudiciosamente—e tem de mais a mais a desvantagem de ter sido composta em um daqueles momentos em que somos forçados pela realidade a buscar refúgio na Imaginação—Sou muito mais grato a ela do que jamais poderei ser ao mais parcial dos leitores—pois ela arrancou meus pensamentos da contemplação pesarosa e egoísta —& lembrou-os de uma porção do mundo à qual devo algumas das mais brilhantes e sombrias mas sempre as *mais vivas* recordações de minha existência.—Meu tempo escoou tão irregularmente que não confundireis minhas omissões na etiqueta de visitas—com falta de respeito para com vossos talentos—nem com negligência de vossa sociedade: com o mundo todo a vossos pés; não podeis sentir ou lastimar a ausência de um solitário e por vezes soturno indivíduo.—Meus amigos—pelo menos meus conhecidos—os quais são em sua maioria vossos amigos—e todos vossos admiradores—poderiam ou deveriam dizer-vos que essa desatenção é habitual—não digo que seja escusável—& certamente não o é no presente caso. Mas vosso bondoso coração perdoará minha negligência & talvez algumas de minhas falhas—entre as quais contudo não pode enumerar-se qualquer falta de *real* respeito & sincera admiração da parte de

vosso reconhecido & muito fiel humilde servo

Byron

¹ N. do E. Em uma nota a uma linha em seu poema *The Bride of Abydos* (canto I, stanza VI), Byron escreveu: “For na eloquent passage in the latest work of the first female writer of this, perhaps of any age, on the analogy... between ‘painting and music’, see vol. Iii, cap. 10, De L’Allemagne.” Essa carta é uma resposta ao “belíssimo bilhete” de Madame de Staël, conforme Byron registrou em seu diário (30 de Nov, 1813).

Carta 11 – Para Lady Melbourne

January 8th. 1814

My dear Ly. M[elbourn]e.—I have had too much in my head to write—but don't think my silence capricious.—C[aroline] is quite out—in ye. first place *she* was not under the same roof—but first with my old friends the H[arrowby]'s in B[erke][l]e[y] Square—and afterwards at her friends the V[illiers]'s nearer me.—The separation is utterly false & without even a shadow of foundation so you see her spies are ill paid or badly informed.—But—if she had been in ye. same house—it is less singular than C[aroline]'s *coming* to it—the house was a very decent house till that illustrious person thought proper to render it otherwise.—As to Me. de Stael—I never go near her—her books are very delightful—but in society I see nothing but a very plain woman forcing one to listen & look at her with her pen behind her ear and her mouth full of *ink*.—So much for her.—Now for a confidence—my old love of all loves—Mrs.—[Chaworth-Musters] (whom somebody told you knew nothing about me) has written to me *twice*—no *love* but she wants to see me—and though it will be a melancholy interview I shall go—we have hardly met & never been on any intimate terms since her marriage—*he* has been playing the Devil—with all kinds of *vulgar* mistresses—& behaving ill enough in every respect.—I enclose you the *last* which pray return immediately with your *opinion*—whether I *ought* to see her or not—you see she is unhappy—she was a spoilt heiress—but has seen little or nothing of the world—very pretty—& once simple in character & clever—but with no peculiar accomplishments—but endeared to me by a thousand childish & singular recollections—you know her estate joined mine & we were as children very much together—but no matter—*this* was a love-match—they are *separated*.—I have heard from Ph. [Frances Webster]—who seems embarrassed with the constancy—her *date* is the *Grampian* hills—to be sure with that latitude & her precious epoux—it must be a shuddering kind of existence.—C[aroline] may do as she pleases—thanks to your goodnature rather than my merits or prudence—there is little to dread from her love & I forgive her hatred.—Ly. H[arrowby?]'s second son is in Notts & *she* has been guessing & asking about Mrs. C[Haworth-Musters]—no matter—so that I keep her from *all other* conjectures.—I write to you in a tone which nothing but hurry can excuse—don't think me impatient or peevish but merely *confused*—*consider* one moment—*all things*—& do not wonder—by the bye—I lately passed my time very *happily*.— —By the bye—this letter will prove to you that we were at least friends—& that the Mother in

law—erred when she told you that it was quite a *dream*—will you believe me another time.—Adieu, ever yrs. pray write—& believe me
 most affectly. yrs.
 B

8 de janeiro. 1814

Minha cara Ly. M[elbourn]e.—Tenho estado com a cabeça muito cheia para escrever—mas não pense em meu silêncio como caprichoso.—C[aroline] está bem por fora—em primeiro lugar *ela*¹ não esteve sob o mesmo teto—, mas primeiro com meus velhos amigos os H[arrowby] em B[erke]ll[e]y Square—e após com os amigos dela os V[illiers] mais próximo a mim.—A separação é absolutamente falsa & sem a mínima sombra de fundamento então vêes que os espiões dela são mal remunerados ou mal informados.—Mas—se ela tivesse estado na mesma casa—seria menos excepcional do que C[aroline] vindo para ela—a casa era muito decente até que aquela distinta pessoa achou por bem conferir-lhe outro status.— —Quanto a Me. de Stael— nunca chego perto dela—seus livros são muito agradáveis—mas em sociedade não vejo nada além de uma mulher muito comum forçando os outros a ouvi-la & observá-la com sua pena atrás da orelha e sua boca cheia de *tintata*.—Chega dela.—Agora como uma confidência—meu antigo amor de todos os amores—Mrs.—[Chaworth-Musters] (a qual alguém te disse sabia nada sobre mim) escreveu para mim *duas vezes* —nenhum *amor* mas ela quer ver-me —e embora vá ser uma entrevista melancólica devo ir—nós mal nos vimos & nunca estivemos em situação mais íntima desde seu casamento—*ele* tem feito o Diabo—com todo o tipo de amantes *vulgares*—& comportado-se mal o bastante em todos os aspectos.—Anexo para ti a última a qual peço que devolvas imediatamente com tua *opinião*—se *devo* ir vê-la ou não—tu vêes ela está infeliz—ela foi uma herdeira mimada—mas viu pouco ou nada do mundo —muito bela—& certa vez simples em caráter & inteligente—mas sem feitos peculiares—mas estimada por mim devido a mil lembranças infantis & singulares— a propriedade dela se unia à minha & nós estávamos quando crianças um bocado juntos—mas não importa—*este* era um par perfeito—eles estão *separados*.—ouvi de Ph. [Frances Webster]—que parece constrangida com a constância—a *data* dela são os montes *Gram-pian* para ser honesto com aquela latitude & o precioso epoux—deve ser um tipo horrível de existência.—C[aroline] pode fazer como bem lhe agrada—graças à tua boa índole ao invés dos meus méritos ou prudên-

¹ N. do E. Augusta Leigh.

Carta 12 – Para John Murray

[January 11, 1814]

Dear Sir/—Correct this proof by Mr. G[ifford]’s (and from the M.S.S.) particularly as to the *pointing*—I have added a section for *Gulnare* to fill up the parting—& dismiss her more ceremoniously—if Mr. G[ifford] or you dislike—’tis but a *spunge* and another midnight better employed than in yawning over Miss E[dgewort]h—who by the bye may not return ye. compliment.—

Wednesday—or Thursday—

P.S.—I have redde “Patronage” it is full of praises of Lord Ellenborough!!! From which I infer near & dear relations at the bar—and has much of her heartlessness & little of her humour (wit she has none) and she must live more than 3 weeks in London to describe *good* (or if you will) *high* society—the *ton* of her book is as vulgar as her father—and no more attractive than her eyes—I do not love Me. de Stael—but depend upon it—she beats all your Natives hollow as an Authoress—in my opinion—and I would not say this if I could help it.— — — —

P.S. Pray repeat my best acknowledgements to Mr. G[ifford]—in any words that may best express how truly his kindness obliges me—I won’t bore him with *lip* thanks or *notes*.— —

11 de janeiro, 1814

Prezado Senhor—Corrija este esboço de Mr. G[ifford] (e de M.S.S.) particularmente em relação à *pontuação*—adicionei uma seção ao *Gulnare* para torná-lo mais longo—& terminá-lo mais cerimoniosamente—se Mr. G[ifford] ou tu não gostarem—isso nada mais é do que um *spunge*¹ e outra meia-noite melhor empregada do que em bocejar sobre Miss E[dgewort]h— a qual, afinal, pode não retribuir o elogio.—

—*Quarta—ou Quinta—*

P.S. — Eu lli “Patronage”² ele está carregado de louvores ao Lord Ellenborough!!! Pelo que deduzo existem relações familiares no bar—e possui muito da crueldade & pouco de seu humor (perspicácia ela possui nenhuma) e ela deve morar por mais de 3 semanas em Londres para descrever a *boa* (ou se preferires) *alta* sociedade— o *tom* de seu livro é tão vulgar quanto seu pai—e não mais atraente do que seus olhos—não

¹ N. do T. Bolo de massa levedada feito com trigo, ovos e um pouco de gordura.

² N. do E. Na obra *Patronage*, de Maria Edgeworth, o Lord Chief Justice, “Lord Oldborough”, é idealizado como um benevolente juiz.

amo Me. de Stael—mas acredite-me—ela arrasa todos os teus Nativos como Autora—em minha opinião—e eu não diria isso se pudesse evitar.— — — —

P.S. Por obséquio, transmita minhas recomendações a Mr. G[ifford]—em quaisquer palavras que possam melhor expressar o quão de fato sua gentileza me deixa grato—não o importunarei com agradecimentos *verbais* ou *notas*. —

Carta 13 – Para Lady Melbourne

Jany. 13th. 1814

My dear Ly. M[elbourn]e.—I do not see how you could well have said less—and that I am not angry may be proved by my saying a word more on ye. subject.—You are quite mistaken however as to *her*—and it must be from some misrepresentation of mine that you throw the blame so completely on the side least deserving and least able to bear it—I dare say I made the best of my own story as one always does from natural selfishness without intending it—but it was not her fault—but my own *folly* (give it what name may suit it better) and her weakness—for—the intentions of both were very different and some time adhered to—& when *not* it was entirely my own—in short I know no name for my own conduct.—Pray do not speak so harshly of her to me—the cause of all— — —I wrote to you yesterday on other subjects and particularly C[aroline]— —As to *manner*—mine is the same to anyone I know or like—and I am almost sure less marked to her than to *you*—besides any constraint or reserve would appear much more extraordinary than the reverse—until something more than manner is ascertainable.—Nevertheless I heartily wish Me. de Stael at the Devil—with her observations—I am certain I did not see her—and she might as well have had something else to do with her eyes than to observe people at so respectful a distance.— — —So “*Ph* [Frances Webster] is out of my thoughts”—in the first place if she were out of them—she had probably not found a place in my words—and in the next—she has no *claim*—if people will stop at the first tense of the verb “*aimer*” they must not be surprised if one finishes the conjugation with somebody else.—“How soon I get the better of”—in the name of St. Francis and his wife of Snow—and Pygmalion & his statue what was there here to get the better of?—a few kisses for which she was no worse—and I no better.— —Had the event been different—so would my subsequent resolutions & feelings—for I am neither ungrateful—nor at all disposed to be disappointed—on the contrary I do firmly believe—that I have often only begun to *love*—at the very time I have heard people say that some dispositions become indifferent.— — —Besides—her fool of a husband—and my own recent good resolutions—and a mixture of different piques and mental stimulants together with something not unlike encouragement on her part—led me into that foolish business—out of which the way is quite easy—and I really do not see that I have much to reproach myself with on her account—if you think differently pray say so.—As to Mrs. C[harworth-Musters] I will go—but I don’t see any good that can result

from it—certainly none to me—but I have no right to consider myself.—When I say this I merely allude to uncomfortable *feelings*—for there is neither chance nor fear of anything else—for she is a very good girl—and I am too much dispirited to rise even to admiration.—I do verily believe—*you* hope otherwise—as a means of *improving* me—but I am sunk in my own estimation—and care very little of course for that of others.— —As to *Ph*—she will end as all women in her situation do—it is impossible she can *care* about a man who acted so weakly as I did with regard to herself.— —What a fool I am—I have been interrupted by a visitor who is just gone—& have been laughing this half hour at a thousand absurdities as if I had nothing serious to think about.—

yrs. ever

B

P.S.—Another epistle from M[ary Chaworth-Musters]—my answer must be under cover to “dear friend” who is doing or suffering a folly—what can *she Miss R[adford]* be about?—the only thing that could make it look ill—is *mystery*—I wrote to her and *franked*—thinking there was no need for concealment—and indeed conceiving the affectation of it an impertinence.—but she desires me not—and I obey—I suspect *R[adford]* of wishing to make a scene between *him & me* out of dislike to both—but that shall not prevent me from going a moment—I shall leave town on Sunday.— — —

[page missing?] pantomime—I don’t think I laughed once save in soliloquy for ten days—which *you* who know me won’t believe (every one else thinks me the most gloomy of existences) we used to sit & look at one another—except in *duetto*—to be sure our gestures were rather more sensible—the most amusing part was the interchange of notes—for we sat up all night scribbling to each other—& came down like Ghosts in the morning—I shall never forget the quiet manner in which she would pass her epistles in a music book—or any book—looking in— — [Webster]’s face with great tranquility the whole time—& taking mine in the same way—once she offered one as I was leading her to dinner at N[ewstead]—all the servants before—& W[ebster] & sister close behind—to take it was impossible—and how she was to retain it—without *pockets*—was equally perplexing—I had the cover of a letter from Claughton in mine—and gave it to her saying “there is the Frank for Ly. Water[ford?] you asked for” she returned it with the note beneath with—“it is dated wrong—alter it tomorrow” and W[ebster] complaining that women did not but scribble—wondered how people could have the patience to frank & alter franks—and then happily digressed to the

day of the month—fish sauce—good wine—& bad weather.— —Your “matrimonial ladder” wants but one more descending step—“*d-nation*” I wonder how the *carpenter* omitted it—it amused me much.—I wish I were married—I don’t care about beauty nor *subsequent* virtue—nor much about fortune—I have made up my mind to share the decorations of my betters—but I should like—let me see—liveliness—gentleness—cleanliness—& something of comeliness—& *my own* first born—was ever man more moderate? what do you think of my “Bachelor’s wife”? What a letter have I written”

13 de Jane, 1814

Minha querida Ly. M[elbourn]e.—Não vejo como poderias ter dito menos—e que não estou bravo pode ser provado por mim dizendo uma palavra mais sobre o assunto.—Estás deveras enganada contudo quanto a *ela*¹—e deve ser em função de alguma narrativa incorreta minha que jogaste a culpa tão completamente no lado que menos merece e menos capaz de suportá-la—Ouso dizer que tirei o melhor proveito de minha própria história como sempre se faz por egoísmo natural sem ter a intenção—mas não foi culpa dela—mas minha própria *tolice* (dê a isso o nome que melhor se encaixar) e fraqueza dela—porque—as intenções de ambos eram muito diferentes e por algum tempo as mesmas & quando *não* inteiramente a minha própria—em resumo não conheço nenhum nome para minha conduta.—Por obséquio não fale tão rudemente dela comigo—a causa de tudo— — —escrevi para ti ontem sobre outros assuntos e particularmente C[aroline]— —No que diz respeito a *educação*—a minha é a mesma para qualquer um que eu conheça ou goste—e estou quase certo menos acentuada para ela do que para *ti*—além do mais, qualquer constrangimento ou reserva revelaria-se muito mais extraordinário do que o contrário—até que algo mais do que educação seja possível.—Não obstante, eu de coração desejo Me. de Stael ao Diabo—com as observações dela—E eu estou certo de que não a vi—e ela poderia muito bem ter tido cousa melhor para fazer com seus olhos do que observar as pessoas a tão respeitável distância. — — —Então “*Ph* [Frances Webster] está fora de meus pensamentos”—em primeiro lugar se ela estivesse fora deles—provavelmente não teria encontrado um lugar em minhas palavras—e em segundo—ela não tem *direito*—se as pessoas param no primeiro tempo do verbo “*aimer*” não devem ficar surpresas se terminamos a conjugação com outro alguém.—“O quanto

¹ N. do E. Augusta Leigh.

antes eu superar”—em nome de St. Francis e de sua esposa de Neve²?— e Pigmalion & sua estátua o que havia para ser superado?—alguns beijos pelos quais ela não ficou pior—nem eu melhor.— —Tivesse o evento sido diferente—também o teriam sido minhas resoluções & sentimentos ulteriores—pois não sou nem ingrato—nem estou desapontado—ao contrário acredito piamente—que tenho muitas vezes começado a *amar*—na exata hora em que ouvi a pessoa dizer que algumas disposições tornam-se indiferentes.— — —Além disso—o tolo do marido dela—e minhas próprias boas resoluções recentes—e uma mistura de diferentes melindres e estimulantes mentais em conjunto com algo não diferente de encorajamento da parte dela—levaram-me a entrar naquele negócio tolo—cuja saída é bastante fácil—e realmente não vejo que eu tenha muito a me reprovar em relação a ela—se pensas diferentemente por obséquio diga.—Quanto a Mrs. C[harworth-Musters] eu irei—mas não vejo qualquer bem que possa resultar disso—certamente nenhum para mim—mas não tenho direito de considerar a mim mesmo.—Quando digo isto simplesmente aludo a desconfortáveis *sentimentos*—pois não há nem chance nem medo de qualquer outra cousa—pois ela é uma menina muito boa—e estou por demais abatido para erguer-me mesmo para admiração.—Eu verdadeiramente acredito—*tu* esperas de outro modo—como uma forma de *melhorar-me*—mas estou afundado em minha própria opinião—e importo-me muito pouco é claro com a dos outros.— —Quanto a *Ph*—ela terminará como todas as mulheres na situação dela terminam—é impossível que possa se *importar* com um homem que agiu tão covardemente como o fiz em relação a ela.— — Que tolo sou—fui interrompido por um visitante que acaba de partir—& tenho estado a rir nesta última meia hora de mil absurdos como se não tivesse nada sério sobre o que refletir.—

teu sempre

B

P.S.—Outra epístola de M[ary Chaworth-Musters]—minha resposta deve ir disfarçada à “cara amiga” que está fazendo ou sofrendo uma tolice—o que *ela Miss R[adford]* pode estar querendo?—a única coisa que poderia fazê-la parecer prejudicial—é o *mistério*—Eu escrevi a ela e *fraqueei*—acreditando que não havia necessidade de segredo—e de fato concebendo a afetação disso uma impertinência.—mas ela não me

² N. do E. A lenda de que St. Francis aliviava suas paixões com uma esposa de neve foi uma à qual Byron se referiu novamente em Don Juan (6:17).

deseja—e eu obedeço—Suspeito que *R[adford]* deseje fazer uma cena entre *ele & eu* para desagrado de ambos—mas tal não evitará que me vá por um momento—devo deixar a cidade no domingo.— — —

[página faltando] pantomima—Não creio que tenha rido uma vez a não ser em solilóquio por dez dias—no que *tu* que me conheces não acreditarás (todos os demais me tem como o mais melancólico que existe) nós costumávamos sentar & olhar um para o outro—exceto em *duetto*—para ser honesto, nossos gestos eram sem dúvida mais sensíveis—a parte mais divertida era a troca de bilhetes—pois nós sentávamos a noite toda rabiscando um para o outro—& descíamos como Fantasmas de manhã—Jamais esquecerei o jeito calmo com que ela passava suas epístolas em um livro de música—ou em qualquer livro—olhando— — no rosto de [*Webster*] com grande tranquilidade todo o tempo—& recebendo as minhas da mesma maneira—certa feita ela ofertou-me uma enquanto eu a levava para jantar em *N[ewstead]*—todos os servos diante (de nós)—& *W[ebster]* & irmã logo atrás—pegá-la era impossível—e como ela a guardaria—sem *bolsos*—era igualmente confuso—Eu tinha o envelope de uma carta de *Claughton* no meu bolso—e dei-o a ela dizendo “aí está o franqueamento para *Ly. Water[ford?]* que solicitaste” ela retornou-o com o bilhete embaixo—“está datado errado—altere-o para amanhã” e *W[ebster]* reclamando que mulheres não faziam nada além de rabiscar—perguntando-se como as pessoas tem a paciência de franquear & alterar franqueamentos—e então alegremente desviou o assunto para o dia do mês—molho para peixe—bom vinho—& mau tempo.— —Tua “escada matrimonial” requer apenas mais um degrau descendente—“*da-nação*” Me pergunto como o *carpinteiro* omitiu-o—isso me divertiu muito.—Quem dera eu fosse casado—Não ligo para beleza nem *ulterior* virtude—nem muito para fortuna—me decidi a compartilhar dos ornamentos de meus superiores—mas eu apreciaria—deixe-me ver—jovialidade—gentileza—asseio—& algo de decência—& *meu próprio* primogênito—já foi algum homem mais moderado? O que pensas de minha “esposa de Solteiro”? Que carta escrevi.

Carta 14 – Para Lady Melbourne

January 16th. 1814

My dear Lady M[elbourn]e.—Lewis is just returned from Oatlands where he has been quarrelling with Stael about everything and every body.—She has not even let poor quiet *me* alone—but has discovered first that I am affected—& 2dly. that I “*shut my eyes during dinner!*”—what this last can mean I don’t know unless *she* is opposite—if I *then* do—she is very much obliged to me—and if at the same time I could continue to shut my ears—she would be still more so.— —If I really have so ludicrous a habit—will *you* tell me so—& I will try and break myself of it.—In the mean time I think the charge will amuse you—I have more faults to find with *her* than “*shutting her eyes*”—one of which is opening her mouth too frequently.— — —Do not you think people are very naught[y]—what do you think I have this very day heard said of poor M[Mary Charworth-Musters]? it provoked me beyond any thing—as *he* was named as authority—why—the abominable stories they circulate about Lady *Wd.* of which I can say no more—all this is owing to “*dear friend*” as yet as far as it regards “*dear friend*” I must say I have very sufficing suspicions for believing them totally false—at least she must have altered strangely within these nine years—but this is the age of revolution.— —The ascendancy always appeared to me that of a cunning mind over a weak one.—but—but—why the woman is a fright—which after all is the best reason for not believing it.— — — — —I still mean to set off tomorrow—unless this snow adds so much to the impracticability of the roads as to render it useless—I don’t mind anything but delay—and I might as well be in London as at a sordid inn waiting for thaw—or the subsiding of a flood & the clearing of snow.—I wonder what *your* answer will be on *Ph’s letter*—I am growing rather partial to the younger sister who is very pretty—but fearfully young—and I think a *fool*—a wife you say would be my salvation—now—I could have but one motive for marrying into that family—and even *that* might possibly only produce a scene & spoil every thing—but at all events it would in some degree be a *revenge*—and in the very face of your compliment (*ironical* I believe) on the want of *selfishness*—I must say that I never can quite get over the “*not*” of last summer—no—though it were to become “*yea*” tomorrow.— — —I do believe that to marry would be my wisest step—but whom?—I might manage this easily with “*Le Pere*”—but I don’t admire the connection—and I have not committed myself by any attentions hitherto.—But all wives would be much the same—I have no heart to spare—& expect

none in return—but as Moore says a pretty wife is something for the fastidious vanity of a roué to *retire* upon.”—and mine might do as she pleased so that she had a fair temper—and a *quiet* way of conducting herself—leaving me the same liberty of conscience.—What I want is a companion—a friend—rather than a sentimentalist—I have seen enough of love matches—& of all matches—to make up my mind to the common lot of the happy couples.—The only misery would be if I fell in love afterwards which is not unlikely—for habit has a strange power over my affections—in that case I should be jealous—and then—you do not know—what a devil any bad passion makes me—I should very likely *do* all that C[aroline] *threatens* in her paroxysms—and I have more reasons than you are aware of for mistrusting myself on this point.—Heigh ho! Good night.

ever yrs. most truly
BN

P.S. The enclosed was written last night—and I am just setting off—you shall hear from Newstead—if one ever gets there in a coach really as large as the cabin of a 74 and I believe meant for the Atlantic instead of the Continent.— — —1000 thanks for yours on this Morn.—“never loved so before”—well then—I hope never to be loved *so* again—for what is it for the *purpose*?—You wonder how I answered it?—to tell you the truth (which I could not tell *her*) I have not answered it at all—nor *shall*—I feel so much inclined to believe her sincere—that I cannot sit down and coolly repay her truth with fifty falsehoods—I do not believe her for the same *reason you believe*—but because by writing she *commits* herself & that is seldom done unless earnest.—I shall be delighted to hear your *defence* against my insinuations—but you will make nothing of it—and he *is* very much to be envied—but you mistake me—for I do not mean in *general*—on the contrary I coincide with him in taste but upon *one* instance.— — —C[aroline] was right about the poem—I have scribbled a longer one than either of the last—& it is in the press—but you know I never hold forth to you on such topics—why should I?—now you will think this a piece of conceit—but really it is a relief to the fever of my mind to write—& as at present I am what they call popular as an author—it enables me to serve one or two people without embarrassing anything but my brains—for I never have nor shall avail myself of the *lucre*—& yet it would be folly merely to make presents to a bookseller—whose accounts *to* me last year are just 1500 guineas *without* including C[hilde] H[arold]—now the odd part is that if I were a regular stipendiary & *wanted* it probably I should not be of-

ferred *one half*—but such are mankind—always offering or denying in the wrong place.—But I have written more than enough already—& this is my last experiment on *public* patience—and just at present I won't try *yours* any further.

ever yrs. my dear Ly. Me.

B

16 de janeiro. 1814

Minha cara Lady M[elbourn]e.—Lewis acaba de retornar de Oatlands¹ onde esteve indispondo-se com Stael sobre tudo e todos.—Ela não deixou nem mesmo *este* pobre coitado em paz—mas descobriu primeiro que sou afetado—& 2º que “*fecho* meus *olhos* durante o jantar!”—o que este último pode significar não sei a menos que *ela* esteja sentada à frente—se *então* o faço—ela é muito agradecida a mim—se ao mesmo tempo pudesse continuar a fechar meus ouvidos—ela deveria o ser mais ainda.— —Se de fato tenho tão absurdo hábito—*tu* o dirás—& tentarei e me livrarei dele.—Nesse meio tempo acredito que a incumbência te divertirá—tenho mais defeitos para encontrar *nela* do que “*fechar os olhos*”—um dos quais é abrir a boca em demasia.— — — Não achas que as pessoas são muito perversas—o que achas que ouvi dizer dia desses mesmo sobre a pobre M[Mary Charworth-Musters]? Isso me provocou além de qualquer cousa—pois *ele* foi nomeado como autoridade—por que—as histórias abomináveis que circulam sobre Lady *Wd.* sobre as quais não posso dizer mais nada—tudo isso devido à “cara amiga” e ainda no que diz respeito à “cara amiga” devo dizer que tenho indícios o bastante para crê-las totalmente falsas.—ao menos ela deve ter mudado estranhamente nesses nove anos—mas esta é a era da revolução.— —A ascendência sempre pareceu-me aquela de uma mente astuta sobre uma fraca.—mas—mas—porque a mulher é um terror—que afinal de contas é o melhor motivo para não acreditar.— — — — — ainda pretendo por-me a caminho amanhã—a menos que essa neve contribua tanto para a impraticabilidade das estradas a ponto de torná-las inúteis—não me importo com nada a não ser com atraso—e posso tanto estar em Londres quanto em uma sórdida estalagem esperando pelo degelo—ou o cessar de uma enchente & o caminho aberto na neve.— me pergunto qual tua resposta será em relação à *carta de Ph*—estou ficando particularmente inclinado em relação à irmã mais nova que é muito bela—mas assustadoramente jovem—e penso uma *tola*—uma

¹ N. do E. Propriedade do Duque de York perto de Weybridge, Surrey.

esposa dizes seria minha salvação—agora—eu teria apenas um motivo para contrair matrimônio dentro daquela família—e mesmo *isso* poderia possivelmente apenas produzir uma cena & arruinar tudo—mas de qualquer forma seria de certo modo uma *vingança*—e à vista do teu elogio (*irônico* eu acredito) na ausência de *egoísmo*—devo dizer que não supe-ro nunca o “*não*” do último verão—não—embora fosse tornar-se “*sim*” amanhã.— — —realmente acredito que casar seria meu passo mais sábio—mas com quem?—Eu poderia gerenciar isso facilmente com “Le Pere²”—mas não admiro a conexão—e não comprometi com quaisquer atenções até agora.—Mas todas as esposas seriam a mesma cousa—Não tenho coração para dispensar—& não espero nenhum de volta—mas como Moore diz “uma bela esposa é algo para *aquietar* a impertinente vaidade de um devasso.”—e a minha poderia fazer como lhe agradasse contanto que tivesse um temperamento moderado—e uma maneira sossegada de comportar-se—deixando-me a mesma liberdade de consciência.—O que eu quero é uma companheira—uma amiga—ao invés de uma sentimentalista—já vi o bastante de pares perfeitos—& de todos os pares—para decidir-me pelo lote comum de casais felizes.—O único infortúnio seria se eu me apaixonasse mais tarde o que não é improvável—pois o hábito tem um estranho poder sobre minhas afeições—nesse caso eu ficaria enciumado—e então—tu não sabes—que demônio qual-quer paixão inferior me torna—Eu muito provavelmente *faria* tudo o que C[aroline] *ameaça* nos seus paroxismos—e tenho mais razões do que estás a par para desconfiar de mim nesta questão.— Heigh ho! Boa noite.

Sempre teu muito verdadeiramente
BN

P.S. A anexa foi escrita a noite passada—e estou pondo-me a cami-nho—deverás ouvir de mim de Newstead—se alguém algum dia chegar lá em uma carruagem realmente tão ampla quanto a cabide de um 74 e creio feita para o Atlântico ao invés do Continente.— — —1000 agrade-cimentos pela tua nesta Manhã.—“nunca amei tanto antes”—bem então—espero nunca ser *tão* amado outra vez—com que *propósito*?—Perguntas como respondi a isso?—para dizer-te a verdade (que eu não poderia dizer a *ela*) não respondi de modo algum—nem *deverei*—me sinto tão inclinado a acreditar que ela é sincera—que não consigo sentar e friamente retribuir a verdade dela com cinquenta falsidades—não acredito nela pela mesma *razão que tu acreditas*—mas porque ao escre-

² N. do T. O pai.

ver ela se *compromete* & isso é raramente feito a menos que seja sério.— terei o máximo prazer em ouvir tua *defesa* contra minhas insinuações—mas não darás importância a isso—e ele tem pelo que ser invejado—mas te enganas a meu respeito—pois não quero dizer no *geral*—ao contrário coincido com ele em gosto em apenas *um* caso.— — — C[aroline] tinha razão sobre o poema—eu rabisquei um mais longo ainda do que o último—& ele está no prelo—mas sabes que nunca conversei contigo sobre tais assuntos—por que deveria?—agora acharás isso um pouco de vaidade—mas realmente é um alívio para a febre de minha mente escrever—& como no momento sou o que eles chamam popular como autor—isso me permite satisfazer uma ou duas pessoas sem embarçar nada a não ser meus miolos —pois nunca me vali nem me valerei do *lucro*—& no entanto seria tolice simplesmente ofertá-lo a um vendedor de livros—cuja prestação de contas *para* mim no ano passado foi de 1500 guinéus *sem* incluir C[hilde] H[arold]—agora a parte peculiar é que se eu fosse um remunerado regular & o *quisesse* provavelmente não me ofereceriam *uma* parte—mas assim são os homens—sempre oferecendo ou negando no lugar errado.—Mas já escrevi mais do que o suficiente—& este é meu último experimento sobre paciência *pública*—e presentemente não testarei mais a *tua*.

teu sempre minha querida Ly. Me.

B

Carta 15 – Para Samuel Rogers

Tuesday [June 7, 1814?]

My dear Rogers—Sheridan was yesterday at first too sober to remember your invitation but in dregs of the third bottle he fished up his memory—& found that he had a party at home. I left & leave any other day to him & you—save Monday & some yet undefined dinner at Burdett's.—Do you go to-night to Lord Eardley's? & if you do—shall I call for you—(anywhere) it will give me great pleasure.

ever yrs. entire

B

P.S. —The Stael out-talked Whitbread—overwhelmed his spouse—was *ironed* by Sheridan—confounded Sir Humphry—& utterly perplexed your slave.—The rest (great names in the red book nevertheless) were mere segments of the circle—Ma'mselle daunced a Russ saraband with great vigour—grace—& expression—though not very pretty—I think her eyes & figure promise a lively part in bed.— —

Terça-feira, [7 de junho, 1814?]

Meu caro Rogers—Sheridan estava ontem de início sóbrio demais para lembrar do teu convite mas nos últimos tragos da terceira garrafa ele recobrou a memória—& descobriu que tinha uma festa em casa. deixei & deixo qualquer outro dia para ele & para ti—exceto Segunda & algum ainda indefinido jantar nos Burdett. —vais esta noite à residência de Lord Eardley? & se fores—chamarei por ti—(em qualquer lugar) isso me dará imenso prazer.

sempre teu por completo

B

P.S. —A Staël venceu Whitbread nos argumentos—assoberbou a esposa dele—foi *ferroada* por Sheridan—confundi Sir Humphry—& absolutamente deixou perplexo teu escravo. —Os demais (grandes nomes no livro vermelho todavia) eram meros segmentos do círculo—Ma'moselle dançou uma sarabanda Russa com grande vigor—graça—& expressão—embora não muito bela—eu acho que seus olhos & forma prometem uma lépida parte³ na cama. — —

³ N. do T. Referência às partes pudendas.

Carta 16 – Para John Murray

Diodati—nr. Geneva. July 22d. 1816

Dear Sir—I wrote to you a few weeks ago—and Dr. P[olidori] received your letter—but ye. packet has not made its appearance nor ye. epistle of which you gave notice therein.—I enclose you an advertisement—which was copied by Dr. P[polidori]—& which appears to be about the most impudent imposition that ever issued from Grub Street.—I need hardly say that I know nothing of all this trash—nor whence it may spring—“Odes to St. Helena—Farewells to England—&c. &c.”—and if it can be disavowed—or is worth disavowing you have full authority to do so.—I never wrote nor conceived a line of any thing of the kind—any more than of two other things with which I was saddled—something about “Gaul” and another about “Mrs. La Vallette”—and as to the “Lily of France”—I should as soon think of celebrating a turnip.— —On the “morning of my Daughter’s birth” I had other things to think of than verses—and should never have dreamed of such an invention—till Mr. Johnson and his pamphlet’s advertisement broke in upon me with a new light on the Crafts & subtillies of the Demon of printing—or rather publishing.— —I did hope that some succeeding lies would have superseded the thousand and one which were accumulated during last winter—I can forgive whatever can be said of or against me—but not what they make me say or sing for myself—it is enough to answer for what I have written—but it were too much for Job himself to bear what one has not—I suspect that when the Arab Patriarch wished that “his Enemy had written a book” he did not anticipate his own name on the title page.— —I feel quite as much bored with this foolery as it deserves—and more than I should be—if I had not a headache.— —Of Glenarvon—Madame de Staël told me (ten days ago at Copet) marvelous & grievous things—but I have seen nothing of it but the Motto—which promises amiably “For us & for our tragedy” —if such be the posy what should the ring be? “a name to all succeeding &c.”—the generous moment selected for the publication is probably its kindest accompaniment—and truth to say—the time was well chosen—I have not even a guess at the contents—except for the very vague accounts I have heard—and I know but one thing which a woman can say to the purpose on such occasions and that she might as well for her own sake keep to herself—which by the way they very rarely can—that old reproach against their admirers of “kiss and tell” bad as it is—is surely somewhat less than— — —and *publish*.—I ought to be ashamed of the Egotism of this letter—it is not my fault altogether—and I shall be but

too happy to drop the subject when others will allow me.—I am in tolerable plight—and in my last letters told you what I had done in the way of all rhyme—I trust that you prosper—and that your authors are in good condition—I should suppose your Stud has received some increase—by what I hear—Bertram must be a good horse—does he run next meeting? and does the Quarterly cover still at so much the mare and the groom? I hope you will beat the Row—

yrs. always & [truly?]

Diodati—nr. Geneva. 22 de julho. 1816

Prezado Senhor—Escrevi para ti algumas semanas atrás—e o Dr. [Polidori] recebeu tua carta—mas o pacote não apareceu nem a epístola da qual deste aviso em particular.—Envio em anexo um anúncio—que foi copiado pelo Dr. P[polidori]—& que parece ser sobre a mais leviana imposição que já resultou de Grub Street¹.—nem preciso dizer que não sei nada sobre todo esse lixo—nem de onde pode resultar—“Odes a St. Helena—Despedidas à Inglaterra—&c. &c.”—e se isso pode ser repudiado—ou se valer ser repudiado tens total autoridade para fazê-lo.—nunca escrevi nem pensei uma linha de qualquer cousa do tipo—mais do que outras duas cousas das quais fui acusado—algo sobre “Gaul” e outro sobre “Mrs. La Valette”—e quanto ao “Lírio da França”—eu devo sem demora pensar em celebrar um nabo.— —Na “manhã do nascimento de minha Filha” eu tinha outras cousas sobre as quais pensar além de versos—e jamais deveria ter sonhado com tal invenção—até que Mr. Johnson e seu panfleto de anúncio me surpreenderam com uma nova luz sobre as Astúcias & sutilezas do Demônio da impressão—ou particularmente da publicação.— —Eu sim esperava que algumas mentiras ulteriores substituíssem as mil e uma que foram acumuladas durante o último verão—posso perdoar o que quer que possa ser dito de ou contra mim—mas não o que eles me fazem dizer ou cantar eu mesmo—já é o bastante responder pelo que tenho escrito—mas foi demais até mesmo para Jó tolerar o que outro não tolerou—desconfio que quando o Patriarca Árabe desejou que “seu Inimigo tivesse escrito um livro”² ele não anteviu seu próprio nome na página título.— —me sinto tão aborrecido

¹ N. do T. No início do século XIX, Grub Street era uma rua na localidade pobre de Moorfields, em Londres, famosa por abrigar pastichadores e imitadores, aspirantes a poeta e editores de obras fraudulentas. De acordo com Samuel Johnson, o nome da rua passou a ser utilizado para denominar toda e qualquer obra de autoria duvidosa e de pouco valor literário. Fonte: Wikipedia <http://en.wikipedia.org/wiki/Grub_Street>.

² N. do E. “Oh... that mine adversary had written a book.” Jó, XXXI: 35.

com essa parvoíce quanto ela o merece—e mais do que deveria estar— não tivesse eu uma dor de cabeça.— —De Glenarvon³—Madame de Staël me disse (há dez dias em Copet) cousas maravilhosas & dolorosas—mas não vi nada dele além do Moto—que promete afavelmente “Por nós & por nossa tragédia”⁴—se tal é o buquê como deverá o anel ser? “um nome para todos os ulteriores &c.”⁵—o generoso momento escolhido para a publicação é provavelmente o seu mais gentil acompanhamento—e verdade seja dita—a ocasião foi bem escolhida—não tenho nem um palpíte sobre os assuntos—exceto pelas muito vagas narrativas que tenho ouvido—e só sei de uma cousa que uma mulher pode dizer pertinente em tais ocasiões e tal ela deveria para seu próprio bem guardar para si—o que por sinal elas raramente conseguem fazer—que a acusação passada contra seus admiradores de “beijo e boato”⁶ ruim como é—é certamente algo menos do que— — —e *publicar*.—Eu devia me envergonhar do Egotismo desta carta—não é minha culpa de todo—e ficarei não menos do que muito feliz em abandonar o assunto quando outros assim o permitirem.—estou em tolerável dilema—e em minhas últimas cartas contei-te o que tinha feito no caminho de todas as rimas—acredito que prosperas—e que teus autores estão em boa condição—eu deveria supor que teu Garanhão recebeu algum incremento—pelo que ouço—Bertram⁷ deve ser um bom cavalo—ele corre o próximo páreo? E a capa do Quarterly ainda sobre a égua e o cavaliário? espero que Triunfes—

teu sempre & [verdadeiramente?]

³ N. do E. Glenarvon, romance de Lady Caroline Lamb, apareceu pela primeira vez em junho, logo após Byron ter deixado a Inglaterra. O herói-vilão, Glenarvon, é claramente inspirado em Byron.

⁴ N. do E. Hamlet, ato III, cena 2.

⁵ N. do E. Lady Caroline Lamb modificava o moto a cada edição. O moto a que Byron se refere era de O Corsário, (levemente alterado): “He left a name to all succeeding times, Link’d with one virtue and a thousand crimes”.

⁶ N. do T. O mesmo que conquistas amorosas com envolvimento sexual.

⁷ N. do E. Bertram, escrito por Maturin, que Byron recomendou a Drury Lane, foi produzido pela primeira vez em 9 de maio de 1816 e teve a successfull run. Murray publicou a peça, que alcançou sua sétima edição em 1816.

Carta 17 – Para Samuel Rogers

Diodati—nr. Geneva July 29th. 1816

Dear Rogers—Do you recollect a book? Mathinson's letters—which you lent me—which I have still—& yet hope to return to your library?—well—I have encountered at Copet and elsewhere Gray's Correspondent (in it's Appendix) that same Bonstetten (to whom I lent ye. translation of his Correspondent's epistles for a few days)—but all he could remember of Gray amounts too little—except that he was the most “melancholy and gentlemanlike”—of all possible poets.—Bonstetten himself is a fine & very lively old man—and much esteemed by his Compatriots—he is also a litterateur of good repute—and all his friends have a mania of addressing to him volumes of letters—Mathinson—Muller the historian &c. &c. He is a good deal at Copet—where I have met him a few times.—All there are well—except Rocca—who I am sorry to say—looks in a very bad state of health—the Duchess seems grown taller—but—as yet—no rounder since her marriage—Schlegel is in high force—and Madame as brilliant as ever.—I came here by the Netherlands—and the Rhine Route—& Basle—Berne—Morat—& Lausanne—I have circumnavigated the lake—and shall go to Chamouni—with the first fair weather—but really we have had lately such stupid mists—fogs—rains—and perpetual density—that one would think Castlereagh had the foreign affairs of the kingdom of Heaven also—upon his hands.—I need say nothing to you of these parts—you having traversed them already—I do not think of Italy before September.— —I have read “Glenarvon”

“From furious Sappho scarce a milder fate

— — —by her love—or libelled by her hate”

& have also seen Ben. Constant's Adolphe—and his preface denying the real people—it is a work which leaves an unpleasant impression—but very consistent with the consequences of not being in love—which is perhaps as disagreeable as anything—except being so—I doubt however whether all such “liens” (as he calls them) terminate so wretchedly as his hero & heroine's.— —there is a third Canto (a longer than either of the former) of Ch[il]de Har[ol]d finished—and some smaller things—among them a story on the “Chateau de Chillon”—I only wait a good opportunity to transmit them to the Grand Murray—who—I hope—flourishes. —Where is Moore? —why aint he out?—my love to him—and my perfect consideration & remembrances to all—particularly to Lord and Lady Holland—& to your Duchess of Somers[e]t. —

ever yrs. very truly

B

Diodati—nr. Geneva 29 de julho. 1816

Caro Rogers—Tu recordas de um livro? Cartas de Mathinson⁸—que emprestaste para mim—que tenho ainda—& ainda espero devolver à tua biblioteca?—bem—eu encontrei em Copet e alhures o correspondente de Gray (no Apêndice) aquele mesmo Bonstetten⁹ (a quem emprestei a tradução das epístolas de seu Correspondente por alguns dias)—mas tudo que ele podia lembrar de Gray era muito pouco—exceto que ele era o mais “melancólico e cavalheiresco” possível—de todos os poetas.—Bonstetten ele mesmo é um gentil & muito vigoroso senhor de idade—e muito estimado por seus Compatriotas—ele também é um litterateur de boa reputação—e todos os seus amigos tem uma mania de endereçar a ele volumes de cartas—Mathinson—Muller¹⁰ o historiador &c. &c. Ele fica muito em Copet—onde o encontrei algumas vezes.—Todos lá estão bem—exceto Rocca¹¹—o qual sinto dizer—parece estar em um péssimo estado de saúde—a Duquesa¹² parece mais alta—mas—por ora—não mais redonda desde seu casamento—Schlegel¹³ está em plena força—e Madame tão brilhante quanto nunca.—Cheguei aqui pelos Países Baixos—e pela Rota do Reno—& Basle—Berne—Morat—& Lausanne—circunaveguei o lago—e devo ir para Chamouni—com o primeiro tempo bom—mas realmente nós temos tido ultimamente tão estúpidas névoas—neblinas—chuvas—e perpétua densidade—que alguém pensaria que Castlereagh tinha as relações exteriores do reino do Céu também—em suas mãos.—Não preciso dizer nada sobre estas partes—tu já tendo-as cruzado—não penso na Itália antes de setembro.—Li “Glenarvon”

“Da furiosa Safo rara mais branda a sina
— — —¹⁴ por seu amor—ou difamado por sua ira¹⁵”

⁸ N. do E. Friedrich Von Matthinson (1761-1831), poeta alemão.

⁹ N. do E. Charles Victor de Bonstetten (1745-1832), epistológrafo suíço, conheceu Thomas Gray na Inglaterra em 1769 e trocou uma extensa correspondência com ele.

¹⁰ N. do E. Johann von Muller (1752-1809), autor de History of the Helvetic Confederation, era amigo e correspondente de longa data de Bonstetten.

¹¹ N. do E. Em 1811, Madame de Staël contraiu núpcias com seu segundo marido, um jovem oficial francês de nome M. de Rocca.

¹² N. do E. Albertine, filha de Madame de Staël, casou-se em fevereiro de 1816 com o Duque de Broglie.

¹³ N. do E. August Wilhelm Von Schlegel (1767-1845), protegido de Madame de Staël, viveu em Copet e fez parte de seu brilhante círculo. Seu egotismo fez com que Byron não gostasse dele.

¹⁴ N. do T. The Poetical Works of Alexander Pope. Vol 5. 1804. Gloucester. Colley Cibber. Pag. 30.

¹⁵ From Pope’s Horace Imitated, primeira sátira do segundo livro, linhas 83-84.

& também vi o Adolphe de Ben. Constant¹⁶—e seu prefácio negando as pessoas reais—é um trabalho que deixa uma desagradável impressão—mas muito consistente com as consequências de não se estar apaixonado—que é talvez tão desagradável quanto qualquer coisa—exceto estar apaixonado—duvido no entanto se todas as tais “liens”¹⁷ (como ele as denomina) findam tão desditosamente quanto as do herói & da heroína dele.—há um terceiro Canto (um mais longo ainda do que o anterior) de Ch[il]de Har[ol]d terminado—e algumas cousas menores—entre as quais uma história no “Chateau de Chillon”—guardo apenas uma boa oportunidade para transmiti-los ao Grande Murray—o qual—espero—prospera. —Onde está Moore? —por que ele não está na rua?—meu amor para ele—e minhas perfeitas considerações & lembranças a todos—em especial a Lord e Lady Holland—& à tua Duchess de Somers[e]t. —

teu sempre muito verdadeiramente
B

¹⁶ N. do E. O romance Adolphe, de Benjamin Constant, retratou de maneira cruelmente detalhista seu relacionamento com Madame de Staël.

¹⁷ N. do T. Ligações.

Carta 18 – Para Madame de Staël

August 24th. 1816

Dear Madam—It was my intention to address you at some length— but my subject has too many thoughts for words.— —The intelligence which you mentioned came upon me unexpectedly—as my Correspondents in England are forbidden by me to name or allude to any branch of that family, except my daughter. To say that I am merely *sorry* to hear of Lady B[yron]’s illness is to say nothing—but she has herself deprived me of the right to express more.—The separation may have been *my fault*—but it was *her* choice.— —I tried all means to prevent—and would do as much & more to end it,—a word would do so—but it does not rest with me to pronounce it.— —You asked me if I thought that Lady B[yron] was attached to me—to that I can only answer that I love her.—I am utterly unable to add a word more upon the subject, and if I were to say ten thousand—they would only come to the same conclusion—and be as unavailing as sincere.—

Bn¹

I cannot conclude without thanking you once more for your kind disposition towards me on this—as on other occasions—and by begging you to believe me ever and faithfully

your obliged and affectionate servant
BYRON

24 de agosto. 1816

Cara Madame—Era minha intenção escrever com alguma minúcia—mas meu tema tem pensamentos demais para palavras.— —A informação que mencionaste apossou-se de mim inesperadamente—já que meus Correspondentes na Inglaterra estão proibidos por mim de nomear ou aludir a qualquer ramificação daquela família, com exceção de minha filha. Dizer simplesmente que *sinto muito* em saber da enfermidade de Lady B[yron] é dizer nada—mas ela mesma privou-me do direito de expressar mais.—A separação pode ter sido *minha culpa*—mas foi escolha *dela*.— —Tentei todos os meios para impedir—e faria igual & mais para terminá-la,—uma palavra o faria—mas não compete a

¹ N. do E. A carta termina nesse ponto no manuscrito existente na coleção de Murray. A última sentença foi adicionada do manuscrito da carta de V. de Pange que consta numa dissertação não publicada, que encontra-se na Bodleian Library. Uma vez que de Pange tinha acesso ao manuscrito de cartas constantes da Coleção de Broglie, isso pode sugerir que o manuscrito de Murray era um primeiro rascunho da carta, motivo pelo qual a parte extra foi aqui adicionada.

mim pronunciá-la.— Perguntaste se achava que Lady B[yron] era afeiçãoada a mim—a isso só posso responder que a amo.—Estou completamente impossibilitado de adicionar uma palavra a mais ao assunto, e se fosse proferir mais dez mil—elas apenas levariam à mesma conclusão—e seriam tão inúteis quanto sinceras.—

Bn

Não posso concluir sem agradecer-te uma vez mais por tua gentil disposição em relação a mim neste assunto—como em outras ocasiões—e rogar que me consideres sempre e fielmente

teu agradecido e afeiçãoado servo

BYRON

Carta 19 – Para Madame de Staël

August 25th. 1816

Dear Madam—My letter is at your disposal—but it will be useless:—it contains however the truth of my wishes and my feelings on that subject— —and as they have been doubted—I am willing to put them to the proof.—I will take my chance of finding you at home some morning in the ensuing week.— —I received the work of Mr. Schlegel—which I presume is the book to which you allude—and will take great care of it.—Your messenger waits, and I will not now take up more of your time than to assure you how much I am, ever & truly

yr. obliged & faith[ful] Servt.

BYRON

Agosto 25. 1816

Cara Madame—Minha carta está à tua disposição—mas será inútil:—Ela contém no entanto a verdade de meus desejos e sentimentos sobre o assunto— —e uma vez que deles duvidaram—estou disposto a pô-los à prova.—Arriscarei encontrar-te em casa n'alguma manhã da semana vindoura.— —Recebi o trabalho de Mr. Schlegel—o qual presumo seja o livro ao qual aludes—e cuidarei muito bem dele.—Teu mensageiro aguarda, e não tomarei mais do teu tempo a não ser para assegurar-te o quanto sou, sempre & sinceramente,

teu agradecido & fiel Servo,

BYRON

Carta 20 – Para Augusta Leigh

[Diodati—Geneva Sept. 8th. 1816]

My dearest Augusta—by two opportunities of private conveyance—I have sent answers to your letter delivered by Mr. H[obhouse].— —S[crope] is on his return to England—& may probably arrive before this.—He is charged with a few packages of seals—necklaces—balls—&c.—& I know not what—formed of Chrystals—Agates—and other stones—*all of & from Mont Blanc* bought & brought by me on & from the spot—expressly for you to divide among yourself and the children—including also your niece Ada, for whom I selected a ball (of Granite—a soft substance by the way—but the only one there) wherewithal to roll & play—when she is old enough—and mischievous enough—and moreover a Chrystal necklace—and anything else you may like to add for her—the Love!— —The rest are for you—& the Nursery—but particularly Georgiana—who has sent me a very nice letter.—I hope Scrope will carry them all safely—as he promised— —There are Seals & all kinds of fooleries—pray—like them—for they come from a very curious place (nothing like it hardly in all I ever saw)—to say nothing of the giver.— —And so—Lady B[yron] has been “kind to you” you tell me—“very kind” —umph—it is as well she should be kind to some of us—and I am glad she has the heart & the discernment to be still *your* friend—you was ever so to her.—I heard the other day—that she was very unwell—I was shocked enough—and sorry enough—God knows—but never mind;—H[obhouse] tells me however that she is *not* ill—that she *had* been indisposed—but is better & well to do.—this is a relief.— —As for me I am in good health—& fair—though very unequal—spirits—but for all that—she—or rather—the Separation—has broken my heart—I feel like as if an Elephant had trodden on it—I am convinced I shall never get over it—but I try.—I had enough before I ever knew her and more than enough—but time & agitation had done something for me; but this last wreck has affected me very differently—,—if it were *acutely*—it would not signify—but it is not that,—I breathe lead.— —While the storm lasted & you were all pressing & comforting me with condemnation in Picadilly—it was bad enough—& violent enough—but it is worse now.—I have neither strength nor spirits—nor inclination to carry me trough anything which will clear my brain or lighten my heart.—I mean to cross the Alps at the end of this month—and go—God knows where—by Dalmatia—up to the Arnauts again—if nothing better can be done;—I have still a world before me—this—or the next.— — H[obhouse] has told me all the

strange stories in circulation of me & mine;—*not* true,—I have been in some danger on the lake—(near Meillerie) but nothing to speak of; and as to all these “mistresses”—Lord help me—I have had but one.—Now—don’t scold—but what could I do?—a foolish girl—in spite of all I could say or do—would come after me—or rather went before me—for I found her here—and I have had all the plague possible to persuade her to go back again—but at least she went.—Now—dearest—I do most truly tell thee—that I could not help this—that I did all I could to prevent it—& have at last put an end to it.—I am not in love—nor have any love left for any,—but I could not exactly play the Stoic with a woman—who had scrambled eight hundred miles to unphilosophize me—besides I had been regaled of late with so many “two courses and a *desert*” (Alas!) of aversion—that I was fain to take a little love (if pressed particularly) by way of novelty.— —And now you know all that I know of that matter—& it is over.—Pray—write—I have heard nothing since your last—at least a month or five weeks ago.— —I go out very little—except into the *air*—and on journeys—and on the water—and to Copet—where Me. de Stael has been particularly kind & friendly towards me—& (I hear) fought battles without a number in my very indifferent cause.—It has (they say) made quite as much noise on this as the other side of “La Manche”—Heaven knows why—but I seem destined to set people by the ears.— —Don’t hate me—but believe me ever

yrs. most affectly.

B

[Diodati—Geneva 8 de set. 1816]

Minha querida Augusta—por duas oportunidades de transporte privado—enviei respostas à tua carta entregues por Mr. H[obhouse].— —S[crope] está de retorno à Inglaterra—& pode provavelmente chegar antes desta.—Ele está encarregado de alguns pacotes de sinetes—colares—bolas—&c.—& sei lá o que—feitos de Cristais—Ágatas—outras pedras—*tudo da & de Mont Blanc* comprado & tradizo por mim na hora & no lugar—expressamente para dividires entre ti e as crianças—incluindo também tua sobrinha Ada, para quem eu selecionei uma bola (de Granito—uma substância delicada por sinal—mas a única disponível) para rolar & brincar—quando ela for grande o suficiente—e travessa o suficiente—e além disso um colar de Cristal—e o que mais achares por bem adicionar para ela—o Amor!— —os demais são para ti—& para o Berçário—mas particularmente para Georgiana—que enviou-me uma carta muito agradável.—Espero que Scrope os transporte

em segurança—como ele prometeu— —Há Sinetes & toda sorte de bobagens—por obséquio—aprecie-as—pois elas vem de um lugar muito curioso (como aquele quase nunca vi outro)—para não dizer nada do doador.— —E então—Lady B[yron] tem sido “gentil para contigo” tu me dizes—“muito gentil” —umph—ao menos ela devia ser gentil com algum de nós—e fico satisfeito que ela tenha a coragem & o discernimento para ser ainda *tua* amiga—tu sempre o foste para ela.—Ouvi outro dia—que ela estava bastante adoentada—fiquei chocado o bastante—e pesaroso o bastante—Deus sabe—mas não importa;—H[obhouse] me diz entretanto que ela *não* está enferma—que ela *esteve* indisposta—mas está melhor & próspera.—isto é um alívio.— —Quanto a mim estou com boa saúde—& moderado—embora muito irregular—ânimo—mas por tudo aquilo—ela—ou sem dúvida—a Separação—partiu meu coração—Sinto como se um Elefante tivesse pisado nele—estou convencido de que jamais superarei o ocorrido—mas tento.—Tive o suficiente antes de tê-la conhecido e mais do que suficiente—mas o tempo & a agitação fizeram algo por mim; mas este último naufrágio afetou-me de maneira muito diferente—,—se fosse *agudamente*—não importaria—mas não é o caso,—eu respiro com dificuldade.— —Enquanto a tempestade durou & vocês estavam todos acotovelando-se & confortando-me com condenação em Picadilly—era ruim o bastante—& violento o bastante—mas é pior agora.—não tenho força nem ânimo—nem propensão para sustentar-me em algo que limpará minha mente ou aliviará meu coração.—Pretendo cruzar os Alpes no fim deste mês—e ir—Deus sabe aonde—por Dalmatia—subindo os Arnauts outra vez—se nada melhor puder ser feito;—Tenho ainda um mundo diante de mim—este—ou o próximo.— — H[obhouse] me contou todas as estranhas histórias em circulação sobre mim & minhas;—*não* verdadeiras,—Estive em algum perigo no lago—(perto de Meillerie) mas nada para se falar a respeito; e quanto a todas essas “amantes”—o Senhor me ajude—tive apenas uma.—Agora—não ralha—mas o que eu poderia fazer?—uma garota tola—a despeito de tudo o que eu pudesse falar ou fazer—veio atrás de mim—ou ao contrário veio antes de mim—pois a encontrei aqui—e tive todas as pragas possíveis para persuadi-la a ir-se—mas pelo menos ela se foi.—Agora—amada—eu o mais verdadeiramente digo—que não pude evitar isso—que fiz todo o possível para impedir—& finalmente dei cabo do assunto.—Não estou apaixonado—nem tenho mais qualquer amor para alguém,—mas eu não podia exatamente bancar o Estóico com uma mulher—que atravessou oitocentas milhas para me desfilosofar—além do mais tenho sido tão relagado ultimamente com tantos “dois pratos e uma *sobremesa*” (Ai!) de aver-

são—que estava bem disposto a aceitar um pouco de amor (se forçado particularmente) à guisa de novidade.— —E agora tu sabes tudo o que eu sei sobre esse assunto—& ele está terminado.—Por obséquio—escreva—não tive notícias desde a tua última—pelo menos há um mês ou há cinco semanas.— —Eu saio muito pouco—exceção ao *ar livre*—e em caminhadas—e para a água—e a Copet—onde Me. de Stael tem sido particularmente gentil & amigável para comigo—& (ouço) travou batalhas sem número em minha muito indiferente causa.—Tem feito (dizem) tanto barulho neste lado como no outro lado do “La Manche”—Deus sabe o porque—mas eu pareço destinado a fazer inimigos.— — Não me odeies—mas creia-me sempre

teu mais afeiçoado.

B

Carta 21 – Para Augusta Leigh

Milan.—Octr. 13th. 1816

My dearest Augusta—You see I have got to Milan.—We came by the Simplon—escaping all perils of precipices and robbers—of which last there was some talk & apprehension—a chain of English carriages having being stopped near Cesto a few weeks ago—& handsomely pilfered of various chattels.—We were not molested.—The Simplon as you know—is the most superb of all possible routes;—so I shall not describe it—I also navigated the Lago Maggiore—and went over the Borromean Islands—the latter are fine but too artificial—the lake itself is beautiful—as indeed is the whole country from Geneva hither—and the Alpine part most magnificent.——Close to Milan is the beginning of an unfinished triumphal arch—for Napoleon—so beautiful as to make one regret it's non-completion.—As we only reached Milan last night—I can say little about it—but will write again in a few days.—The Jerseys are here—Made. de Stael is gone to Paris (or going) from Coppet.—I was more there than elsewhere during my stay at Diodati—and she has been particularly kind & friendly towards me the whole time.—When you write—address to *Geneva*—still—*Poste restante*—and my banker—(Monsr. Hentsh) will forward your letters.—I have written to you so often lately—that you will not regret the brevity of this.—I hope that you received safely my presents for the children (by Scrope) and that you also have (by the post) a little journal of a journey in & on the Alps which I sent you early this month—having kept it on purpose for *you*.—

ever my own dearest yrs. most
B

Milão.—13 de out. 1816

Minha querida Augusta—Tu vês cheguei a Milão.—Nós viemos pelo Simplon—escapando de todos os riscos de precipícios e salteadores—sobre o último havia alguma conversa & apreensão—tendo uma comitiva de carruagens inglesas sido parada perto de Cesto algumas semanas atrás—& elegantemente pilhada de vários bens móveis.—Nós não fomos amolados.—O Simplon como sabes—é a mais soberba de todas as rotas possíveis;—portanto não devo descrevê-la—também naveguei pelo Lago Maggiore—e segui pelas Ilhas Borromean—as últimas são bonitas mais muito artificiais—o lago propriamente dito é belo—como de fato o é todo o país de Geneva para cá—e a parte Alpina de veras magnífica.——Próximo a Milão está o início de um arco do

triunfo não concluído—para Napoleon—tão belo a ponto de fazer lamentar sua não conclusão.—Como só chegamos a Milão a noite passada—posso dizer muito pouco sobre ela—mas escreverei novamente em alguns dias.—Os Jerseys estão aqui—Made. de Stael foi para Paris (ou está indo) de Coppet.—Eu estive mais lá do que em qualquer outro lugar durante minha estada em Diodati—e ela foi particularmente gentil & amigável comigo todo o tempo.—Quando escreveres—endereça para *Geneva*—ainda—*Poste restante*—e meu banqueiro—(Monsr. Hentsh) encaminhará tuas cartas.—Eu tenho escrito para ti com tanta frequência ultimamente—que não lamentarás a brevidade desta.—Espero que tu tenhas recebido incólumes meus presentes para as crianças (por Scrope) e que também tenhas recebido (pelo correio) um pequeno diário de uma jornada pelos & nos Alpes que enviei no início deste mês—tendo-o mantido de propósito para *ti*.—

sempre minha querida teu muito

B

Carta 22 – Para John Murray

Venice April 2d. 1817

Dear Sir, —I sent you the whole of the drama—at *three several* times—act by act, in separate covers—I hope that you have or will receive some—or the whole of it.— —So Love has a conscience—by Diana!—I shall make him take back the box though it were Pandora’s;—the discovery of its intrinsic silver occurred on sending it to have the lid adapted to admit Marianna¹’s portrait—of course I had the box remitted in Statu quo—& had the picture set in another—which suits it (the picture) very well.—The defaulting box is not touched hardly—it was not in the man’s hands above an hour.—I am aware of what you say of Otway—and am a very great admirer of his—all except of that maudlin bitch of chaste lewdness & blubbering curiosity Belvidera—whom I utterly despise—abhor, & detest—but the story of Marino Falieri—is different & I think so much finer—that I wish Otway had taken it instead;—the head conspiring against the body—for refusal of redress for a real injury;—jealousy—treason—with the more and inveterate passions (mixed with policy) of an old or elderly man—the Devil himself could not have a finer subject—& he is your only tragic dramatist.— —When Voltaire was asked why no woman has ever written even a tolerable tragedy? “Ah (said the Patriarch) the composition of a tragedy requires *testicles*”.—If this be true Lord knows what Joanna Baillie does—I suppose she borrows them. There is still, in the Doge’s palace the black veil painted over Falieri’s picture & the staircase whereon he was first crowned Doge, & subsequently decapitated.—This was the thing that most struck my imagination in Venice—more than the Rialto, which I visited for the sake of Shylock—and more too than Schiller’s “Armenian”² a novel which took a great hold of me when a boy—it is also called the “Ghost Seer”—& I never walked down St. Mark’s by moonlight without thinking of it &—“at nine o’clock he died!”—But I hate things *all fiction* & therefore the *Merchant & Othello*—have no great associations to me—but *Pierre* has—there

¹ N. do E. O retrato, que seria de Marianna Segati, não foi localizado nas pesquisas. O fato a que Byron se refere – no tocante à caixa de prata –, está detalhado e carta para John Murray, datada de 25 de fevereiro de 1817. De maneira resumida, trata-se de um conjunto de tabaqueiras compradas por Byron do Joalheiro Sr. Love, de Bond Street, como sendo todas de ouro. Ao enviar uma para ter a tampa modificada de modo a acolher o retrato de Marianna, Byron descobriu que a referida caixa era, na verdade, de prata.

² N. do E. O romance de Schiller, intitulado *Geisterseher* no original, foi traduzido para o inglês por W. Bender (1800) como *The Armenian*, ou o *Ghost-seer*.

should always be some foundation of fact for the most airy fabric—and pure invention is but the talent of a liar.— —Maturin’s tragedy³.—By your account of him last year to me he seemed a bit of a coxcomb personally;—poor fellow—to be sure he had a long seasoning of adversity—which is not so hard to bear as t’other thing—I hope that this won’t throw him back into the “Slough of Despond”—let him take heart—whom the Lord loveth he chasteneth [;] blessed by the name of the Lord!” This sentence by the way in contrast to the other one of “Quem Deus vult perdere prius dementat” which may be thus done into English—

God maddens him whom ‘tis will to lose,

And gives the choice of death or phrenzy—Choose!

You talk of “marriage”—ever since my own funeral—the world makes me giddy—& throws me into a cold sweat—pray don’t repeat it.—Tell me that Walter Scott is better—I would not have him ill for the world—I suppose it was by sympathy that I had my fever at the same time.—I joy in the success of your Quarterly—but I must still stick at the *Edinburgh*—Jeffrey has done so by me I must say through everything—& this is more than I deserved from him.—I have more than once acknowledged to you by letter the “Article” (& Articles) say that you have received the said letters—as I do not otherwise know what letters arrive.—Both reviews came—but nothing more. M[aturin]’s play & the extract yet not come.—There have been two Articles in the Venice papers one a review of C. Lamb’s “Glenarvon” (whom may it please the beneficent Giver of all Good to damn in the next world! As she has damned herself in this) with the account of her scratching attempt at *Canicide*—and the other a review of C[hilde] Har[ol]d in which it proclaims me the most rebellious & contumacious Admirer of Buona-partè—now surviving in Europe;—both these articles are translations from the literary Gazette of German Jena.—I forgot to mention them at the time—they are some weeks old.—They actually mentioned Caro Lamb—& her *mother’s* name at full length—I have conserved these papers as curiosities.— —Write to say whether or not my Magician has arrived with all his scenes spells &c.

Yours ever
B

P.S. Will you tell Mr. Kinnaird—that the two recent letters I wrote to him were owing to a mistake of a booby of a Partner of Siri and Wilhalm (the Bankers here) & that one of them called this morning to say

³ N. do E. Manuel.

all was right—and that there was no occasion for a further letter—however heaven knows whether they are right or not—I hope I shall not have the same bother at Rome.— —you should close with Madame de Staël—this will be her best work—& permanently historical—it is on her father—the revolution—& Buonaparte, &c. Bontestten told me in Switzerland it was *very great*. I have not seen it myself—but the author often—she was very kind to me at Copet.—I like your delicacy—you who print *Margaret*—& *Ilderim* and then *Demur* at *Corinne*.—The failure of poor M[aturin]’s play will be a cordial to the aged heart of *Saul*—who has been “kicking against the pricks” of the managers so long and so vainly—they ought to act his “*Ivan*”—as for Kean he is an “*infidus Scurra*” and his conduct on this occasion is of a piece with all one ever heard of him.—Pray look after *Mr. St. Aubin*—He is an Oxonian—it is very odd & something more than negligent that he has not consigned the letters &c. it was his own offer.—It is useless to send to the *Foreign Office* nothing arrives to me by that conveyance—I suppose some zealous Clerk thinks it a Tory duty to prevent it.— —

Veneza 2 de abril. 1817

Caro Senhor,— enviei para ti todo o drama—em *três distintas* oportunidades—ato por ato, em envelopes separados—espero que tenhas recebido ou que recebas algum—ou todo ele.— —Então Love tem uma consciência—por Diana!—Eu deveria fazê-lo tomar a caixa de volta embora ela fosse de Pandora;—a descoberta de sua prata intrínseca ocorreu ao enviá-la para ter a tampa adaptada de modo a receber o retrato de Marianna—obviamente eu restituí a caixa em *Statu quo*—& coloquei o retrato em outra—que combina (com o retrato) muito bem.—A malograda caixa não foi muito tocada—ela não esteve nas mãos do homem por mais do que uma hora.—Estou ciente do que dizes de Otway—e sou um grande admirador dele—com exceção daquela sentimental meretriz de pura lascívia & chorosa curiosidade Belvidera—a quem absolutamente desprezo—abomino, & detesto—mas a história de Marino Falieri—é diferente & acredito tão mais refinada—que eu gostaria que Otway a tivesse usado ao invés;—a cabeça conspirando contra o corpo—por recusa de reparação por uma ofensa verdadeira;—ciúme, traição—com as mais arraigadas e inveteradas paixões (misturadas com política) de um velho ou idoso homem—o Diabo ele mesmo não poderia ter um tema mais refinado—& ele é teu único trágico dramatasta.— —Quando perguntaram a Voltaire porque nenhuma mulher jamais escreveu uma tragédia tolerável? “Ah (disse o Patriarca) a composição de

uma tragédia requer *colhões*”.—Se isso é verdade, Deus sabe o que Joanna Baillie faz—suponho que ela os pegue emprestado. Existe ainda, no palácio do Magistrado⁴ o véu negro posto sobre o retrato de Falieri & a escada onde ele foi primeiro coroado Magistrado, & subsequentemente decapitado.—Isto foi a cousa que mais impressionou minha imaginação em Veneza—mais do que o Rialto, que visitei em consideração a Shylock—e mais também do que o “Armenian” de Schiller, um romance que apossou-se de mim quando menino—ele também é chamado o “Aquele que vê Fantasmas”—& eu nunca caminhei por St. Mark ao luar sem pensar nele &—“às nove horas ele morreu!”—Mas detesto cousas de pura ficção & portanto o *Merchant & Othello*—não tem grandes ligações comigo—mas *Pierre* tem—deveria sempre haver algum fundo de realidade na mais ilusória construção—e a pura invenção nada mais é do que o talento de um mentiroso.— —a tragédia de Maturin.— Segundo teus comentários no ano passado ele pareceu um sujeito um pouco pretencioso pessoalmente;—pobre coitado—para falar a verdade ele teve uma longa temporada de adversidade—que não é tão difícil de suportar quant’outra cousa—eu espero que isso não o atire de volta ao “Abismo do Desalento”—deixe-o recobrar o ânimo—aquele a quem o Senhor ama ele pune [;] abençoado em nome do Senhor!” Esta sentença a propósito em contraste com a outra de “Quem Deus vult perdere prius dementat” que pode ser assim feita em inglês—

Deus antes enlouquece aquele que dará por perdido,

Morte ou loucura—dizei qual o escolhido!

Falas de “casamento”—desde meu próprio funeral—a palavra me deixa aturdido—& me arremessa a um suor frio—por obséquio, não a repita.—Diga que Walter Scott está melhor—eu não o conceberia doente por cousa alguma deste mundo—suponho que foi por empatia que tive minha febre simultaneamente.—me alegre com o sucesso da tua Quarterly⁵—mas ainda devo persistir na *Edinburgh*—Jeffrey fez o mesmo por mim devo dizer em tudo—& isso é mais do que mereço dele.—Mais de uma vez acusei o recebimento para ti por carta do “Artigo” (& Artigos) diga que recebeste as ditas cartas—pois doutro modo não sei quais cartas chegam.—Ambas críticas chegaram—mas nada mais. A peça de M[aturin] & o resumo ainda não chegaram.—Havia dois artigos nos jornais de Veneza um uma resenha do “Glenarvon” de C. Lamb (a quem pode aprazer ao caritativo Pai de toda Bondade condenar no próximo mundo! Como ela condenou a si mesma neste) com o relato da pobre

⁴ N. do E. Magistrado Supremo da Antiga República de Veneza.

⁵ N. do T.: Publicação Trimestral.

tentativa dela em *Canicide*—e o outro uma crítica de C[hilde] Har[ol]d em que sou proclamado o mais rebelde & contumaz Admirador de Buonaparte—agora sobrevivendo na Europa;—ambos esses artigos são traduções da Gazeta literária de German Jena.—Esqueci de mencioná-los na época—eles são de umas semanas atrás.—Eles realmente mencionaram Caro Lamb—& o nome da *mãe* dela por extenso—Conservei esses jornais como curiosidades.— —Escreva para dizer se meu Mágico⁶ chegou ou não com todas as suas cenas feitiços &c.

teu sempre

B

P.S. Diga a Mr. Kinnaird—que as duas cartas recentes que escrevi para ele foram devidas a um engano de um pateta de um Sócio de Siri e Wilhelm (os Banqueiros aqui) & que um deles veio esta manhã para dizer que tudo estava certo—e que não havia razão para mais uma carta—contudo o Céu sabe se eles estão certos ou não—espero não ter a mesma preocupação em Roma.— —devias fechar com Madame de Staël⁷—este será o melhor trabalho dela—& permanentemente histórico—é sobre seu pai—a revolução—& Buonaparte, &c. Bontestten disse-me na Suíça que ele era *muito bom*. Eu mesmo não o vi—mas a autora com frequência—ela foi muito gentil comigo em Copet.—Eu aprecio tua finura—*tu* que publicas *Margaret*—& *Ilderim* e então Exitas com Corinne.—O fracasso da peça do pobre M[aturn] será um tônico para o coração envelhecido de *Saul*⁸—que tem estado a “debatendo-se contra” os gerentes por tanto tempo e tão inutilmente—eles têm que encenar o “Ivan” dele—quanto ao Kean ele é um “*infidus Scurra*⁹” e a conduta nesta ocasião é consistente com todas as que já se ouviu dele.—Por obséquio, encarrega-te de *Mr. St. Aubin*—ele é um Oxoniano¹⁰—é muito estranho & algo mais do que negligente o fato dele não ter transferido as cartas &c. foi oferta dele mesmo.—É inútil remeter ao *Ministério das Relações Exteriores* nada chega a mim por esse meio—suponho que algum zeloso Balconista considere um dever de Tóri impedir isso.— —

⁶ N. do E. Byron referia-se ao seu poema Manfred.

⁷ N. do E. A obra de Madame de Staël *Considérations sur La Révolution Française* foi oferecida a Murray por 4.000 libras, mas antes que se chegasse a um acordo, ela veio a falecer (14 de julho de 1817). O livro foi publicado por Baldwin and Cradock.

⁸ N. do E. A obra de William Sotheby *Saul: a Poem in Two Parts*, foi publicada em 1807. Em 1815, Byron recomendou a peça de Sotheby *Ivan* para produção em Drury Lane. Ela foi aceita, mas devido a objeções de Kean, não chegou ao palco.

⁹ N. do T. bufão dissimulado. Ver Carta 7, nota 7 referente ao emprego de *scurra*.

¹⁰ N. do T. Nativo ou habitante de Oxford; membro da Universidade de Oxford.

Carta 23 – Para Samuel Rogers

Venice. April 4th. 1817

My dear Rogers—It is a considerable time since I wrote to you last—& I hardly know why I should trouble you now—except that I think you will not be sorry to hear from me now and then.—You and I were never correspondents—but always something better—which is—very good friends.—I saw your friend Sharpe in Switzerland—or rather in Genevan territory—(which is & is not Switzerland) & he gave Hobhouse & me a very good route for the Bernese Alps—however we took another from a German—& went by Clarens over the Dent de Jamant to Montbovon & through the Simmenthal to Thoun—& so on to Lautenbrunen—except that from thence to the Grindelwald instead of round about we went right over the Wengen Alp's very summit, & being closer under the Jungfrau saw it—it's Glaciers—& heard the avalanches in all their Glory—having famous weather therefor.—We of course went from the Grindelwald over the Shadack [*sic*] to Brientz & it's lake—past the Reinchenbach & all the mountain road—which reminded me of Albania & Ætolia—& Greece—except that the people here were more civilized & rascally.—I did not think so very much of *Chamouni*—except the source of the Avveyron [*sic*] to which we went up to the teeth of the ice so as to look into & touch the cavity against the warning of the guides only one of whom would go with us so close—as of the Jungfrau & the Pissevache & Simplon.—which are quite out of all mortal computation.—I was at Milan about a moon—& saw Monit—& some other living curiosities—& thence on to Verona—where I did not forget your story of the assassination—during your sojourn there—& brought away with me some fragments of Juliet's tomb—& a lively recollection of the Amphitheatre. The Countess Goetz (the governor's wife here) told me that there is still a ruined castle of the Montecchi between Verona and Vicenza—I have been at Venice since November—but shall proceed to Rome shortly—or my deeds here—are they not written in my letters to the unreplying Thomas Moore?—to him I refer to you—he has received them all & not answered me.—Will you remember me to Ld. & Lady Hollad—I have to thank the former for a book which I have not yet received—but expect to reperuse with great pleasure on my return—viz—the 2d. Edition of Lope de Vega.—I have heard of Moore's forthcoming poem—he cannot wish himself more success than I wish & augur for him.—I have also heard great things of “Tales of my Landlord” but I have not yet received them—by all accounts they beat even Waverley &c. —& are by the same au-

thor.—Maturin's 2d. tragedy has it seems failed—for which I should think every body will be sorry—except perhaps Sotheby—who—I must say—was capriciously & evilly entreated by the Sub-committee—about poor dear “Ivan” whose lot can only be paralleled by that of his original—I don't mean the *author*—who is anything but original—but the deposed imperial infant who gave his name & some narrative of the drama thereby entitled.—My health was very victorious—till within the last month—when I had a fever.— —there is a Typhus in these parts, but I don't think it was that.—However I got well without a Physician or drugs.— —I forgot to tell you that last Autumn—I furnished Lewis with “bread & salt” fo some days at Diodati—in reward for which (besides his conversation) he translated “Goethe's Faust” to me by word of mouth;—& I set him by the ears with Madame de Staël about the slave trade.— —I am indebted for many & kind courtesies to our Lady of Copet—& now I love her—as much as I always did her works—of which I was and am a great admirer.— —When are you to begin with Sheridan? what are you doing? & how do you do?

ever & very truly & affectionately yrs. B

Veneza. 4 de abril. 1817

Meu caro Rogers—Faz um tempo considerável desde que escrevi para ti a última vez—&nem sei porque deveria importunar-te agora—exceto por achar que não te incomodarás em ter notícias minhas de vez em quando.—Tu e eu nunca fomos correspondentes—mas sempre algo melhor—que é—muito bons amigos.—Vi teu amigo Sharpe¹ na Suíça—ou melhor em território Genovês—(que é & não é Suíça) & ele indicou a Hobhouse & a mim uma ótima rota para os Alpes Berneses—no entanto nós seguimos uma outra de um Alemão—& fomos por Clarens pelo Dent de Jamant para Montbovon & através de Simmenthal para Thoun—& depois para Lautenbrunen—exceto que de lá para o Grindelwald ao invés de dar a volta nós seguimos em direção ao topo do Alpe de Wengen, & estando próximo sob o Jungfrau o vimos—suas Geleiras—& ouvimos as avalanches em toda a sua Glória—gozando de excelente tempo por sinal—Nós é claro fomos do Grindelwald através do Shadack [*sic*] para Brientz & seu lago—passamos o Reinchenbach & toda a estrada da montanha—o que me lembrou da Albânia & da Étolia—& da Grécia—exceto que as pessoas aqui eram mais civilizadas &

¹ N. do E. Richard “Conversation” Sharp.

vis.—Eu não apreciei tanto assim *Chamouni*—exceto a fonte do Avveyron [sic] na qual nós subimos até os dentes de gelo de forma a olhar dentro & tocar a cavidade contra os avisos dos guias apenas um dos quais chegou conosco tão próximo—como do Jungfrau & Pissevache & Simplon.—que estão além de qualquer cálculo mundano.—Eu estava em Milão há cerca de uma lua—& vi Monit—& outras curiosidades vivas—& de lá para Verona—onde não esqueci tua história do assassinato—durante tua temporada lá—& trouxe comigo alguns fragmentos da tumba de Juliet—& uma viva recordação do Anfiteatro. Countess Goetz (a esposa do governador daqui) falou que ainda existem as ruínas do castelo dos Montéquio entre Verona e Vicenza—Estou em Veneza desde novembro—mas devo seguir para Roma em breve—ou meus feitos aqui—não estão eles escritos em minhas cartas ao silencioso Thomas Moore?—sobre ele eu pergunto a ti—ele recebeu-as todas & não me respondeu.—Podes dar minhas lembranças a Ld. & Lady Holland—tenho que agradecer à última por um livro que ainda não recebi—mas que espero reexaminar com grande prazer em meu retorno²—isto é—a 2d. Edição de Lope de Vega.— —Ouvi falar do vindouro poema de Moore—ele não pode desejar a si mesmo mais sucesso do que desejo e & auguro a ele.— —Também ouvi grandes cousas de “Contos de meu Senhorio” mas ainda não os recebi—segundo dizem todos eles batem até mesmo Waverley &c. —& são do mesmo autor³.—a 2ª tragédia de Maturin parece ter falhado—pelo que devo acreditar que todos ficarão pesarosos—exceto talvez Sotheby—o qual—devo dizer—foi caprichosamente & maldosamente solicitado pelo Subcomitê—sobre o pobre coitado “Ivan” cujo destino só pode equiparar-se ao de seu original—não quero dizer o autor—que é tudo menos original—mas o infante imperial destituído que lhe deu o nome & alguma narrativa do drama assim intitulado.—Minha saúde estava muito vitoriosa—até o último mês—quando tive uma febre.— —há um Tifo nestas partes, mas não acho que tenha sido o caso.—De qualquer forma melhorei sem um Médico ou remédios.— —Esqueci de contar que no outono passado—supri Lewis com “pão & sal” por alguns dias em Diodati—em retribuição pelo feito (além da conversa) ele traduziu “Fausto de Goethe” para mim verbalmente;—& eu o indispuz com Madame de Staël sobre o tráfico de escravos.— —Estou em dívida por muitas & gentis cortesias da nossa

² N. do E. A obra de Lord Holland *Some Account of the Life and Writings of Lope Felix de Vega Carpio* apareceu anonimamente em 1807 e foi republicada com o nome do autor em 1817.

³ N. do E. Aparentemente, Byron não sabia que Scott era o autor de Waverley.

Lady de Copet—& agora eu adoro-a—tanto quanto sempre adorei seus trabalhos—dos quais fui e sou grande admirador.— —Quando começarás com Sheridan? O que estás fazendo? & como tens passado? sempre & muito verdadeiramente & afetosamente teu. B

Carta 24 – Para John Murray

Venice, August 12th 1817

Dear Sir—I have been very sorry to hear of the death of M[adam]e. de Stael—not only because she had been very kind to me at Copet—but because now I can never requite her.—In a general point of view she will leave a great gap in society & literature.— —With regard to death—I doubt that they have any right to pity the dead for their own sakes.— —The copies of Manfred & Tasso are arrived—thanks to Mr. Croker’s cover.—You have destroyed the whole effect & moral of the poem by omitting the last line of Manfred’s speaking & why this was done I know not.—Why you persist in saying nothing of the thing itself I am equally at a loss to conjecture—if it is for fear of telling me something disagreeable—you are wrong—because sooner or later I must know it—& I am not so new nor so raw nor so inexperienced—as not to be able to bear—not the mere paltry petty disappointments of authorship—but things more serious—at least I hope so—& that what you may think irritability is merely mechanical—& only acts like Galvanism on a dead body,—or the muscular motion which survives sensation.— —If it is that you are out of humour because I wrote to you a sharp letter—recollect that it was partly from a misconception of your letter— & partly because you did a thing you had no right to do without consulting me—I have, however, heard good of Man[fre]d from two other quarters—& from men—who would not be scrupulous in saying what they thought—or what was said—& “So Good Morrow to you—Good Master Lieutenant”—I wrote to you twice about the 3d [*sic* in MS.] Canto—which you will answer at your pleasure.—Mr. Hobhouse & I have come up for a day to the city—Mr. Lewis is gone to England—& I am

yrs. ever

B

Veneza, 12 de agosto 1817

Prezado Senhor—Eu senti muito em saber da morte de M[adam]e. de Stael—não apenas porque ela foi muito gentil comigo em Copet—mas porque agora nunca poderei retribuir a gentileza.—De um ponto de vista geral ela deixará um grande vazio na sociedade & na literatura.— —Com relação à morte—eu duvido que eles tenham qualquer direito de lamentar os mortos pelo próprio bem deles.— —As cópias de Manfred & Tasso chegaram—graças ao envelope de Mr. Croker.—Destruíste todo o efeito & a moral do poema ao omitir a

última linha da fala de Manfred¹ & porque isto foi feito não sei.— Porque insistes em dizer nada sobre a cousa propriamente dita eu igualmente não consigo conjecturar—se é por receio de dizer-me algo desagradável—estás errado—porque mais cedo ou mais tarde eu o saberei—& não sou nem tão novo nem tão tosco nem tão inexperiente—a ponto de não saber lidar—não com os meros pequenos mesquinhos dissabores da autoria—mas com cousas mais sérias—ao menos assim espero—& o que podes achar que é irritabilidade é meramente mecânico—& apenas age como Galvanismo em um corpo morto,—ou o movimento muscular que sobrevive à sensação.— —Se é porque estás sem humor porque escrevi para ti uma carta afiada—recorda que foi em parte por uma ideia errônea da tua carta— & em parte porque fizeste uma cousa que não tinhas o direito de fazer sem me consultar—tenho, contudo, ouvido falar bem de Man[fre]d de duas outras partes— & de homens—que não seriam escrupulosos em dizer o que pensavam—ou o que foi dito—& “Então Bom Dia para ti—Bom Mestre Tenente²”— escrevi para ti duas vezes sobre o 3º [*sic* em MS.] Canto—que responderás como te agradar.—Mr. Hobhouse & eu fizemos uma pausa para um dia na cidade—Mr. Lewis partiu para a Inglaterra—& sou

teu sempre
B

¹ N. do E. A última linha de Manfred, que Murray omitiu na primeira impressão, era “Old man! ‘tis not so difficult to die.” Por insistência de Byron, ela foi recolocada nas edições subsequentes.

² N. do E. Otelo, ato III, cena 1: “Good morrow, good lieutenant.”

Carta 25 – Para John Murray

La Mira—Near Venice—August 21st. 1817

Dear Sir—I take you at your word about Mr. Hanson—& will feel obliged if you will *go* to him—& request Mr. Davies also to visit him by my desire—& repeat that I trust that neither Mr. Kinnaird’s absence nor mine will prevent his taking all proper steps to accelerate and promote the sales of Newstead and Rochdale—upon which the whole of my personal comfort depends—it is impossible for me to express how much any delays upon these points would inconvenience me—& I do not know a greater obligation that can be conferred upon me than the pressing these things upon Hanson—& making him act according to my wishes.—I wish you would *speak out* at least to *me* & tell me what you allude to by your odd way of mentioning him—all mysteries at such distance are not merely tormenting—but mischievous—& may be prejudicial to my interests—so pray—expound—that I may consult with Mr. Kinnaird when he arrives—& remember that I prefer the most disagreeable certainties to hints & inuendoes—the devil take every body—I never can get any person to be explicit about any thing—or any body—& my whole life is past in conjectures of what people mean—you all talk in the style of Caroline Lamb’s novels.—It is not Mr. St. John—but Mr. St. Aubyn, Son of Sir John St. Aubyn.—Polidori knows him—& introduced him to me—he is of Oxford—& has got my parcel—the Doctor will ferret him out or ought.—The Parcel contains many letters—some of Madame de Staël and other people’s—besides M.S.S., &c.—By G—d—if I find the gentleman & he don’t find the parcel—I will say something he won’t like to hear.—You want a “civil and delicate declension” for the medical tragedy? Take it—

Dear Doctor—I have read your play
 Which is a good one in it’s way
 Purges the eyes & moves the bowels
 And drenches handkerchiefs like towels
 With tears that in a flux of Grief
 Afford hysterical relief
 To shatter’d nerves & quickened pulses
 Which your catastrophe convulses.
 I like your moral & machinery
 Your plot too has such scope for Scenery!

Your dialogue is apt & smart
 The play's concoction full of art—
 Your hero raves—your heroine cries
 All stab—& every body dies;
 In short your tragedy would be
 The very thing to hear & see—
 And for a piece of publication
 If I decline in this occasion
 It is not that I am not sensible
 To merits in themselves ostensible
 but—and I grieve to speak it—plays
 are drugs—mere drugs, Sir, nowadays—
 I had a heavy loss by “Manuel”—
 Too lucky if it prove not annual—
 And Sotheby with his damned “Orestes”
 (Which by the way the old Bore's best
 is,)
 Has lain so very long on hand
 That I despair of all demand—
 I've advertized—but see my books—
 Still Ivan—Ina & such lumber
 My back shop glut—my shelves encum-
 ber.—
 There's Byron—too—who once did bet-
 ter
 Has sent me—folded in a letter—
 A sort of—it's no more a drama
 Than Darnley—Ivan—or Kenama
 So altered since last year his pen is—
 I think he lost his wits at Venice—
 Or drained his brains away as Stallion
 To some dark-eyed & warm Italian;
 In short —Sir—what with one & t'other
 I dare not venture on another—
 I write in haste, excuse each blunder
 The Coaches through the Street so thun-
 der.
 My Room's so full—we've Gifford here
 Reading M.S.S.—with Hookham Frere
 Pronouncing the nouns & particles
 Of some of our forthcoming articles,

The Quarterly—Ah Sir! If you
 Had but the Genius to review—
 A smart Critique upon St. Helena
 Or if you would but tell in a
 Short compass what—but, to resume
 As I was saying—Sir—the Room
 The Room's so full of wits & bards—
 Crabbes—Campbells—Crocker's—
 Freres—& Wards,
 And others neither bards nor wits;
 My humble tenement admits
 All persons in the dress of Gent.
 From Mr. Hammond to Dog Dent.
 A party dines with me today
 All clever men who make their way,
 They're at this moment in discussion
 On poor De Stael's late dissolution—
 "Her book they say was in advance—
 Pray Heaven! She tell the truth of France
 'tis said she certainly was married
 To Rocca—& had twice miscarried,
 No—not miscarried—I opine—
 But brought to bed at forty-nine,
 Some say she died a Papist—Some
 Are of opinion that's a Hum—
 I don't know that—the fellow Schlegel
 Was very likely to inveigle
 A dying person in compunction
 To try the extremity of Unction.—
 But peace be with her—for a woman
 Her talents surely were uncommon.
 Her Publisher (& Public too)
 The hour of her demise may rue—
 For never more within his shop he—
 Pray—was not she interred at Coppet?[""]
 Thus run our time and tongues away—
 But the return Sir—to your play—
 Sorry—Sir—but I can not deal—
 Unless 'twere acted by O'Neil—
 My hands are full—my head so busy—
 I'm almost dead—& always dizzy—

And so with endless truth & hurry—
 Dear Doctor—I am yours
 John Murray

P.S.—I've done the 4th & last Canto—which mounts 133 Stanzas.—I desire you to name a price—if you don't—I will—so I advise you in time.

yrs.

there will be a good many notes.

La Mira—Próximo a Veneza—21 de agosto. 1817

Prezado Senhor—acredito no que dizes sobre Mr. Hanson—& ficarei agradecido se *fores* até ele—& solicitares a Mr. Davies que também o visite por minha vontade—& repita que confio que nem a ausência de Mr. Kinnaird nem a minha o impedirão de tomar todas as medidas necessárias para promover a venda de Newstead e de Rochdale—das quais todo o meu conforto pessoal depende—é impossível expressar o quanto quaisquer atrasos nesses pontos me estorviam—& não sei que favor maior me poderia ser feito do que forçar Hanson nessas cousas—& fazê-lo agir de acordo com meus desejos.—Gostaria que falasses com franqueza pelo menos *comigo* & dissesses-me a que te referes com tua forma estranha de mencioná-lo—todos os mistérios a tal distância não são meramente atormentadores—mas maliciosos—& podem ser prejudiciais aos meus interesses—então por obséquio—esclareça—que posso consultar-me com Mr. Kinnaird quando ele chegar—& lembra que prefiro as mais desagradáveis certezas a dicas & insinuações—o diabo carregue a todos —eu nunca consigo fazer ninguém ser explícito sobre o que quer que seja—ou quem quer que seja—& toda minha vida transcorre em conjecturas sobre o que as pessoas querem dizer—vós todos falais ao estilo dos romances de Caroline Lamb.—Não é Mr. St. John—mas Mr. St. Aubyn, Filho de Sir John St. Aubyn.—Polidori o conhece—& apresentou-o a mim—ele é de Oxford—& está com meu pacote—o Doutor o deslindará ou o deverá.—O Pacote contém muitas cartas—algumas de Madame de Staël e de outras pessoas—além das de M.S.S., &c.—Por De—us—se eu encontrar o cavalheiro & ele não encontrar o pacote—direi algo que

ele não gostará de ouvir.—Queres uma “recusa gentil e delicada”³ para a tragédia médica? Toma-a—

Caro Doutor—eu li tua peça
 Que ao seu modo é boa à beça
 Purga os olhos & move as tripas
 Ensopando lenços em bicas
 Com lágrimas que em Aflição
 Dão histérico alívio e vasão
 A nervos trêmulos & pulsos
 Que tua tragédia faz convulsos.
 Bela moral & maquinário
 Na trama que evoca Cenário!
 Teu diálogo hábil & sagaz
 A peça muita arte nos traz—
 Junto ao herói—a heroína clama
 Feridos—a morte os chama;
 Tua tragédia devia ser
 O ideal pra ouvir & ver—
 E para uma publicação
 Se eu declino na ocasião
 Não é que eu não seja sensível
 A mérito em si tão crível
 mas—e eu lamento dizer—peças
 agora vendem mal à beça—
 Perdi muito com “Manuel”⁴—
 O revés não me fez pinel—
 E Sotheby com seu “Orestes”
 (que bate o Bore, aquele, a peste.)
 Está há tanto em minha manga
 Que eu desespero da demanda—
 Eu anunciei—mas veja os livros—
 Ivan—Ina⁵ & suas asneiras

³ N. do E. Murray escreveu para Byron em carta datada de 5 de agosto de 1817: “Polidori enviou-me a tragédia dele! Faça-me a gentileza de enviar uma *delicada* recusa para o texto, que eu copiarei fielmente”.

⁴ N. do E. A tragédia escrita por Maturin, denominada Manuel, foi produzida em Drury Lane em 8 de março de 1817, com Kean como protagonista, mas foi uma decepção. Murray a publicou, pois já tinha feito o mesmo com a peça de sucesso de Maturin, Bertram.

⁵ N. do E. Tragédia da Sra. Wilmot, conforme carta de Byron para Murray datada de 23 de abril de 1815.

Apinham-se nas prateleiras.—
 Byron—também—mas sem galope
 Mandou—dentro de um envelope—
 Algo—não é assim um drama⁶
 Melhor que Darnley—Ivan—Kenama⁷
 Sua pena já não é mais a mesma—
 Perdeu seu talento em Veneza—
 Vivendo como Garanhão
 De uma beldade de Milão;
 Pois bem—Sr.—já com um e outro
 Não ousou ir mais nem um pouco—
 A pressa faz deste um borrão
 Na Rua o som é de um trovão.
 Gifford está—no abarrotado
 Com M.S.S. e Frere ao lado
 Lendo alguns dos substantivos
 De nossos próximos artigos,
 No Quarterly— Se tua pena
 Pudesse escrever a resenha—
 Uma crítica sobre Helena
 Ou por numa folha pequena
 —mas, Sr., como eu dizia
 Na Sala, grande é a correria
 Tão cheia de sábios & bardos—
 Crabbes—Campbells—Crocker—
 Freres—& Ward(o)s,
 E outros nem bardos nem espertos;
 Minha sala admite por certo
 Todos vestidos como Gente.
 De Hammond⁸ a Dog Dent(e)⁹.
 Um grupo janta hoje comigo
 Todos sábios bem sucedidos,
 que falam fora do papel

⁶ N. do E. Manfred.

⁷ N. do E. Darnley e Ivan de Sotheby; Kehama de Southey.

⁸ N. do E. George Hammond (1763-1853), diplomata que ocupou o cargo de Sub-Secretário de Estado das Relações Exteriores, era amigo íntimo de Canning e esteve envolvido na fundação do Anti-Jacobin e da Quarterly Review. Foi como frequentador da sala de visitas de Murray que Byron o conheceu.

⁹ N. do E. John Dent, banqueiro, foi apelidado de “Dog Dent” devido à sua preocupação com a Dog-tax Bill de 1796.

Da morte da pobre Staël—
 “Seu livro trouxe de antemão—
 O que era a França de então
 Com Rocca ela se casou
 Parece também que abortou,
 Opino—não de modo nobre—
 Mamãe aos quarenta e nove?
 Dizem que ela morreu Papista—
 Uns, que isso não está na lista—
 O Schlegel—uns nos fazem crer
 Era capaz de converter
 Um moribundo em contrição
 A provar da extremunção.—
 Descanse em paz—cara Madame
 pra uma mulher não deu vexame.
 Seu Editor posso apostar
 Sua morte vai lastimar—
 Pois nunca mais ele vai ter—
 Obras da Dama de Coppet?[""]
 E assim correm línguas e tempo—
 Mas a resposta—no momento—
 Sua peça não vou publicar—
 Só se O'Neil¹⁰ a encenar—
 Com a cabeça tão ocupada—
 Estou sempre dando topada—
 Então com pressa pela frente—
 Sou teu—
 John Murray,
 o de sempre

P.S.—Concluí o 4^o & último Canto—que remonta a 133 Estrofes.—
 Solicito que coloques um preço—se não o fizeres—*eu* o farei—
 portanto te aviso a tempo.

teu

haverá um bocado de notas.

¹⁰ N. do E. A Srta. Eliza O'Neil era uma das protagonistas em Drury Lane, substituindo a Sra. Siddons em papéis trágicos.

Carta 26 – À Condessa Teresa Guiccioli

August 25th. 1819

My dearest Teresa—I have read this book in your garden—my love—you were absent—or else I could not have read it.—It is a favorite book of yours—& the writer was a friend of mine.—You will not understand these English words—and *others* will not understand them—which is the reason I have not scrawled them in Italian.—But you will recognize the handwriting of him who passionately loves you—& you will divine that—over a book which was yours—he could only think of love.—In that word—beautiful in all languages— but most so in yours—*Amor mio*—is comprised my existence here and hereafter.—I feel I exist here, and I fear that I shall exist hereafter—as to *what* purpose you will decide;—my destiny rests with you—& you are a woman—seventeen years of age—& two out of a convent.—I wish that you had stayed there—with all my heart—or—at least—that I had never met you in your married state.—But all this is too late.—I love you—& you love me—at least you *say so*—and *act* as if you *did* so—which last is a great consolation in all events.—But I more than love you, and cannot cease to love you.—Think of me sometimes—when the Alps and the ocean divide us—but they never will—unless you *wish* it.

B

25 de agosto, 1819

Minha querida Teresa—li este livro em teu jardim—meu amor—tu estavas ausente—ou então não poderia tê-lo lido. —É um de teus livros favoritos—& a autora era amiga minha. —Tu não entenderás estas palavras em Inglês—e *outros* não as entenderão—que é a razão pela qual não as rabisquei em Italiano.—Mas tu reconhecerás a letra daquele que ardentemente ama-te —& tu descobrirás que—debruçado sobre um livro que é teu—ele só poderia pensar no amor. —Em tal palavra—bela em todas as línguas—mas muito mais na tua—*Amor mio*—está resumida minha existência aqui e doravante—para *qual* propósito tu decidirás;—meu destino depende de ti—& és uma mulher—dezessete anos de idade—& há dois saída de um convento. —Gostaria que tivesses ficado lá—de todo o meu coração—ou—ao menos—que eu jamais tivesse te conhecido em tua condição de casada. —Mas é tarde demais para tudo isto. —Amo-te—& tu me amas—ao menos *o dizes*—e *ages* como *se me amasses*—o que ao menos é um grande consolo em todos os casos. —Mas eu mais do que amo-te, e não posso cessar de amar-te.—Pensa em mim às vezes—quando os Alpes e o oceano nos separam—mas eles jamais o farão—a menos que tu o *desejes*.

B

3.3 JUSTIFICANDO AS ESCOLHAS

Edoardo Bizzarri (2003, p. 63), tradutor de Guimarães Rosa para o italiano, em carta a este datada de 3 de dezembro de 1963, esboça, de maneira tácita, seu projeto tradutório, ao afirmar que “tenho também que obedecer ao meu sistema de trabalho, [...] que é custoso – a exploração miúda do texto –, para do texto extrair a poesia e, depois, todas as outras possíveis implicações”.

Neste subcapítulo, descreveremos o processo de tradução e confrontaremos a tradução com seu projeto, pela exemplificação no texto traduzido das escolhas feitas.

O primeiro ponto de que tratamos foi a evolução nas relações de amizade entre Byron e Madame de Staël, o que pode ser notado no tom empregado por ele nos diferentes períodos em que escreveu para ela ou ainda sobre ela para terceiros. Essa evolução precisava ser preservada na tradução. Para tanto, fizemos uso diferenciado dos pronomes pessoais de 2ª pessoa (no singular e no plural) de acordo com o grau de formalidade com que Byron dirigia-se a ela. Na carta de 1813, em que a formalidade nas relações sociais entre ambos fica evidente, optamos por traduzir *you* por “vós, vos, convosco” e *your* por “vosso (a) (s)”; já nas duas outras cartas, apesar do tom de respeito presente na escrita, uma relação de amizade já havia se estabelecido entre eles, razão pela qual optamos por traduzir os mesmos pronomes por “tu, te, ti contigo” e “teu (s), tua (s)”, respectivamente. Os demais destinatários, que privavam da intimidade de Byron desde as primeiras cartas, tiveram o pronome traduzido igualmente desta última forma.

Essa diferenciação na forma como traduzimos os pronomes pessoais deixou marcado no texto de chegada não apenas o grau de formalidade ou informalidade nas relações interpessoais, mas evidenciou um registro arcaico da língua. Durante todo o período pré-tradutório, refletimos sobre a “idade” das cartas. Sendo todas elas datadas do início século XIX, era evidente que a língua em que foram escritas havia se modificado, tanto quanto a língua para a qual elas seriam traduzidas. Nossa dúvida residia, então, se deveríamos empregar propositalmente arcaísmos no texto de chegada, sabedores de que o texto original havia passado por mudanças inerentes à transformação da língua. Optamos por empregar alguns poucos arcaísmos, na língua de chegada, de modo a salientar a distância temporal da obra. Essa opção teve por objetivo evitar que o texto de chegada se apresentasse ao leitor como uma leitura cansativa, devido à presença de muitas palavras e expressões com regis-

tro de uso menos corrente. Dentre as escolhas arcaicas feitas, citamos a substituição do substantivo simples *coisa* por *cousa*. Experimentamos, também, a substituição do advérbio de intensidade *muito* por *mui*, mas o texto mostrou-se, então, deveras latinizado e bem menos próximo de sua origem inglesa. Por esse motivo, o emprego do *mui* foi abolido como estratégia envelhedora.

Os substantivos próprios (nomes de pessoas) não foram traduzidos, como forma de reforçar as marcas de estranheza no texto. A mesma opção foi feita em relação aos títulos nobiliárquicos e às formas de tratamento (Mr., Mrs., Miss). Já os substantivos próprios que se referiam a nomes de lugares conhecidos ou habituais foram traduzidos, unicamente para facilitar a correlação com a sua localização geográfica. Essa estratégia não foi aplicada aos substantivos próprios que dão nome a lugares considerados pouco conhecidos ou habituais. Os substantivos que indicam unidades monetárias *shillings* e *guinea* foram traduzidos, mas não convertidos na língua de chegada. Essa escolha objetivou não apenas o respeito à meta da estrangeiridade, mas também serviu como outro marcador temporal do texto traduzido. Uma das marcas da escrita de Byron presente em diversas cartas é o emprego do & (e comercial) no lugar da conjunção aditiva *e*. Essa marca também foi mantida na tradução.

As cartas de Byron contêm palavras e expressões estrangeiras, tais como $\alpha\alpha\xi$, *la belle passion*, *éperdument amoureux*, *adieu* e *amor mio*, que foram mantidas como no original. Essa escolha teve como objetivos evidenciar o espírito cosmopolita de Byron, cujo contato com outras culturas era feito não só por viagens, mas também por leituras constantes, e destacar como as culturas estrangeiras exerceram influência em sua personalidade – e, por consequência, em seus escritos. A maioria dessas expressões, embora tenha permanecido em língua estrangeira, é perfeitamente compreensível pelo contexto. Quando a compreensão não se fez clara, adicionamos a tradução em nota de rodapé, como no caso de *liens* (ligações).

Como as cartas selecionadas para nossa pesquisa foram todas elas retiradas das edições de Leslie A. Marchand, convém listarmos a formatação dada pelo pesquisador na sua transcrição:

- O local e a data são posicionados na parte superior direita da carta.
- Embora Byron – como vários de seus contemporâneos – fosse inconsistente e excêntrico no emprego de letras maiúsculas, seu uso foi preservado, uma vez que a letra maiúscula no meio

da frase às vezes indica a importância por ele dada à palavra naquele contexto.

- A saudação foi posta na mesma linha do corpo da carta, separada por um travessão.
- As letras sobrescritas, tais como em S^f. e &.^c, foram linearizadas, aparecendo nos textos como Sr. e &c..
- A grafia de Byron foi mantida e o uso do *sic* foi reduzido aos poucos casos em que a grafia errônea das palavras pudesse gerar uma modificação no significado ou na compreensão da sentença (como quando ele grafa *there* como t-h-e-i-r).
- A pontuação de Byron não seguia qualquer regra própria ou gramatical. Ele empregava travessões e vírgulas livremente, aparentemente para possibilitar pequenas pausas no texto, ou para dar ênfase a certas passagens. O uso de vírgulas, ponto e vírgula, ponto final e principalmente de travessões foi mantido conforme os originais. O texto, assim, não está dividido em parágrafos, mas marcado pela pontuação irregular de Byron, o que deixa ao leitor a responsabilidade de definir onde ele terminava uma sentença e começava outra.
- Palavras ausentes, mas perfeitamente dedutíveis pelo contexto, foram postas em colchetes, unicamente para facilitar a compreensão do leitor.
- Palavras ou expressões destacadas no original foram apresentadas em itálico, na tentativa de preservar a ênfase dada a elas pelo autor.

Todos os cuidados listados acima, tomados pelo editor para preservar as características do texto original, foram igualmente preservados na tradução. Além disso, todas as notas do editor foram mantidas e traduzidas. Quando necessário, inserimos notas do tradutor para fornecer informações que julgamos importantes para a compreensão do texto.

Algumas palavras e passagens foram traduzidas com base em sua forte carga de significado, como no exemplo a seguir:

Yesterday I dined in company with “* * [Mme. de Stael], the *Epicene*” whose politics are sadly changed. She is for the Lord of Israel and the Lord of Liverpool—a vile antithesis of a Methodist and a Tory—talks of nothing but devotion and the ministry, and, I presume, ex-

pects that God and the government will help her to a pension.

(Carta 1 – para Thomas Moore)

O adjetivo *Epicene* associado a Madame de Staël apareceu inicialmente no periódico *Anti-Jacobin*, em um poema denominado *Canning's New Morality*. A linha “Neckar's fair daughter, Staël the Epicene” baseou-se na acusação feita por Quatremère de Quincy, o qual questionou a sexualidade de Madame de Staël junto ao Conselho dos Quinhentos. Embora o sentido inicialmente empregado à palavra tenha sido o de hermafroditismo ou androginia, Byron parece empregar o mesmo adjetivo como crítica política à posição adotada por Madame de Staël na época, qual seja, a de defesa do governo inglês, contrariando sua nacionalidade francesa. Portanto, optamos pela seguinte solução:

Ontem jantei em companhia de “* * [Mme. de Staël], o *Epiceno*” cuja política está tristemente mudada. Ela está a favor do Lord de Israel e do Lord de Liverpool—uma vil antítese de um Metodista e um Tóri—não fala de nada a não ser de devoção e do ministério, e, presumo, supõe que Deus e o governo a ajudarão com uma pensão.

Pelo julgamento feito por Byron de que Madame de Staël havia mudado sua visão política, possivelmente por ela, como francesa, ter-se tornado admiradora e defensora do sistema político-partidário inglês, optamos por traduzir *Epicene* por *Epiceno*, já que a definição de “comum de dois gêneros” seria uma representação aceitável da crítica de Byron, sem deixar, no entanto, de caracterizar o primeiro significado empregado à palavra no contexto original.

Alguns arcaísmos empregados por Byron estão presentes no original, seja em citações utilizadas pelo autor ou em sua própria composição. Procuramos, na tradução, mantê-los evidentes, sempre que possível, como no exemplo a seguir:

Now, were I a woman, and *eke* a virgin, that is the man I should make my Scamander.

(Carta 8 – para Thomas Moore)

You talk of “marriage”—ever since my own funeral—the word makes me giddy—& throws me into a cold sweat—*pray* don’t repeat it.

(Carta 22 – para John Murray)

No primeiro caso, o advérbio *eke* poderia ser traduzido por *também*, mas sua condição de arcaísmo se perderia na tradução, por *também* ser um advérbio em pleno uso na língua de chegada. No segundo exemplo, a interjeição *pray* poderia ser traduzida como *por favor*, mas também aqui o arcaísmo se perderia no texto traduzido. Nossa ideia foi, portanto, a de buscar a tradução por uma palavra menos usual:

Agora, fosse eu uma mulher, e *ademais* virgem, eis o homem que faria meu Scamander.

Falas de “casamento”—desde meu próprio funeral—a palavra deixa-me aturdido—& arre-messa-me a um suor frio—*por obséquio* não a repitas.

Em algumas situações, no entanto, o arcaísmo se perdeu na tradução, como mostram os exemplos abaixo:

My dear Ly. M[elbourn]e—I wrote *ye*. annexed note 3 days ago—

(Carta 6 – para Lady Melbourne)

Rogers is out of town with Madame de Staël, who *hath* published an Essay against Suicide, which, I presume, will make somebody shoot himself;

(Carta 3 – para Thomas Moore)

No primeiro exemplo, *ye* é a forma arcaica do artigo definido *the*; no segundo, *hath* é a conjugação arcaica na 3ª pessoa do singular do verbo *to have*. Para traduzir *ye*, não encontramos solução diferente do artigo definido “o, a, os, as”; no segundo caso, o arcaísmo de *hath* igualmente se perde, pois a construção gramatical com o verbo no *Present Perfect* é apagada na tradução, como mostram os excertos a seguir:

Minha cara Ly. M[elbourne]— escrevi *a* anexa três dias atrás—

Rogers está fora da cidade com Madame de Staël, a qual *publicou* um Ensaio contra o Suicídio, que, presumo, fará alguém estourar os miolos;—

Byron, em consonância com sua veia poética, compunha seus textos fazendo uso, algumas vezes, de aliterações e trocadilhos, como nos exemplos abaixo:

but, nevertheless, no one wishes you more
friends, fame, and felicity,
Carta 1 – para Thomas Moore

Have you *found* or *founded* a residence yet?
(Carta 3 – para Thomas Moore)

for I have been occupied to weariness with various
somethings & nothings ever since—
(Carta 6 – para Lady Melbourne)

—being the first *decent deed* I have *done* since
my acquaintance with the most celebrated person-
age of your illustrious house—
(Carta 6 – para Lady Melbourne)

Por se tratarem de marcas autorais no texto original, essas passagens exigem atenção e dedicação maiores para que não sejam apagadas no texto de chegada. Buscamos, sempre que possível, manter a relação significante e significado presente nas aliterações e trocadilhos. As traduções dos trechos acima ficaram como segue:

mas, todavia, ninguém deseja-te mais amigos,
admiração e alegrias

Já fixaste ou fundaste uma residência?

—pois tenho estado ocupado à exaustão com vá-
rias cousas & cousas algumas desde então—

tendo sido o primeiro feito feliz que fiz desde meu conhecimento com a personagem mais celebrada de tua ilustre casa—

Na primeira tradução, a aliteração em *f* de *friends, fame and felicity* não poderia ser preservada sem modificarmos totalmente o significado de uma das palavras presentes. Nossa solução foi buscar uma aliteração no texto de chegada em que outro significante estivesse presente e em que todas as palavras tivessem significado o mais próximo do original. Dessa forma, ao traduzirmos como *amigos, fama e felicidade*, escolhemos a aliteração em *a* de *amigos* e, buscando sinônimos para *fama* e *felicidade*, terminamos por formar *amigos, admiração e alegrias*. No exemplo seguinte, *found or founded*, a aliteração possui um trocadilho implícito no significado. A tradução por *encontraste ou fundaste* perderia tanto o jogo de significados quanto a aliteração. Nossa opção, portanto, foi a de manter a aliteração em *f*, buscando palavras correlatas ao significado no original, chegando à escolha já mostrada. Os exemplos seguintes também ilustram jogos de palavras que tentamos preservar, traduzindo *some things & nothings* por *várias cousas & cousas algumas*, onde a palavra *cousa* faz o trabalho de repetição existente nas terminações em *ing*, mantendo, ainda o significado inerente a cada vocábulo. No último exemplo, a aliteração de *decent deed done* é mantida na tradução *feito feliz fiz*, igualmente sem perdermos a carga semântica presente no texto.

Em algumas passagens, Byron imprime sua marca ao grafar certas palavras de forma peculiar, como *chuse* (para *choose*), *edite* (para *edit*) e *redde* (para *read*). Também essas particularidades foram observadas e procuramos soluções na tradução que mantivessem a marca do autor. No primeiro caso, a preponderância fonética sobre a ortográfica se mostra presente ao traduzimos *chuse* por *iscolheres*. No segundo caso, *edite* e *edit* não apresentam variação fonética, apenas estão grafadas de forma a chamarem a atenção do leitor. Portanto, optamos por acrescentar a letra *h* à tradução de *edit* (editar) também como recurso para manter a palavra marcada no texto traduzido. Também *redde* e *read* não apresentam variação fonética, por isso acrescentamos uma letra *l* a mais na tradução *redde* (Ili) igualmente para manter a palavra marcada na tradução.

Um dos pontos mais desafiadores no processo tradutório foi a resposta em forma de poema que Byron enviou a John Murray, presente na carta 25, como mostra o excerto abaixo:

Dear Doctor—I have read your play
 Which is a good one in it's way
 Purges the eyes & moves the bowels
 And drenches handkerchiefs like towels
 With tears that in a flux of Grief
 Afford hysterical relief
 To shatter'd nerves & quickened pulses
 Which your catastrophe convulses.
 (Carta 25 – para John Murray, linhas 1 a 8)

Sendo o *corpus* de nosso trabalho composto por textos em prosa, a presença desse trecho em verso demandou nova reflexão sobre como traduzi-lo em concordância com a meta inicial de respeito à letra do original. Erna Bennett (2002, p. 1), afirma que

A poesia não é nem apenas palavras, nem somente métrica. Ela é uma música de palavras, e é uma forma de se ver e interpretar o mundo e nossa experiência dele, e de fornecer ao ouvinte uma consciência realçada dele através de uma intensa concentração de metáforas e palavras em que a fluidez natural dos sons do discurso é moldada a um tipo de padrão formal. Tais padrões jamais poderão ser os mesmos após o ato tradutório.

Sabedores de que a tradução de textos poéticos requer um estudo aprofundado sobre o tema em particular e considerando que os textos escolhidos para o *corpus* de nossa pesquisa foram os textos em prosa de Byron e não suas obras poéticas, nossa decisão foi a de nos mantermos dentro do projeto de tradução inicialmente proposto, ou seja, o de buscar uma tradução, também para os textos em verso, em que preponderasse o respeito pela letra do original. Em nossa análise, consideramos a letra do

original como sendo a métrica aplicada pelo autor– no caso em questão,

o poema é octossílabo – e a rima presente no texto poético. Então, para nos mantermos coerentes com o projeto de tradução proposto, o poema foi inicialmente traduzido com o objetivo de manter a rima dos versos, porém sem nos afastarmos demais do sentido de cada um deles. O rascunho da tradução ficou como mostra o excerto a seguir:

Caro Doutor—eu li tua peça
 Que ao seu modo é boa à beça
 Purga os olhos & move as tripas
 E encharca lenços em bicas
 Com lágrimas que num fluxo de Aflição
 Dão histérico alívio e vasão
 A nervos abalados & acelerados pulsos
 Que tua catástrofe faz convulsos

Após terminarmos a primeira versão do texto poético, procedemos à contagem das sílabas poéticas nos versos traduzidos. Pelo exemplo acima, podemos observar que os três primeiros versos permaneceram octossílabos. Já a métrica dos versos seguintes varia de uma redondilha no quarto verso a um verso bárbaro no sétimo. Dessa forma, a tradução inicial da letra com a manutenção da rima gerou versos cujas métricas flutuantes desacordavam da métrica do texto original. A solução que encontramos foi alterar o número de sílabas poéticas nos versos em que a tradução não gerou um octossílabo, reduzindo-as ou aumentando-as, conforme a necessidade. O texto traduzido final ficou como mostra o exemplo abaixo:

Caro Doutor—eu li tua peça
 Que ao seu modo é boa à beça
 Purga os olhos & move as tripas
 Ensopando lenços em bicas
 Com lágrimas que em Aflição
 Dão histérico alívio e vasão
 A nervos trêmulos & pulsos
 Que tua tragédia faz convulsos

No primeiro verso, para obtermos um octossílabo, contamos as sílabas poéticas fazendo uso de uma sinérese na palavra “tua”. As sílabas ficaram assim divididas: “ca-ro-dou-tor-eu-li-tua-pe-ça”. Como a contagem no verso termina na última sílaba tônica da última palavra, o “ça” de “peça” não foi contado e obtivemos, assim, o octossílabo.

No verso seguinte, a contagem de sílabas foi feita da seguinte forma: “que-ao-seu-mo-dóé-bo-aà-be-ça”. Para obtermos o octossílabo, dispensamos a elisão de “que ao”, assim como a sinérese de “boa” e fizemos uso da elisão em “modo é” e em “boa à”.

Nos versos seguintes, os recursos da sinérese, diérese e elisão foram empregados dentro das necessidades para que o texto poético permanecesse octossílabo do início ao fim.

Dessa forma, consideramos a questão formal da métrica em poesia e da rima, pois, embora o significado transmitido nos textos tenha igualmente sua importância, é inegável que, ao escolher o verso numa determinada métrica para sua composição, o autor desejava transmitir o sentido do texto pela musicalidade presente nas palavras, fazendo uso de um recurso específico. Ainda, conforme argumentação de Berman (2007), ao traduzir a forma, o sentido tenderá a vir com ele, o que nem sempre ocorre quando o sentido do texto é privilegiado na tradução.

4 CONCLUSÃO

We work to become, not to acquire.

Elbert Hubbard

Em relação à proposta deste trabalho, procuramos seguir o mesmo caminho trilhado por Berman (1995 e 2007) na análise de traduções, porém aplicado ao processo pré-tradutório, da tradução em si e pós-tradutório. Nosso projeto de tradução baseou-se no respeito à letra do original, evidenciando a estrangeiridade no texto traduzido. As escolhas tradutórias foram feitas em concordância com esse princípio. Além disso, procuramos tratar a questão da temporalidade do texto ao traduzir determinadas palavras com arcaísmos em língua portuguesa.

O processo pré-tradutório passou pela leitura das cartas contidas nos três volumes da correspondência de Byron selecionados como fonte inicial de pesquisa e pela posterior seleção daquelas cujo conteúdo estava ligado ao objetivo de nosso trabalho, ou seja, cartas endereçadas a Madame de Staël ou que possuísem comentários relevantes sobre ela. Em seguida, como escoramento da tradução (BERMAN, 1995), fizemos a leitura das biografias dos autores e o levantamento biográfico a respeito dos principais destinatários das cartas selecionadas para o *corpus*.

Concluído o escoramento da tradução, refizemos a leitura das cartas do *corpus*, identificando as passagens que julgamos problemáticas e destacando as passagens onde a marca do autor se fazia mais evidente daquelas em que poderíamos exercer alguma liberdade de tradução.

No processo tradutório, as escolhas feitas passaram principalmente pela não tradução de substantivos próprios, pela manutenção dos arcaísmos, aliterações e trocadilhos utilizados pelo autor e pela manutenção de palavras e expressões estrangeiras como no original.

É relevante revisarmos, também, as opções feitas para a tradução do texto poético, presente na Carta 25 do capítulo anterior. A decisão tomada foi a de nos mantermos dentro do projeto de tradução, observando o respeito pela letra do original. Para tanto, o texto original teve suas sílabas poéticas contadas e foi traduzido com o objetivo de manter a rima dos versos, porém sem nos afastarmos demais do sentido de cada um deles. Feito esse primeiro rascunho, procedemos à contagem das sílabas poéticas nos versos traduzidos, que foram encurtados ou alongados de modo a se manterem octossílabos como o texto original.

Feita a tradução, passamos à sua confrontação com o seu projeto, por meio das exemplificação das escolhas no capítulo dedicado à tradução comentada. Embora tenhamos chegado a escolhas aceitáveis, não foi possível mantermos todas as marcas do texto original no texto de chegada, em função do apagamento de alguns arcaísmos. Apesar disso, consideramos que o projeto atingiu seu objetivo inicial ao apresentar ao leitor de língua portuguesa uma tradução que primou pelo respeito à letra do texto original e marcada pela estrangeiridade.

É importante termos em mente que, mais do que chegar a uma tradução adequada, nossa pesquisa buscou colocar em prática os conceitos e reflexões sobre tradução apresentados neste trabalho e discutidos durante o período de estudo na Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

As reflexões de Berman (1995 e 2007) relativas ao processo de análise e crítica de traduções mostraram-se válidas também no processo tradutório. Ao pensarmos o ofício do tradutor e a meta da tradução, fomos levados a um processo de tomada de decisões mais consciente como profissionais e estudiosos do tema.

O trinômio projeto de tradução, posição tradutória e horizonte tradutório, conforme proposto por Berman (1995), permite ao tradutor delinear de forma mais embasada os critérios que serão adotados no processo tradutório, fundamentando as escolhas feitas e servindo como base para a crítica da tradução e a autocrítica do tradutor. Ao confrontar a tradução com seu projeto, o tradutor não apenas julgará seu trabalho como mais ou menos adequado de acordo com os critérios estabelecidos – por ele ou por quem solicita a tradução –, mas também poderá refletir sobre as escolhas feitas no processo tradutório, tendo assim a oportunidade de enriquecer sua prática e contribuir com os estudos teóricos da tradução.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. À Titília, do Demonão (D. Pedro I à Marquesa de Santos). In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

AMARAL, Glória Carneiro do. *Sévigné em ação: sévignações*. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádía Battella. *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de; e ANDRADE, Mário de. Carlos & Mário: correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Prefácio e notas de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2003.

ANGELIDES, Sophia. *Carta e Literatura: correspondência entre Tchekhov e Gorki*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard, 1995.

_____. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007. Tradução de Marie-Hélène C. Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerin.

_____. *A prova do estrangeiro*. Bauru: EDUSC, 2002. Tradução de Maria Emília Pereira Chanut.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução, a teoria na prática*, São Paulo: Ática, 2000.

BARRETO, Eleonora Frenkel. Tradução Comentada – MUSAK: música ambiente. Scientia Traductionis. Scientia Traductionis, v. 2, 2006. Disponível em <<http://www.scientiatraductionis.ufsc.br>>. Acesso em: 26 ago. 2006.

BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. Tradução de Léa Novaes.

BARTON, David; HALL, Nigel. *Letter Writing as a Social Practice*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

BRAIT, Beth (org.). Bakhtin: dialogismo e construção do sentido. São Paulo: UNICAMP, 1997.

BROWN, John L. What Ever Happened to Mme de Sévigné? Reflections on the Fate of the Epistolary Art in Media Age. *World Literature Today*, v. 64, 1990.

BYRON, George Gordon. *Byron's letters and journals*, v. 3 (1813 – 1814): “Alas! The love of women”. Edited by Leslie A. Marchand. Cambridge: Harvard University Press, 1974.

_____. *Byron's letters and journals*, v. 5 (1816 – 1817): “So late into the night”. Edited by Leslie A. Marchand. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

_____. *Byron's letters and journals*, v. 6 (1818 – 1819): “The flesh is frail”. Edited by Leslie A. Marchand. Cambridge: Harvard University Press, 1976.

_____. *Lord Byron: Selected Letters*. Disponível em <<http://englishhistory.net/byron/letters/byteresa.html>>. Acesso em: 16 set. 2009.

CARNEIRO, Davi Pessoa. *A tradução como percurso em A Terceira Margem do Rio, de Guimarães Rosa*. Scientia Traductionis, n. 6, 2008. Disponível em <<http://www.scientiatriaductionis.ufsc.br>>. Acesso em: 21 jul. 2009.

CIRENE, Sinésio de. *O elogio da calvície*. Introdução e tradução de João Batista Camilotto. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2001.

CONCEIÇÃO, Adriana Angelita da. *No vai e vem das cartas: a arte de governar da política colonial setecentista através da epistolografia*. 2006. f. Dissertação (Mestrado em História Cultural). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

- COUTINHO, Afrânio. *Crítica e Teoria Literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- DAVIS, Norman (editor). *The Paston Letters: a selection in modern spelling*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- DEVITT, Amy J. *Writing Genres*. Illinois: Southern Illinois University Press, 2004.
- DIAZ, Brigitte. *L'épistolaire ou la pensée nomade*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.
- FINLAY, George. *History of the Greek Revolution*. vol. 2, London, William Blackwood and Sons: 1861. Disponível em <http://books.google.com.br/books?id=wJ4EXc7ilkkC&pg=PA22&lpg=PA22&dq=%22It+seemed+as+if+two+different+souls+%22&source=web&ots=Hq_C2nYoVY&sig=cSUtvPUDHQPpydksysFhCWplSMel&hl=pt-BR>. Acesso em: 06 mar. 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité III: Le souci de soi*. Paris: Gallimard, 1984. (Tradução em português. O Cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1999.)
- GENETTE, Gérard. *Seuils*. Paris: Seuil, 1987.
- GOODMAN, Dena. *The Republic of Letters: A Cultural history of the French Enlightenment*. London: Cornell University Press, 1994.
- GUTWIRTH, Madelyn. *Madame de Staël, Novelist: The Emergence of the Artist as Woman*. Urbana, Chicago and London: University of Illinois Press, 1978.
- HATCH, Maurice (autor); VOZ, Alvin (editor, tradutor). *Letters of Roger Ascham*. Frankfurt am Main: Peter Lang Pub Inc, 1989.
- HEROLD, J. Christopher. *Mistress to an Age: A life of Madame de Staël*. New York: Grove Press, 1958.
- HOUAISS, Antônio (ed.); CARDIM, Ismael (co-ed.); GUEDES, Peônia Viana, [et al.], redatores. *Dicionário Webster's Inglês/Português*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

IVASK, Ivar. *The Letter: A Dying Art?*. World Literature Today, v. 64, 1990.

KOGLIN, Arlene. *A tradução de metáforas em tiras do Garfield*. Scientia Traductionis, v. 3, 2006. Disponível em <<http://www.scientiatraductionis.ufsc.br>>. Acesso em: 03 jan. 2007.

LANSON, G. Choix de lettres du 17e siècle, Paris: Hachette, 1890, In : BROWN, John L. What ever happened to Mme de Sévigné? Reflections on the fate of Epistolary Art in a Media Age. In World Literature Today, vol. 64, 1990.

LIMA, Sônia Maira van Dijck & FIGUEIREDO JÚNIOR, Nestor. *De Gilberto Freyre para José Lins do Rego*. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella. Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOPEZ, Telê Ancona. Uma ciranda de papel: Mário de Andrade destinatário. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella. Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACCARTHY, Fiona. *Byron: life and legend*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 1999.

MAUROIS, André. *Don Juan ou a fascinante vida de Lord Byron*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1966. Tradução de Maria Clara Mariani Lacerda e Tereza Bulhões de Carvalho da Fonseca.

MOERS, Ellen. *Literary Women*. London: The Women's Press, 1986.

MORAES, Marcos Antônio de. *Me escreva tão logo possa: antologia da carta no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

MIRANDA, Tiago C. P. dos Reis. A arte de escrever cartas: para a história da epistolografia portuguesa no século XVIII. In GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella. Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MORAES, Marcos Antônio de. *Me escreva tão logo possa: antologia da carta no Brasil*. São Paulo: Moderna, 2005.

_____. Epistolografia e Crítica Genética. *Ciência Cultural*. v. 59, n. 1, São Paulo, Jan./Mar. 2007. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252007000100015&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 30 jun. 2009.

NANNI, Gabriela de França. *Da experiência de uma tradução: La Fin de la Nuit (1935) de François Mauriac*. Florianópolis, Scientia Translationis, v. 2, 2006. Disponível em <<http://www.scientiatraductionis.ufsc.br>>. Acesso em: 26 ago. 2006.

_____. *Relatos de uma experiência: a tradução comentada do romance La fin de la Nuit de François Mauriac*. 2007. f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

NIXON, Martin & COVENTRY, Lucinda. (org.). *Little Oxford Thesaurus*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

OLIVEIRA, Aileda de Mattos. Epistolografia e Linguagem. *Revista Philologus*. Número 8, 1997. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/revista>>. Acesso em 6 fev. 2009.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. *A barca de Gleyre*, de Monteiro Lobato: uma leitura de saber e/ou fruição. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 26-28, abr./jun. 2008.

PEREIRA, Virgínia Soares. *Plínio e a sombra tutelar de Cícero*. *Ágora. Estudos Clássicos em Debate* 8. Departamento de Línguas e Culturas, Universidade de Aveiro (Portugal), 2006. Disponível em <<http://www2.dlc.ua.pt/classicos/A%20sombra%20tutelar.pdf>>. Acesso em: 26 mai. 2009.

PHELPS, Gilbert (ed.). *The Byronic Byron*. London: Longman Group Limited, 1971.

PREUSS, Maria Aguiar Souza. *A correspondência epistolar de Henrique da Silva Fontes*. 1998. f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasi-

leira e Teoria Literária). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

RALEIGH, Walter. *On Writing and Writers*. London: Edward Arnold & Co., 1926.

REVEL, Jacques. As práticas da civilidade. In CHARTIER, Roger (dir.) *História da vida privada*. Vol III (Do Renascimento ao Século das Luzes). Porto, Afrontamento, 1990. Tradução de Armando Luís de Carvalho Homem.

ROCHA, Zeferino. *Abelardo-Heloísa – Cartas*. Recife: UFPE, 1997.

ROSA, João Guimarães; e BIZZARRI, Edoardo. João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. 3 ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.

SAINTSBURY, George. *A Letter Book – selected with an introduction on the history and art of letterwriting*. New York: London G. Bell, 1922.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Margarete von Muhlen Poll. In: *Clássicos da teoria da tradução*. Werner Heidermann (org.). Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001.

SILVA, Wanessa Gonçalves. *A analítica bermaniana aplicada a uma tradução de Macbeth*. Scientia Traductionis, n. 3, 2006. Disponível em <<http://www.scientiatraductionis.ufsc.br>>. Acesso em: 24 abr. 2007.

_____. *Dr. Faustus e um projeto de tradução estrangeirizante*. Revista Scientia Traductionis, n. 1, 2005. Disponível em <<http://www.scientiatraductionis.ufsc.br>>. Acesso em: 24 abr. 2007.

_____. *Por um projeto de tradução estrangeirizante: Dr. Faustus, uma tradução comentada e anotada*. 2006. f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SISCAR, Marcos; RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Apresentação*. ALFA - Revista de Linguística, Tradução, Desconstrução e Pós-

Modernidade. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 44, n. esp., 2000.

SOANES, Catherine & STEVENSON, August. (org.). *Oxford Dictionary of English*. 2ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2003.

STAËL-HOLSTEIN, Germaine de. *Madame de Staël: ses amis, ses correspondants. Choix de Lettres (1778 – 1817)*. Présenté et commenté par Georges Solovieff. Paris: Klincksieck, 1970.

SUMMERS, Della. (org.). *Longman Dictionary of Contemporary English*. Essex: Longman Group Ltd., 1995.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility*. London/New York: Routledge, 1995.

_____. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução de Laureano Pelegrini, et. al. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

VERSINI, Laurent. O romance epistolar, In: STALLONI, Yves. *Os Gêneros Literários*. 3. ed. Rio de Janeiro, DIFEL: 2007. Tradução e notas de Flávia Nascimento.

WILKES, Joanne. *Lord Byron and Madame de Staël: Born for Opposition*. London: Ashgate, 1999.